

**MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

MESTRADO EM ENSINO EM BIOCÊNCIAS E SAÚDE

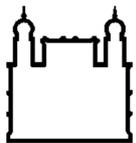
Silvia Maria Magalhães Costa

**Mais além da vida orgânica: a convivência como fator de prevenção do
isolamento social dos idosos e de promoção da saúde**

Orientador: Professor Doutor Nilton Bahlis dos Santos

Rio de Janeiro

Agosto 2019



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde
Área de Concentração: Ensino não formal em Biociências e Saúde

Silvia Maria Magalhães Costa

**Mais além da vida orgânica: a convivência como fator de prevenção do
isolamento social dos idosos e de promoção da saúde**

**Dissertação apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz
como parte dos requisitos para obtenção do título de
Mestre em Ensino em Biociências e Saúde.**

Orientador: Prof. Dr. Nilton Bahlis dos Santos

Rio de Janeiro

Agosto 2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: silmag.costa@gmail.com

Costa, Silvia Maria Magalhães.

Mais além da vida orgânica: a convivência como fator de prevenção do isolamento social dos idosos e de promoção da saúde / Silvia Maria Magalhães Costa. - Rio de Janeiro, 2019.

157 f.; il.

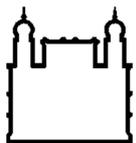
Dissertação (Mestrado) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2019.

Orientador: Nilton Bahlis dos Santos.

Bibliografia: f. 128-137

1. Envelhecimento. 2. Promoção da Saúde. 3. Convivência. 4. Pessoa Idosa. 5. Saúde do Idoso. I. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Biblioteca de Manguinhos/ICICT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

Silvia Maria Magalhães Costa

**Mais além da vida orgânica: a convivência como fator de prevenção do
isolamento social dos idosos e de promoção da saúde**

Orientador: Prof. Dr. Nilton Bahlis dos Santos

Aprovada em: ____/____/____

Examinadores titulares:

Profa. Dra. Luciana Lopes de Almeida Ribeiro Garzoni - PPGEBS/IOC/Fundação Oswaldo Cruz

- Presidente

Profa. Dra. Simone Martins - Programa de Pós-graduação em Administração/Universidade Federal de Viçosa

Dra. Paula Chagas Bortolon - ICTS/Icict/Fundação Oswaldo Cruz

Examinadores Suplentes

Profa. Dra. Tania Cremonini de Araújo-Jorge - PPGEBS/IOC/Fundação Oswaldo Cruz

(Revisora e 1ª Suplente)

Dra. Alessandra dos Santos - Next/Fundação Oswaldo Cruz

Prof. Dr. Marcio Luiz Braga Correa de Mello - PPGEBS/IOC/Fundação Oswaldo Cruz

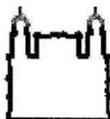
Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2019



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

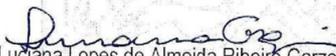
ATA

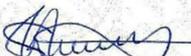


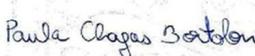
Ministério da Saúde

Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz

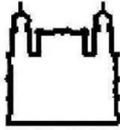
Ata da defesa de dissertação de mestrado em Ensino em Biociências e Saúde de **Silvia Maria Magalhães Costa**, sob orientação do Dr. Nilton Bahlis dos Santos. Ao trigésimo dia do mês de agosto de dois mil e dezenove, realizou-se às dez horas, no Auditório Maria Deane - Pavilhão Leonidas Deane, o exame da dissertação de mestrado intitulada: "**Mais além da vida orgânica: a convivência como fator de prevenção do isolamento social dos idosos e de promoção da saúde.**", no programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências - área de concentração: Ensino Não Formal em Biociências e Saúde, na linha de pesquisa: Ensino e Aprendizagem em Biociências e Saúde (F). A banca examinadora foi constituída pelos Professores: Dr^a. Luciana Lopes de Almeida Ribeiro Garzoni - IOC/FIOCRUZ (Presidente), Dr^a. Simone Martins - UFV/MG, Dr^a. Paula Chagas Bortolon - SES/RJ e como suplentes: Dr^a. Tania Cremonini de Araujo Jorge – IOC/FIOCRUZ e Dr^a. Alessandra dos Santos – FIOCRUZ/RJ. Após arguir a candidata e considerando que a mesma demonstrou capacidade no trato do tema escolhido e sistematização da apresentação dos dados, a banca examinadora pronunciou-se pela APROVAÇÃO da defesa da dissertação de mestrado. De acordo com o regulamento do Curso de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, a outorga do título de Mestre em Ciências está condicionada à emissão de documento comprobatório de conclusão do curso. Uma vez encerrado o exame, a Coordenadora do Programa, Dr^a. Tania Cremonini de Araujo Jorge, assinou a presente ata tomando ciência da decisão dos membros da banca examinadora. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2019.


Dr^a. Luciana Lopes de Almeida Ribeiro Garzoni (Presidente da Banca):

Dr^a. Simone Martins (Membro da Banca): 

Dr^a. Paula Chagas Bortolon (Membro da Banca): 

Dr^a. Tania Cremonini de Araujo Jorge (Coordenadora do Programa): 



Ministério da Saúde

Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz

ADENDO À ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado EM ENSINO EM
BIOCIÊNCIAS E SAÚDE DE SILVIA MARIA MAGALHÃES COSTA

Correções sugeridas pela Banca Examinadora a serem efetuadas pela Pós-Graduanda no
prazo de 90 dias:

SUGESTÃO:

- ① ORGANIZAR O ENCADEAMENTO NA LÓGICA
DA APRESENTAÇÃO
- ② REESTRUTURAR A DISCUSSÃO

Data da defesa: 30.10.2019


Assinatura do Presidente da Banca

Av. Brasil, 4365 Manguinhos Rio de Janeiro RJ Brasil CEP: 21040-36
Contatos: (21) 2562-1201 / 2562-1299 E-mail: atendimentoeac@ioc.fiocruz.br Site: www.fiocruz.br/iocensino

Às pessoas idosas.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais Luiz e (in memoriam) Manon pela vida e pela orientação de vida. Aos meus filhos, que trouxeram mais vida à vida. Especialmente, agradeço à minha filha Larissa por todo o suporte nos momentos difíceis e pela habilidade de descomplicar o complicado, com carinho e dedicação. Agradeço aos filhos Augusto e Gregory, pela prontidão quando preciso de ajuda e por me trazerem os netos Manuela e Pablo, tão queridos. Sou grata a minhas irmãs, Sonia e Sandra, pela meiguice, cumplicidade e solidariedade. Obrigada à minha tia e madrinha Myrthes pelo cuidado comigo durante a vida, principalmente desde que minha mãe se foi. E à prima Lucia por todo o apoio.

Obrigada ao meu orientador Nilton Bahlis dos Santos pelas aprendizagens que me proporcionou. Agradeço o acolhimento de Tania Cremonini de Araújo-Jorge, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS)/IOC/Fiocruz. E muito agradeço ao Isac Macêdo, da Secretaria Acadêmica do PPGEBS, pela delicadeza e competência em sua lida com todos; sempre que me apresentei como “sua aluna idosa”, ele riu com ternura.

Celebro minhas amigas Isabela Soares Santos e Bárbara Pellegrini, com quem compartilho pontos de vista, camaradagem e alegrias. Gratidão a minhas amigas - que brincam sermos “velhas, novas amigas” - Marta Pessoa, Carlota Esteves, Vera Damazio, Lygia Galvão e Lisa Valéria, tolerantes, animadas e excelentes interlocutoras sobre a velhice, além de outros assuntos! Também agradeço à Vera Podcameni, amiga desde a infância de nossos filhos, companhia nas sessões de cinema e de filosofia. E ao Jorge Costa, com quem divido o sobrenome - apesar de não termos parentesco-, mas também divido afinidades.

Muito agradeço às integrantes do Núcleo de Experimentação em Tecnologias (Next)/Fiocruz pelo intercâmbio de reflexões, saberes e risadas nas reuniões de pesquisa: Eide Barbosa, Paula Bortolon, Rita Machado e Alessandra Bax.

Aos professores do PPGEBS, agradeço os ensinamentos. Em especial, obrigada ao Maurício Luz pelas suas palavras compreensivas diante de meu sofrimento na morte de minha mãe, quando estava cursando sua disciplina. Agradeço a oportunidade de ter conhecido colegas que marcaram meu período de Mestrado.

"O que cura é o contato afetivo de uma pessoa com a outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito". Nise da Silveira

Apresentação da autora

O trabalho na área de envelhecimento e longevidade coincidiu com a minha “entrada na velhice”, segundo definição da Organização Mundial da Saúde que delimita a idade de 60 anos como o início da terceira idade. Nesse momento da vida, idosos na faixa de 60 a 69 anos têm pais com idades acima dos 80 anos, o que também me fez vivenciar meu objeto de estudo como idosa e filha de idosos. No segundo ano do mestrado, minha mãe entrou em fase terminal da doença de Parkinson e acompanhei de perto seu processo de morte durante três meses – a experiência mais difícil de minha vida. Essa aprendizagem tem sido compartilhada com os colegas pesquisadores e incluída na pesquisa de forma permanente, com uma produção teórica vivencial articulada com a vida acadêmica.

A pesquisa faz parte de minha trajetória desde 1997, tendo em 2010 me tornado pesquisadora do Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas (Next)/Fiocruz, coordenado pelo Professor Doutor Nilton Bahlis dos Santos, docente colaborador no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS)/IOC. A vinculação de meu orientador ao PPGEBS me estimulou a ingressar no Mestrado em 2017.

Linha do tempo da trajetória profissional

A partir de 1972, minha educação de nível técnico em tradução me permitiu trabalhar no Uruguai e no Brasil, antes e durante a graduação. Quando formada em Comunicação Social, com habilitação em Produção Editorial (UFRJ, 1974-1979), passei a atuar como editora, assessora de comunicação e roteirista audiovisual – em uma trajetória de 20 anos –, mantendo ainda, eventualmente, atividades como tradutora *freelancer*.

De 1992 a 2002 fiz consultoria para projetos de educação escolar de instituições de ensino do Rio de Janeiro (Quintino, Meier, Seropédica, Flamengo, Tijuca), com proposta pedagógica de comunicação e tecnologias, formando professores para uso educacional das tecnologias combinadas a processos de comunicação. Essa experiência incluiu ainda curso de cinema para professores; autoria de um livro infantil publicado em 1998, adotado nas escolas clientes, e docência no Instituto de Artes/UERJ como professora substituta em 1999. Para fundamentação do trabalho, fiz uma especialização em Educação (CFCH/UFRJ, 1998).

Em 2003, minha integração à Saúde Pública aconteceu por meio de processo seletivo para contratação temporária, no período de surgimento das agências reguladoras, quando não havia concurso para o serviço público. Como parte de minha formação permanente, cursei uma especialização em Comunicação e Saúde (ICICT/Fiocruz, 2006).

- Na Agência Nacional de Saúde Suplementar (2003-2007) fui coordenadora editorial, tendo também função junto à Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-MS), do Ministério da Saúde (MS), para organização de acervos virtuais sobre saúde suplementar.
- O trabalho feito na ANS levou a gerência da BVS-MS a me indicar para a mesma função no INCA, onde fui chefe do serviço de divulgação científica (2006-2009).
- Após mudanças na direção do INCA, fui convidada para a função de editora executiva de um projeto de qualidade do cuidado e segurança do paciente, o Proqualis, na Fiocruz (2009-2012).
- Posteriormente, novo convite me levou a ser diretora de uma ONG da área de longevidade apoiada pela Secretaria Estadual de Saúde e pelo Instituto Vital Brazil (2012-2016).
- Ao final de 2016, o presidente da ONG me indicou para a direção do Departamento de Atenção ao Idoso no Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), onde concebi e lancei uma proposta de política pública para o envelhecimento populacional com foco em idosos vulneráveis (2017-2018).

Desde 2010 integro a equipe do Núcleo de Experimentação em Tecnologias Interativas e Saúde (Next)/Fundação Oswaldo Cruz, coordenado pelo Professor Doutor Nilton Bahlis dos Santos, responsável pelo Next e meu orientador de mestrado. O Next é um laboratório de experimentações nas redes sociais da internet, integrante do grupo de pesquisa “Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde”, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Depois de um ano como diretora do Departamento de Atenção ao Idoso, no Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e de lançar o produto que fui construir, retomei o mestrado na EBS/IOC/Fiocruz, para o qual havia sido aprovada em 2017, com um projeto sobre longevidade e promoção da saúde.

Antecedentes da pesquisa

Nossa pesquisa começou antes mesmo da concepção de meu projeto de mestrado, em razão das oportunidades que tive para conhecer o trabalho do Agente Comunitário de Saúde (ACS), um profissional que abre caminho para a equipe da Estratégia de Saúde da Família - da qual faz parte - e realiza atividades com a sociedade, viabilizando a efetivação da promoção da saúde das pessoas em geral e dos idosos, em particular, em processo de aprendizagem mútua com a comunidade. O contato com o trabalho de ACSs foi possibilitado por visitas técnicas realizadas no período de 2013 a 2015, para acompanhamento de suas atividades em interação com pessoas idosas das comunidades às quais se vinculam. Como não se tratava de pesquisa, mas de visita técnica da equipe da ONG Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR), não houve projeto para submissão a Conselho de Ética em Pesquisa. As unidades visitadas foram, na Rocinha: Clínica da Família Maria do Socorro Silva e Souza, Centro Municipal de Saúde Dr. Albert Sabin e Clínica da Família Rinaldo de Lamare. E, em Botafogo: Clínica da Família Santa Marta e Centro Municipal de Saúde (CMS) Dom Hélder Câmara.

Essas experiências com ACSs foram discutidas no coletivo de pesquisadores onde atuo: o Next/Fiocruz. Em nossa análise, a convivência comunitária chamou especial atenção em vista dos estudos do Next sobre comunidade virtual e nos levou a produzir trabalhos sobre a influência do ACS na melhoria da vida dos idosos de seu território, com destaque para a prática situada em comunidades. Apresentamos diversos trabalhos em congressos e seminários da área da Saúde.

Naquela fase da pesquisa começamos a pressupor que há pessoas chave que mantêm o idoso conectado ao mundo, como é o caso do ACS e sua abordagem holística da pessoa idosa – para além da visão biomédica, com destaque para o fortalecimento da relação do idoso com a vida. Também concluímos que, do mesmo modo, entre outras pessoas, os cuidadores de idosos e os profissionais de saúde favorecem a manutenção dos elos entre idosos e o mundo do qual se afastam quando acontece o isolamento social. Com o avanço de nossa reflexão, em sintonia com a formulação Gramsciana (Gramsci, 2001) sobre intelectuais orgânicos, reconhecemos a mesma relevância do ACS na nova cultura que emerge com o envelhecimento populacional e seu papel fundamental na vida de pessoas idosas. Ao longo de nossa pesquisa, a preservação do elo do idoso com o mundo se mostrou um aspecto relevante para a prevenção do isolamento e a promoção da saúde. Um filme lançado neste ano de 2019, de autoria de Pedro Almodóvar, intitulado “Dor e Glória”, conta a história de um personagem idoso acometido por depressão e

viciado em remédios, até que um relacionamento do passado revela sua admiração por ele e por seu trabalho, assim resgatando a vida saudável do idoso antes depressivo. A perda da conexão dos idosos com o mundo conforme era vivenciado na vida adulta e de meia idade vem se mostrando um risco evitável.

Em mais um passo dessa reflexão, estabelecemos nossa visão sobre as pessoas idosas, com o entendimento de que são sujeitos da ação social que lhes diz respeito, aptas a dialogarem sobre suas preocupações e demandas. Nessa perspectiva, nos colocamos a pergunta: “enquanto os especialistas analisam o contexto de envelhecimento crescente e emitem suas recomendações, o que os idosos expressam sobre suas vidas?”. Essa questão nos levou a uma análise comparativa de duas publicações: uma com um ponto de vista sobre o envelhecimento e a outra sobre uma mobilização social que envolveu toda uma população e não apenas os idosos, mas é tomada por nós como referência por sua universalidade como iniciativa de pessoas em busca de transformação de sua realidade. As publicações são “Envelhecimento Ativo: um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade” e “E também lhes ensinem a ler... A Experiência da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua”. O estudo produzido em 2016 foi publicado em 2018 pela Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde, além de apresentado em um seminário e divulgado em seus anais.

Sempre pensando na convivência como essencial para o processo de envelhecimento e referenciados pelos trabalhos sobre comunidades virtuais elaborados pelos pesquisadores do Next/Fiocruz, ao final de 2016, criamos uma comunidade virtual de idosos no Facebook, intitulada “Envelhecimento em Comunidade”, descrita em capítulo específico deste trabalho, que integrou o projeto apresentado no processo seletivo ao mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Outro marco de nossos estudos sobre longevidade foi a colaboração estabelecida com o programa de extensão da Universidade Federal de Viçosa – UFV - (Programa de Extensão Interdisciplinar: Ações para o Envelhecimento Ativo), constituído por estímulo à convivência de moradores idosos da Comunidade do Beco, situada na cidade de Ponte Nova, Minas Gerais. O programa de extensão proporcionou ações voltadas à promoção da saúde dos idosos da Comunidade do Beco, que, em resultados de pesquisa da UFV, mostraram melhoras na qualidade de vida a partir de atividades de educação não formal que tinham o objetivo de alcançar o “envelhecimento ativo”. A partir de 2015, esse programa de extensão gerou inúmeras iniciativas acadêmicas para nosso grupo de pesquisadores e passou a incluir outros

departamentos da UFV, no decorrer de 2017 e 2018, alcançando uma vasta produção de trabalhos, como um capítulo de livro, prefácio de outro livro, apresentações em seminários e participação em diversos eventos.

Enquanto realizávamos a pesquisa no grupo Envelhecimento em Comunidade, recebemos apoio do Instituto Sul-Americano de Governo de Saúde (ISAGS), organismo da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), para produzir um relato da experiência. Em 2017, nosso trabalho participou da seleção de relatos dos países da região de abrangência da Unasul e foi premiado, recebendo subsídios para a coleta de informação, documentação e divulgação. Foi publicado no relatório “Desafíos del Envejecimiento en Suramérica”, lançado em abril de 2018.

No período de março de 2017 a abril de 2018, a produção de conhecimento também abrangeu temas de políticas públicas para o envelhecimento da população idosa vulnerável, durante meu exercício de um cargo de direção no Ministério do Desenvolvimento Social. Grande parte de nossa produção englobou a experiência que vivíamos com a comunidade virtual de idosos - grupo Envelhecimento em Comunidade-, mas também abordou o desenvolvimento da política que fui encarregada de propor para lançamento em abril de 2018.

A moderação do grupo Envelhecimento em Comunidade iniciada em setembro de 2016 prossegue até o presente com um recorte de análise para esta dissertação que vai da data de constituição da comunidade virtual até março de 2019 – um intervalo de 30 meses.

As relações em comunidade virtual se dão por meio de postagens, comentários e curtidas, tendo também outros componentes do Facebook reveladores de interesses – ou rejeição - dos membros do grupo, como compartilhamentos de postagens, curtidas nos comentários e denúncias. O conteúdo dessas manifestações é um importante indicador dos tipos de relações estabelecidas, assim como a quantidade delas é também significativa. Como será visto aqui em capítulo específico, há recursos do Facebook, como “denúncia”, que definem a direção tomada pelas relações entre os participantes da comunidade.

Outra contribuição a nossas reflexões adveio também da parceria de uma instituição de ensino privada com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), que conta com a participação ativa dos estudantes de graduação e de pós-graduação. Esses estudantes, jovens - em sua maioria-, desenvolvem os trabalhos sobre longevidade ao mesmo tempo em que afirmam que a velhice está distante para eles. Essa inquietação foi materializada em uma oficina ministrada por nós

como um “exercício de imaginação” para o estabelecimento de relações empáticas dos jovens com imagens do envelhecimento. O relato dessa oficina foi premiado com o 1º lugar no 10º Simpósio de Ciência, Arte e Cidadania, pela organização do evento, coordenado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências em Saúde (EBS), do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Opção de formato

Esta dissertação se vale da liberdade de estruturação ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS)/IOC que possibilita a inserção de artigos publicados juntamente com capítulos em formatos textuais dissertativos ou como manuscritos a serem submetidos a publicação. Desse modo, no item “Resultados”, o trabalho ficou organizado em 4 seções, da seguinte forma: 1 artigo publicado (Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidade de pessoas idosas), 1 manuscrito a ser submetido a publicação (Comunidade Virtual de Idosos: observações sobre o envelhecimento em um grupo público no Facebook), 1 relato de experiência (Observação Participante em iniciativas de extensão universitária com idosos) e 1 relato de oficina (Eu jovem, não me preocupo com o envelhecimento).

Lista de Ilustrações

Figuras

Figura 1 - Evolução da esperança de vida ao nascer no Brasil – 1910 a 2010	08
Figura 2 - Quadro do aumento da população no Brasil segundo o IBGE.....	9
Figura 3 - População residente, por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2000	11
Figura 4 - População residente, por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2010	11
Figura 5 - Pilares do Envelhecimento Ativo	14
Figura 6 - Gráfico do Curso de Vida e Capacidade Funcional	14
Figura 7 - Gráfico das redes de Baran.....	22
Figura 8 - Ciclo de vida do Dictyostelium Discoideu.....	25
Figura 9 - Imagem do grupo Envelhecimento em Comunidade	51
Figura 10 – Gráfico do crescimento da comunidade durante o primeiro ano	52
Figura 11 – Gráfico de Idade e Gênero no grupo Envelhecimento em Comunidade	55
Figura 12 – Registro fotográfico da entrega do certificado ao município de Ponte Nova.....	78
Figura 13 – Foto de capa do livro Envelhecimento Ativo - das ações à política.....	79
Figura 14 – Registro fotográfico de idosa com a palavra no Parlamento do Idoso	80
Figura 15 - Foto de capa do livro Faces do Envelhecimento: como é envelhecer em Viçosa.....	81
Figura 16 - Roda de Conversa no II Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social....	84
Figura 17 - Exposição de produtos para a reabilitação física de pessoas idosas.....	85
Figura 18 - Roupas simuladoras da velhice.....	86
Figura 19 - Outdoor produzido no Projeto de Extensão com Interface em Pesquisa.....	86
Figura 20 – Foto de capa do livro Envelhecimento no Brasil: o retrato da diversidade	87
Figura 21 – Foto de capa do livro ComunIDADE, identIDADE, plasticIDADE, nada disso interessa-nos... Interessa-nos envelhecer com dignidade	87
Figura 22 - Idosos em sessão de cinema	89
Figura 23 - Apresentação de dança	90
Figura 24 - Roupas simuladoras da velhice – foto 2	97
Figura 25 - Exposição de produtos fisioterápicos na Universidade FADIP – foto 1	97
Figura 26 - Exposição de produtos fisioterápicos na Universidade FADIP – foto 2.....	97
Figura 27 - Quadro resumo dos pontos de observação e principais características	101
Figura 28 – Quadro-resumo dos espaços de fala dos idosos	105

Tabelas

Tabela 1 - Intervalos de crescimento da comunidade durante o primeiro ano.....	53
Tabela 2 - Número de membros por país e por cidade.....	54

Sumário

1 INTRODUÇÃO	04
1.1. O que fazem as pessoas idosas como estratégia de promoção da saúde?	04
1.2. Objetivos	06
1.3. Revisão de literatura: as bases da vida longa	06
1.3.1 Longevidade	06
a) Construção social de faixas etárias	09
b) A população idosa na transição demográfica	10
c) Inerência da vida social no processo biológico: autonomia e independência	13
1.3.2 Convivência	15
a) Preservação da convivência na velhice	15
b) Educação não formal	17
1.3.3 Comunidade	19
a) Comunidade virtual e interatividade em rede	21
b) Emergências	24
1.3.4 Fatores de influência na vida dos idosos	26
a) Prevenção do isolamento social do idoso	26
b) Promoção da Saúde	27
2 CAMINHO METODOLÓGICO	29
2.1 Perguntas Orientadoras	29
2.2. Opção Metodológica	30
2.3. Compromisso ético quanto aos dados na internet	33
3 RESULTADOS	35
3.1. Artigo Publicado: Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidade de pessoas idosas	35
3.1.1 Resumo e Abstract	36
3.1.2 Introdução	37
3.1.3 Métodos	39
3.1.4 Resultados/Discussão	40
3.1.5 Conclusão	44
3.1.6 Referências	46
3.2. Manuscrito em Preparação: Comunidade virtual de idosos: observações sobre o envelhecimento em um grupo público no Facebook	47
3.2.1. Resumo	48

3.2.2. Introdução	49
a) Descrição do grupo “Envelhecimento em Comunidade”	49
b) Imagem-símbolo	50
c) Origem e crescimento da comunidade criada como grupo do Facebook	51
3.2.3 Metodologia	54
3.2.4 Resultados	55
a) Características da moderação e das interações	56
b) As “ondas” por onde a comunidade navega	58
c) Para os membros: se é comunidade de envelhecimento, é só para idosos!	58
d) Homem não entra! Mas o grupo se tornou misto!	59
e) Mulheres são indefesas ou sabem se cuidar?	60
f) O que pode e o que não pode!	61
g) De onde surgem os preconceitos?!	62
h) União segundo polarizações	62
i) Como lidar com a diferença?	63
j) Viver em comunhão	64
k) Estratégias de combate à solidão	65
l) Sexualidade – um problema na velhice?	66
3.2.5 Análises e Considerações	66
a) Como uma comunidade diversa pode construir uma única identidade?	66
b) Algumas vozes da comunidade	68
c) Sínteses dos moderadores	69
3.3. Relato de Experiência: Observação participante em iniciativas de extensão universitária com idosos	70
3.3.1. Resumo	71
3.3.2. Introdução	71
3.3.3 Metodologia	72
3.3.4. Iniciativa 1 UFV: Envelhecimento Ativo em uma comunidade mineira	73
a) Percepção de melhorias na Comunidade do Beco	73
b) Os contornos de uma pesquisa para a qualidade de vida de pessoas idosas	74
c) Programa contribui para premiação da cidade	77
3.3.5 Iniciativa 2 UFV: Como envelhecer em Viçosa	80
a) Pesquisa das faces do envelhecimento em Viçosa	80
b) Encontros Mineiros	82
c) I Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social	82

d) II Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social	83
e) Prazeres que “alimentam” a velhice	87
3.3.6 Iniciativa PUC-Rio: Educação continuada para Mais de 50	90
3.5 Relato de Oficina: Eu Jovem, não me preocupo com o envelhecimento!	93
3.5.1 Resumo	93
3.5.2 Relato de Oficina	94
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	107
ANEXOS	117
Anexo I	118
Anexo II	132

Resumo

Introdução: Entre as características marcantes da sociedade brasileira a partir de meados do século XX, o contínuo aumento da expectativa de vida opera mudanças no modo de vida social repleto de pessoas idosas que ultrapassam os 60 anos de idade e mostram que chegar à velhice não é a única meta: é preciso entender essa etapa da vida à luz da complexidade que nos cerca e transforma a maneira de ser velho. A percepção de que a convivência social diminui na velhice e afeta qualitativamente a vida dos idosos nos levou aos estudos integrantes desta pesquisa.

Objetivo: Estudar as características da convivência na velhice. **Metodologia:** A pesquisa abrangeu quatro “pontos de observação” das formas que a convivência adquire na velhice. Cada ponto de observação suscitou processo investigativo próprio sobre a convivência, aportando diferentes contribuições, com um eixo comum: o espaço de fala dos idosos. **Resultados:** O primeiro ponto de observação, o artigo “Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidade de pessoas idosas”, evidenciou que o engajamento dos idosos em pesquisas proporciona bem-estar passageiro que é extinto quando termina a oportunidade para que se expressem. No segundo ponto, a “Comunidade Virtual de Idosos: observações sobre o envelhecimento em um grupo público no Facebook”, o espaço ilimitado de fala dos idosos indicou o grande interesse na convivência em rede, gerador de um crescimento exponencial do número de participantes e de satisfação manifesta por muitos membros, concomitante à rejeição a situações de conflito. O terceiro ponto - intitulado “Relato de Experiência: Observação Participante em iniciativas de extensão universitária com idosos” - propiciou a análise de iniciativas de extensão universitária com participação de idosos como espaços para a convivência, aprendizagens, diversão e fonte de bem-estar. No quarto ponto de observação, o “Relato de Oficina: Eu jovem, não me preocupo com o envelhecimento”, um exercício de empatia do jovem com o idoso propõe a convivência e as relações intergeracionais, como preparação da velhice futura do jovem. **Considerações Finais:** Esta pesquisa permite constatar que o contato regular e contínuo entre pessoas idosas resgata a convivência como parte integrante de suas vidas, restabelece o senso comunitário e afeta os participantes de diferentes formas com efeitos de prevenção do isolamento do idoso e de promoção de sua saúde. Verificamos que (1) o engajamento de idosos em pesquisas acadêmicas exclui a possibilidade de vínculo; (2) as interações baseadas em senso comunitário são geradoras de vínculo e de enfrentamento dos conflitos inerentes aos relacionamentos criados; (3) a abertura da universidade aos idosos contribui para sua participação cidadã e (4) a convivência entre as gerações pode se realizar a partir da percepção dos jovens sobre o que caracteriza a velhice.

Abstract

Beyond organic life: coexistence as a factor to prevent the social isolation of the elderly and to promote health

Introduction: Among the remarkable features of Brazilian society from the mid-twentieth century on, the continuous increase in life expectancy contributes to changes in the social way of life where people over 60 years old show that reaching old age is not the only goal to achieve. They say we need to understand this stage of life upon the complexity that surrounds us and transforms the aging processes and relationships. The perception that social coexistence decreases and qualitatively affects the life of the elderly led us to the studies of this research.

Objective: To study the characteristics of coexistence in old age. **Methods:** The research was developed considering four “points of observation” of the ways that coexistence acquires in old age, manifested as a benefit or harm to the elderly and related to prevention of social isolation and health promotion. Each “observation point” had its own investigative process and different descriptions of coexistence, offering different contributions but a common center line: expression space for the elderly. **Results:** The first point, the article “Social mobilization and principles of Active Aging as strategies for reducing the vulnerability of older people”, showed that the engagement of the elderly in research provides fleeting welfare that dissipates when the opportunity for them to express themselves ends. In the second point, the study of the “Virtual Community of the Elderly: Observations on Aging in a Public Group on Facebook” - a manuscript in preparation - indicated the great interest of the elderly in networking, which generated an exponential growth in the number of participants and a manifested satisfaction of many members, together with the rejection of conflict situations. The third point, “Experience Report: Participant Observation in University Extension Initiatives with the Elderly” provided an analysis of the participation of the elderly in university extension initiatives, showing they feel those as spaces for coexistence, learning, and fun. In the fourth point of observation, the “Workshop Report: Me, a Youngster, I Don't Worry About Aging,” was an exercise of empathy between the young individuals and the elderly, that possibly affects coexistence and intergenerational relationships, as a preparation for the youngster's future old age. **Final considerations:** This research shows that regular and continuous contact between older people brings back collective life as a natural part of their lives, restores community sense and affects participants in different ways for preventing the isolation of the elderly and promoting their health. We found that (1) the engagement of the elderly in academic research excludes the

possibility of uninterrupted joining together; (2) community-based interactions generate bonding and coping with conflicts inherent in created relationships; (3) the opening of the university to the elderly contributes to their citizenship; and (4) the coexistence between generations can be realized from the perception of young people about what characterizes old age.

1 Introdução

Foram muitas as perguntas sobre o campo da longevidade que nos movimentaram e levaram ao encontro de indicações de caminhos e não propriamente de respostas. Uma pergunta mais geral inicia esta dissertação e outras perguntas fizeram parte dos quatro pontos de observação de nossa pesquisa.

1.1. O que fazem as pessoas idosas como estratégia de promoção da saúde em seu processo de envelhecimento?

Essa foi a pergunta inaugural de nossa pesquisa, ativadora das reflexões desenvolvidas na busca de conhecer a realidade do envelhecimento inerente à longevidade que caracteriza nosso tempo.

Dois temas que fazem parte do escopo de produção do Grupo de Pesquisa TCPIS/Fiocruz-CNPq (Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde) despontaram como centrais para a investigação: (1) práticas interativas em saúde e (2) educação em ambientes virtuais (Santos, 2007).

A partir das práticas interativas em saúde, estendemos nossos estudos às interações das pessoas idosas no contexto de uma sociedade complexa. É na sociedade onde há um número cada vez maior de idosos e limitadas oportunidades de fala e de convívio conforme se vai envelhecendo (Costa & Santos, 2018). No cotidiano, verificamos que, quando se expressam sobre suas velhices, as pessoas idosas destacam a solidão vivida no processo de envelhecimento e reportam um estranhamento trazido pela nova situação de vida (Santos et al, 2017).

A velhice faz parte de uma prática de construção de faixas etárias definidas socialmente em razão de interesses de determinada sociedade e época, como consequência da disputa de poderes entre os indivíduos de diferentes gerações. A caracterização da “idade” é intrínseca ao contexto onde ela adquire sentidos e onde os atores travam lutas simbólicas por lugares hegemônicos. A noção de idade é uma construção social, sendo a velhice uma invenção humana para a organização administrativa da sociedade (Lenoir, 2006). Influenciada por essa conformação social, a velhice é também impactada por transformações na capacidade funcional desenvolvida ao longo das fases do ciclo de vida, com um declínio que se insinua na última fase – a do envelhecimento. Um “gráfico do curso de vida” sinaliza a possibilidade de redução da curva

descendente indicativa de perdas potencialmente reversíveis a partir do autocuidado e da criação de uma cultura do cuidado que prepare a sociedade para o mundo longevo (OPAS, 2005; Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015).

Sob o ponto de vista da vida longa, o crescimento do grupo de 60 anos e acima é evidente no Brasil, desde o Censo Populacional de 2010, quando a população total era de aproximadamente 190 milhões e o número de idosos era de 20 milhões (10%). A atualização desses números, feita pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 2016, contava 205 milhões de população total e 29 milhões de idosos (14%). Os estudos do Censo 2010 realizados pelo IBGE estimaram que haveria um crescimento de cerca de 1 milhão de pessoas idosas a cada ano nos 10 anos seguintes. Seis anos depois dessa estimativa, a PNAD de 2016, mostrou que a população idosa tinha crescido cerca de 9 milhões – ou seja, cerca de 1,5 milhão por ano. Há que se considerar que a PNAD é uma pesquisa realizada por amostra (IBGE, 2010, 2012, 2018; PNAD, 2016).

Os dados indicam que há muitos idosos em nosso entorno e o cotidiano confirma essa presença quase massiva de pessoas longevas. Entretanto, há uma visão negativa do envelhecimento que pode representar fator de isolamento do idoso. Essa visão negativa composta por estigmas, preconceitos, estereótipos e atos de discriminação por idade envolvendo as pessoas idosas potencialmente saudáveis, que se tornam socialmente isoladas pela tendência a afastar a “velhice” do nosso convívio (Parker, 2013).

A revisão de literatura de nossa pesquisa foi delimitada por quatro noções que denominamos como “bases da vida longa”, por nós assim conceituadas: a “longevidade” definida como duração da vida; a “convivência” de idosos como provável fator de prevenção do isolamento social e de promoção da saúde – inclusive se realizada na internet – com prioridade para a iniciativa de fala dos idosos; a “comunidade”, com o sentido de vínculo entre as pessoas, mas também como “espaço” físico ou virtual; e os “fatores de influência” na vida dos idosos expressos no binômio “prevenção-promoção”, para o fortalecimento da convivência dos idosos.

Central em nossa pesquisa, a convivência é entendida como prática perpassada por dificuldades inerentes às relações humanas, conforme evocadas pelas reflexões de Leandro Karnal (2018) em seu livro “O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão”. Karnal propõe que a proximidade ou a distância entre as pessoas acontecem pela busca de calor e conforto no enfrentamento do frio e, na sequência, a fricção com os “espinhos” espanta o que seria proteção

e aconchego. A análise de Karnal examina o entrelaçamento de solidão e convivência ao longo da história da humanidade, nas proposições de filósofos e nas escrituras religiosas. Exalta o gosto de alguns pelo isolamento e a proximidade desejada como hábito de outros. Em certo momento do livro, afirma que “parece que a chave de tudo não é a solidão ou a companhia, porém o controle” (p. 45), referindo-se à falta de controle sobre estar só ou acompanhado. E questiona a contribuição das redes sociais para o “sentir-se acompanhado”, na “solidão coletiva” dos que procuram as redes aplacar o isolamento. O autor pergunta se primeiro veio a solidão ou a internet, considerando que “usamos as redes sociais para suprir um vazio, uma sensação de solidão anterior à existência delas ou as redes criaram e alimentam esse sentimento, que pode levar à compulsão e ao vício?” (p. 51).

1.2. Objetivos

O objetivo da nossa pesquisa foi estudar as características da convivência na velhice, reconhecidas nos quatro pontos de observação definidos em nossa opção metodológica. Como objetivos específicos, buscamos: (1) identificar as formas que a convivência assume na velhice; (2) verificar relações da convivência com o isolamento social e a promoção da saúde; e (3) entender o que aprendemos sobre ela.

1.3. Revisão de Literatura: as bases da vida longa

Consideramos quatro bases de sustentação da vida longa na sociedade atual, abordadas em seus aspectos conceituais e em seus fundamentos. A longevidade entendida como determinante de práticas sociais que afetam a organização da sociedade e que é por ela afetada. A convivência e a interação correlacionadas e expressas no mundo físico e da internet. A comunidade estabelecida na percepção de pertencimento. E os fatores de influência na vida do idoso, a saber: prevenção do isolamento social e na promoção da saúde.

1.3.1 Longevidade

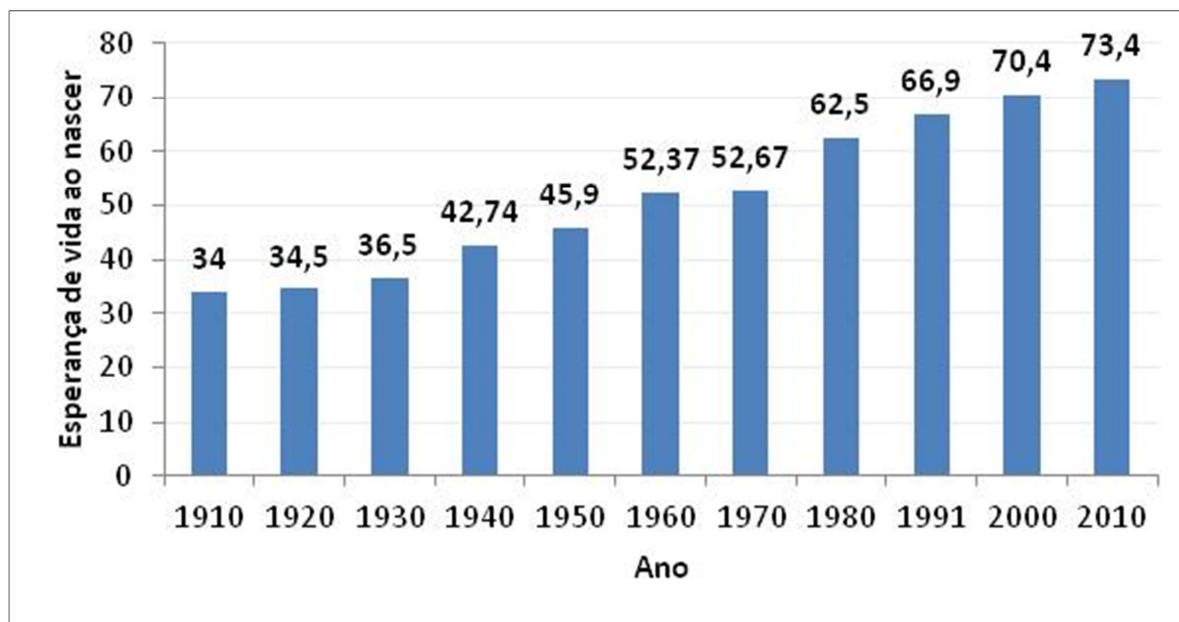
Para além dos dados demográficos, nossa percepção indica um maior número de idosos em nosso convívio próximo, em diversos ambientes - nas ruas; nos serviços de saúde e de assistência social; nas filas de prioridade de bancos, serviços públicos, aeroportos - entre as muitas

necessidades de se organizar o acesso ao mundo. O fato mesmo de criarmos uma legislação para estabelecer prioridade para idosos sinaliza um novo cenário social, povoado por mais pessoas de 60 anos e acima (Brasil, 2003).

Com a maior quantidade de pessoas idosas no país, nossa sociedade se depara com uma vida diferente da conjuntura anterior, quando o número de crianças e jovens ultrapassava o grupo mais envelhecido. O significativo aumento da expectativa de vida é uma conquista social recente, intensificada, no Brasil, a partir dos anos 1940 (Brasil, 2018).

Ainda ligada ao passado, a sociedade atual está voltada para uma população jovem – embora de números em franca redução (Brasil, PNAD, 2016). Uma nova longevidade no Brasil se destaca em vista do salto na expectativa de vida dos brasileiros ocorrido no período de 1940 a 2017, ou seja, ao longo de 77 anos, passou de uma média de 40 anos para mais de 75 anos. Enquanto em 1940 esperava-se viver cerca de 40 anos, em 2017, a expectativa chegou a 75,8 anos (Brasil, 2018). Segundo o IBGE (2018), “a tábua de mortalidade projetada para o ano de 2017 forneceu uma expectativa de vida de 75,8 anos para o total da população, um acréscimo de 3 meses e 11 dias em relação ao valor estimado para o ano de 2016.”

Figura 1 - Evolução da esperança de vida ao nascer no Brasil – 1910 a 2010



Fonte: IBGE, 2012

A mais recente informação demográfica (IBGE, 2018) indica a presença crescente de pessoas idosas: (i) pelo acelerado aumento da população acima de 60 anos e (ii) pela rápida e contínua queda da fecundidade. Os dois dados se juntam à redução da mortalidade, formando o atual panorama de transição demográfica.

O Censo (Brasil, 2012) publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrou que, em 2010, havia 20,6 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Segundo o Censo de 2010, ao se chegar aos 60 anos ainda é possível viver mais 20 ou 30 anos, o que torna o grupo de pessoas idosas com mais de 80 anos igualmente crescente.

Em estudo publicado após o Censo de 2010, o IBGE estimou que nos dez anos seguintes a população idosa iria crescer em torno de 1 milhão de pessoas a cada ano. Seis anos depois dessa estimativa, a população idosa teve um crescimento de 9 milhões de pessoas idosas (Brasil, PNAD, 2016), chegando a cerca de 1,5 milhão por ano – acima do número previsto.

Figura 2 - Quadro do aumento da população no Brasil segundo o IBGE

	Censo 2010	PNAD 2016
População Total	190,7 milhões	205,5 milhões
População Idosa	20,6 milhões	29,6 milhões
% de População Idosa	10,8%	14,4%

Fontes: IBGE, 2012; IBGE PNAD, 2016

Nota: quadro elaborado pela autora, 2017

a) Construção social de faixas etárias

A velhice surgiu como problema social no âmbito da classe operária do século XIX, pela tomada de consciência e formulação pública das características do envelhecimento como uma questão política daquele momento, gerando “a percepção de que a proteção social na velhice se vincula a uma renda mínima e constante, para que se mantenha o equilíbrio da organização social” (Lenoir, 1996, p. 85). Essa fase da vida faz parte de uma prática de construção de faixas etárias definidas socialmente em razão de interesses de determinada sociedade e época, como consequência da disputa de poderes entre os indivíduos, inclusive de diferentes gerações. A caracterização da “idade” é intrínseca ao contexto onde ela adquire sentidos e os atores travam lutas simbólicas por lugares hegemônicos. Para Lenoir, a noção de idade é uma construção social, sendo a velhice uma invenção humana para a organização administrativa da sociedade.

No século IV, em Treviso, na Itália, o censo populacional abrangia homens com mais de 14 anos, pagantes de impostos, excluindo quem não era considerado economicamente ativo, como os menores de 14 anos, os religiosos e os serviçais. Os levantamentos demográficos na Itália, no mesmo século, em Veneza, selecionavam a população masculina de 15 a 60 anos como “úteis”. A oferta de “dotes” a jovens noivos da Renascença, séculos IV-VI, aumentou a idade para casamentos de modo a manter o patrimônio por mais tempo na família doadora do dote. Na Europa do século XIX, os artesãos vidraceiros modificaram a idade de começo da formação dos aprendizes para evitarem transmitir seus saberes e poderes e depois serem descartados (Lenoir, 1996).

Conhecido por ter reduzido a população jovem, o período das grandes guerras do século XX fez Europa e Estados Unidos assistirem à diminuição da quantidade de homens entre 23 e 38 anos e das funções que exerciam, tendo que rever as responsabilidades que antes lhes cabiam.

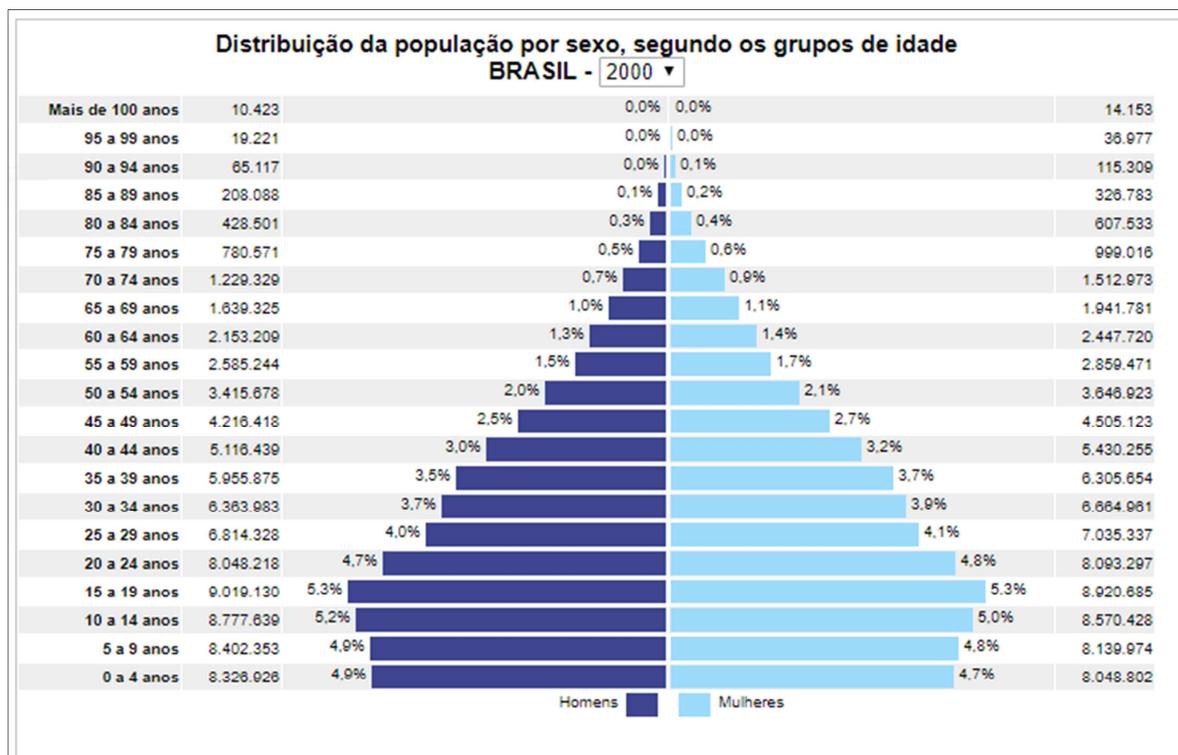
O que se pode dizer do século XXI? Talvez refletir sobre a lei para a “prioridade especial” das pessoas de 80 anos e mais, como índice de uma nova forma de reconhecer a velhice?

Segundo Camarano (2004), “a proporção da população ‘mais idosa’, ou seja, a de 80 anos e mais, também está aumentando e altera a composição etária dentro do próprio grupo. Isso quer dizer que a população considerada idosa também está envelhecendo (Camarano et alii, 1999).”

b) A população idosa na transição demográfica

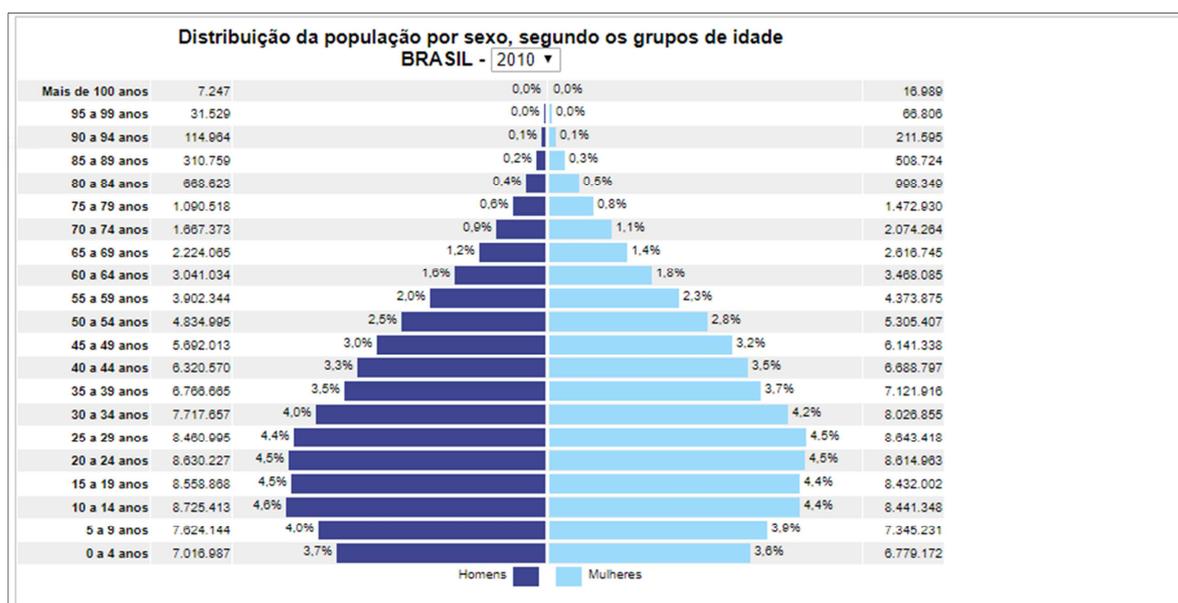
Enquanto, ao longo de um período, a queda da fecundidade modificou a distribuição etária da população brasileira, a redução da mortalidade indicou o aumento do tempo vivido pelos idosos e tornou a população idosa um componente significativo da população total. Em termos de pirâmide etária, a queda da fecundidade vai transformando o gráfico dos grupos de idade e esboçando o seu envelhecimento (Camarano, 2004).

Figura 3 - População residente, por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2000



Fonte: Censo, IBGE, 2010 - <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12>

Figura 4 - População residente, por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2010



Fonte: Censo, IBGE, 2010 - <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12>

No final do século XX, a transição demográfica trouxe em seu bojo também outra transição - a da fecundidade-, com uma Taxa de Fecundidade Total (TFT) da ordem de 6,3 filhos por mulher, em 1960, reduzida para 2,9 em 1991 e para 2,3 em 2000, tendo os resultados da PNAD de 2003 indicado uma taxa de fecundidade total de 2,1 filhos por mulher – que pode levar a um padrão de fecundidade abaixo dos níveis de reposição, afetando o crescimento populacional. (Rios-Neto, 2005).

O envelhecimento populacional no contexto brasileiro se dá em momento de aumento de expectativa de vida, redução da mortalidade e alteração das taxas de fecundidade, constituindo-se numa transição demográfica de quatro fases.

A primeira fase de mudanças no crescimento populacional remonta ao período pré-industrial, de incremento do processo de urbanização e de necessidade de ações de saúde pública. (Camarano, 2014). O crescimento demográfico foi praticamente nulo, com altas taxas tanto de natalidade quanto de mortalidade, especialmente com mortes por doenças infecciosas e por problemas de saúde reprodutiva.

Na fase seguinte, a fase 2, houve um crescimento demográfico acelerado, com altas taxas de natalidade e declínio da mortalidade, a partir de avanços da ciência que repercutiram na saúde pública, nas condições de higiene e de controle das doenças infecciosas, provocando uma explosão demográfica. (Vasconcelos, 2012, p. 241).

Na fase 3, os métodos anticoncepcionais e o alto custo da vida urbana e da educação despertaram a preocupação com o planejamento familiar e modificaram as taxas de fecundidade. Etapa que podemos considerar de desenvolvimento urbano (Camarano, 2014). O crescimento demográfico se manteve em nível moderado, situando a queda da fecundidade nos grupos de jovens com maior grau de escolaridade, enquanto as mulheres dos segmentos de pobreza e de extrema pobreza, entre 15 e 19 anos, com carência educacional (1 a 3 anos de estudo ou sem estudo), continuaram a ter filhos e em maior número.

A fase 4, atual se caracteriza por queda da taxa de fecundidade e pela continuidade da redução da mortalidade, com crescimento vegetativo estabilizado. Há um aumento das doenças crônicas típicas da velhice e de novas condições de saúde a serem melhor conhecidas, como, por exemplo, perdas cognitivas e demências. A composição da população por idade e sexo, apesar de

ser incluída entre os aspectos estáticos da população, é reflexo da história da dinâmica populacional, desde um passado relativamente longínquo.

O envelhecimento da população é acompanhado pelo envelhecimento do indivíduo de outros segmentos populacionais, como a População Economicamente Ativa (PEA) e as famílias (crescimento do número de famílias nas quais existe pelo menos um idoso, verticalização das famílias etc.). Esse processo altera a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade. (Camarano, 2004, p. 34).

A magnitude do envelhecimento observada nas últimas décadas vem produzindo ajustes na Saúde Pública para adequação a necessidades e demandas da população idosa (ibidem).

c) Inerência da vida social no processo biológico: autonomia e independência

Quando avaliam o idoso no sistema de saúde, profissionais levam em consideração duas referências para a compreensão do cotidiano do idoso e do provável início de um processo de fragilização ou de adoecimento. São os conceitos de “autonomia e independência”.

Segundo Moraes (2012, p. 12), “Bem-estar e funcionalidade são equivalentes. Representam a presença de autonomia (capacidade individual de decisão e comando sobre as ações, estabelecendo e seguindo as próprias regras) e de independência (capacidade de realizar algo com os próprios meios), permitindo que o indivíduo cuide de si e de sua vida.”

Nesse sentido, o idoso é considerado “saudável” quando capaz de “funcionar sozinho”, de forma independente e autônoma. O declínio nos grandes sistemas funcionais (cognição, humor, mobilidade e comunicação) resulta em fragilidades, conhecidas como síndromes geriátricas, e na necessidade de cuidado em uma sociedade com pouca disponibilidade das famílias e do Estado.

Para o Centro Internacional de Longevidade (2015), o idoso é considerado “ativo” a partir de quatro pilares: saúde, participação social, segurança/proteção e aprendizagem ao longo da vida.

Figura 5 - Pilares do Envelhecimento Ativo

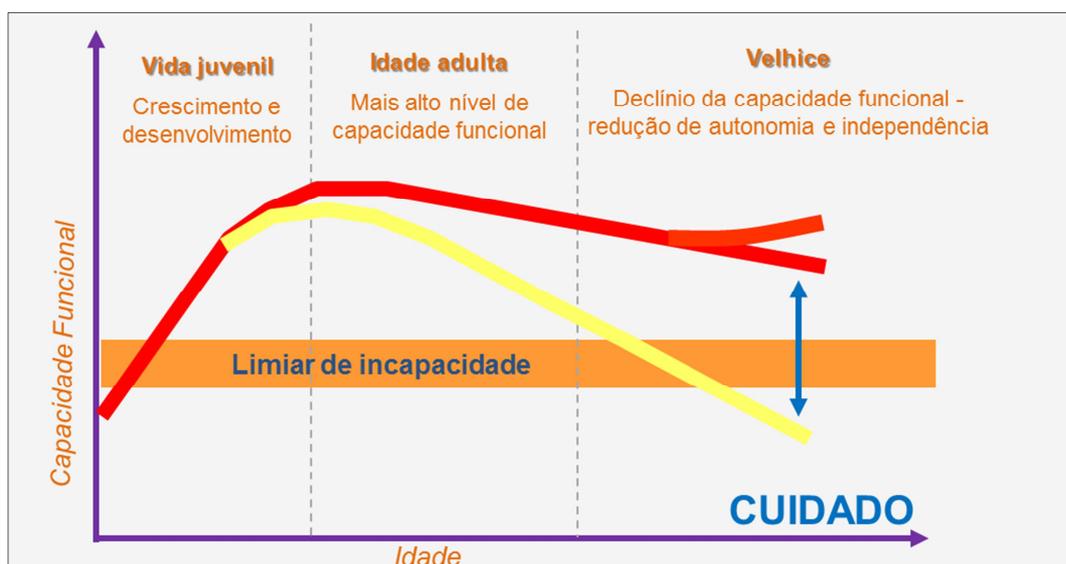


Fonte: Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015

Os fundamentos do envelhecimento saudável e ativo são referenciados por uma abordagem de “curso de vida” nas questões de saúde que podem repercutir no prolongamento da vida humana e em sua qualidade. A presente abordagem de curso de vida remonta à publicação do documento Envelhecimento ativo: uma política de saúde (OPAS/OMS, 2005).

O entendimento de “curso de vida” apresenta uma perspectiva que prevê intervenções para a manutenção do mais alto nível possível de capacidade funcional e a desaceleração de declínios que podem ocorrer na terceira idade.

Figura 6 - Gráfico do Curso de Vida e Capacidade Funcional



Fonte: Kalache, A. and Kickbusch, I. (1997) A Global Strategy for Healthy Ageing. World Health, 4-5

Nota: adaptado pela autora.

Na figura 6, percebe-se que a Capacidade Funcional aumenta durante a infância, a partir do nascimento, atinge seu ápice nos primeiros anos da vida adulta e entra em declínio. Pelo gráfico, a velocidade do declínio da capacidade funcional não é mensurável, mas a retificação da linha vermelha mostra que o declínio é passível de ajustes a partir de intervenções individuais ou coletivas (Centro Internacional de Longevidade, 2015).

Nesse contexto, intervenções podem desacelerar ou reduzir o declínio da capacidade funcional, com vistas à manutenção da autonomia e da independência, ao adiamento da chegada de possíveis fragilidades ou de incômodos com as mudanças orgânicas, o enfrentamento da tendência a desenvolver doenças crônicas e a superação de casos de abuso e violência. E assim, passamos a refletir sobre questões da vida, como, por exemplo, aquelas associadas aos preconceitos relativos à velhice e a fatores como o papel social indefinido dos idosos após a aposentadoria, entre muitos outros fatores.

1.3.2 Convivência

Usamos palavras diariamente sem pensar muito nelas, a não ser que surjam razões para lançar um olhar mais detido em algum significado. Assim acontece com a palavra “conviver”, que descreve um ato comum na vida de todos – ou quase todos.

O Léxico nos diz que a palavra “conviver” se refere a “ter convivência, ter intimidade ou viver com outrem” (Dicionário Michaelis, 2019). Como sinônimo, indica: “Existir ou habitar no mesmo espaço” (Dicionário de Sinônimos, 2019).

Naturalizada desde nosso nascimento, a convivência está presente na interação dos bebês com seus cuidadores, por dependerem de cuidado para seu desenvolvimento e crescimento. Na fase escolar, a aprendizagem coletiva tem papel preponderante para a efetivação da aprendizagem individual de normas de convívio, de regras e políticas. Nossa natureza gregária se intensifica na adolescência, materializada na vivência de grupo, no andar “em bando”, como se fosse uma época “tribal”. Durante a fase laboral, a convivência está presente em boa parte da vida adulta. (Costa & Santos, 2018)

a) Preservação da convivência na velhice

Os resultados desta pesquisa vêm evidenciando a convivência como fator positivo para o processo de envelhecimento, em contraposição à visão negativa do envelhecimento, carregada de estigmas, preconceitos, estereótipos e de atos de discriminação por idade, que podem precipitar o isolamento do idoso. As pessoas idosas saudáveis acabam se tornando socialmente isoladas em decorrência de barreiras como a tendência a afastar a “velhice” do nosso convívio por representar o que preferimos não ver, por gerar sofrimento e afetar o processo saúde-doença. Em muitos casos, as próprias pessoas idosas preferem se distanciar do convívio que as discrimina. As pesquisas sobre estigma e preconceito vêm mostrando as consequências da discriminação na saúde. (Parker, 2013)

Em junho de 2019, matéria do jornal El País divulgou estudo de 2016 coordenado por pesquisadores da Universidade de Oxford, Inglaterra, sobre a capacidade de aumentar ou diminuir a quantidade de amigos que as pessoas mantêm durante um tempo. Felix Reed-Tsochas, cientista da Universidade de Oxford e coautor do estudo, declarou que o objetivo foi verificar “fatores que moldam o padrão de relações sociais que uma pessoa possui e também em como esses laços podem mudar ao longo do tempo”. O foco foram os relacionamentos em um momento de mudanças (El País, 2019).

O estudo incluiu também pesquisadores da Universidade de Chester, no Reino Unido, e da Universidade de Aalto, na Finlândia, que entrevistaram 24 estudantes ingleses e compararam as respostas com os registros de chamadas telefônicas dos celulares deles por um período em torno de 18 meses. A observação coincidiu com o momento em que os voluntários realizavam a transição entre a escola e a universidade ou entre o ensino superior e o mercado de trabalho.

Para Reed-Tsochas, foi confirmada a percepção de que com a idade nosso círculo de contatos se reduz. Os pesquisadores analisaram os telefonemas feitos dos celulares dos participantes do estudo e concluíram que nossos círculos de amizade atingem seu pico aos 25 anos. A partir daí começa uma queda vertiginosa, especialmente no caso dos homens, que estão com menos amigos quando chegam aos 30 anos. O problema não é apenas perdermos os contatos, mas também não os substituímos, como no caso das pessoas idosas quando seus amigos morrem.

Cultivamos amigos ao longo da vida e os mantemos – ou não - quando envelhecemos. A partir dos 50 anos, começamos a perder amigos para a morte e podemos chegar a idades mais avançadas com menos amigos – em uma fase em que a amizade é peça importante no processo

de envelhecimento porque é no contato descompromissado que realizamos mutuamente nosso afeto e o prazer da convivência. Estar com amigos reduz a solidão. As redes de amizades se mostram fundamentais para a vida do idoso. Consideramos as pessoas idosas como “sujeitos da ação social que lhes diz respeito, aptas a dialogarem sobre suas preocupações e demandas” (Costa & Santos, 2017).

b) Educação não formal

As relações entre as pessoas são permeadas por aprendizagens que acontecem o tempo todo, fora ou dentro da escola. Já antes da fase escolar, um bebê aprende na interação com os adultos. É no contato com pessoas que percebemos se falamos a mesma língua de nosso interlocutor e quais as possibilidades ou os limites do diálogo e da continuidade do relacionamento, seja de vizinhança, amizade, coleguismo, parentesco ou convívio eventual (Costa & Santos, 2018).

Associamos a aprendizagem a palavras e expressões como conhecer, entender, adquirir uma habilidade, fixar na memória, guardar e conservar uma informação (Michaelis, 2019). Como processo formal, a aprendizagem aparece como atributo do início do ciclo de vida: infância e adolescência, quando a escola tradicional predomina em nossas vidas – com a ressalva de que há parcelas da população de baixa escolaridade ou não escolarizadas. Porém, a aprendizagem está presente em qualquer etapa do ciclo de vida, quando, por exemplo, nossa percepção orienta escolhas e decisões sobre tópicos pouco conhecidos por nós. Esta aprendizagem se realiza sem formalidades ou formalizações, estando presente nas relações entre as pessoas, em processos de educação não formal.

Nossa prática social habitual vincula a educação aos sistemas formais, organizados em espaços destinados a processos de ensino-aprendizagem e diplomas. A educação não formal vem sendo pouco referida como parte integrante da vida em sociedade, ainda que seja fundamental para o desenvolvimento individual e social, e das relações entre as pessoas. Atividades culturais de teatro, cinema, balé, espetáculos musicais, exposições, suscitam reflexões e saberes. O trabalho voluntário em comunidades e nas ações de origem religiosa produz ambientes de compartilhamento, em presença, de conhecimentos e de solidariedade; além da ampliação da oferta de iniciativas online de processos de formação e de especialização complementares aos cursos formais. Há inúmeras oportunidades de educação não formal em nosso cotidiano, como os exemplos citados - não exaustivos -, caracterizados por se darem em sistemas fechados, simples,

permeados de relações hierárquicas e dependentes de espaço físico e horários para que se realizem (Rodriguez & Santos, 2010).

Em tempos de internet, surgem novas sociabilidades e uma revolução na convivência social, que passa a ser articulada em sistemas abertos, complexos, não hierárquicos, desassociados de espaço físico e de horários; com funcionamento em rede, não-linear e não-sequencial. A atividade em rede na internet muda a maneira das pessoas fazerem as coisas como estavam habituadas, levando a uma forma de trabalhar, pesquisar e aprender diferente das práticas antes usuais (Rodriguez & Santos, 2010). O campo de estudos da internet como tecnologia interativa a partir da web 2.0 aborda a “sabedoria popular” como possibilidade de colaboração entre pessoas que pensam e agem da forma mais independente possível, gerando um entorno virtual que fornece os dados e cria uma inteligência de massa. Nesse sentido, os usuários da internet interagem com a rede, com as questões em circulação na rede. A interação entre várias pessoas supera a capacidade de comunicação intersubjetiva e possibilita aproveitar de sua sabedoria coletiva. As relações em rede na internet se caracterizam por “ausência de distância, descentralização, deslocalização, ausência de hierarquia, automatização de processos, multiplicidade de nós e de ‘centros’, possibilidade de anonimato, limitação sensorial, e, explorando-as, estabelecer novas formas de colaboração.” (Ibidem)

Esta dissertação considera que a educação não formal na internet se articula por meio de práticas colaborativas e de construção coletiva de saberes, formando arquiteturas pedagógicas que podem ser definidas como “estruturas de aprendizagem realizadas a partir da confluência de diferentes componentes: software, concepção de tempo e espaço, Internet, inteligência artificial (IA), educação a distância (EAD) e a abordagem pedagógica” (Campos et al, 2012, p. 4). A educação não formal pode se realizar nas interações entre parceiros sociais, em processos de interação e mediação. Pela interação, aprendemos e nos desenvolvemos, criamos novas formas de agir no mundo, ampliando nossas ferramentas de atuação neste contexto cultural complexo que nos recebeu, durante todo o ciclo vital. Como postula Paulo Freire (1981, p. 39) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

A comunidade virtual para o envelhecimento criada para nossa pesquisa representa uma contribuição de educação não formal para a preparação da sociedade para a longevidade. Mas também descrevemos algumas experiências que não se desenvolvem no meio virtual, igualmente fortalecedoras da preparação da sociedade.

Nossos estudos preliminares indicaram as redes na internet como lócus essencial para a educação não formal, em especial, as comunidades virtuais (Campos et al., 2012), que também compõem as investigações do grupo de pesquisadores onde estou inserida e que compartilha artigos e linhas de pesquisa, com pontos de convergência, ainda que as pessoas sejam provenientes de diferentes áreas do conhecimento.

1.3.3 Comunidade

Nossa análise de “comunidade” se realiza a partir de autores de destaque nesse campo, começando com estudos sobre comunidade como espaço da Atenção Primária à Saúde, em consonância com movimentos internacionais pela universalidade da Saúde, como o lugar do primeiro contato da população com ações de promoção da saúde e o início da linha de cuidados de saúde (Vieira et al, 2011). As autoras aqui referenciadas estudaram o tema ‘trabalho e qualificação dos agentes comunitários de saúde’, alicerçados em comunidades, trazendo para nossa pesquisa noções de comunidade historicamente construídas no país. Em seguida, fazemos conexão com o conceito de comunidade discutido na pesquisa sobre comunicação comunitária, em análise de conjuntura contextualizada por Raquel Paiva (2003) com abordagem positiva. De forma mais ampla, mas não tão positiva, a reflexão de Zygmunt Bauman (2003) completa o aprofundamento teórico.

A visão de um aglomerado de pessoas denominado como “comunidade” pode estar relacionada à “integração social baseada em estreitos laços de solidariedade, vizinhança e parentesco e localizada em pequenas cidades rurais, em oposição complementar às modernas sociedades em processo de urbanização (...)” (Vieira et al, 2011). Segundo as autoras, esse conceito de comunidade remonta aos Estudos de Comunidade, das décadas de 1940 e 1950, que, para elas, nunca esteve tão presente quanto hoje, perpassando a mídia e a aplicação das ciências humanas, como educação, serviço social, saúde, planejamento e políticas públicas. Em seu trabalho sobre a inserção dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) em territórios pertencentes a comunidades, as autoras analisam a qualificação do ACS como processo enraizado na comunidade, lócus de uma prática que ultrapassa a dimensão técnica da saúde – baseada no conceito ampliado de Saúde (OMS, 1986).

Entre as origens desta pesquisa, o ACS adquiriu especial relevância em vista de seu papel como pessoa chave para manter o idoso conectado à vida, posto que suas atribuições incluem as visitas

domiciliares e o conhecimento do território em que atua. Nossos estudos analisaram em que medida os ACS estão preparados para a realidade de um país cada vez mais envelhecido, levando-se em consideração suas percepções e seu potencial transformador de programas educacionais e de sua própria prática (Santos, 2016; Costa & Santos, 2016). O conceito mais geral de comunidade também interessa a estes pesquisadores por trazer luz a nossos trabalhos sobre comunidade virtual, ainda que a perspectiva de nossa prática seja de mobilização social enquanto emergência, no sentido de Johnson definida como “movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto” (2003, p. 14).

A polissemia do termo “comunidade” remete a variadas cargas semânticas conforme o grupo social que reivindique suas representações. Em seu livro *O Espírito Comum - comunidade, mídia e globalismo*, a pesquisadora Raquel Paiva (2003) revisita a produção sobre ‘cultura de massa’ e o trajeto percorrido pelas ideias sobre globalização, quanto “tudo passa a ser *trans*”. Diz a autora que paralelamente vai aparecendo o “olhar em direção à vizinhança e seus problemas. Os moradores de um mesmo bairro, aqueles iguais com quem a gente se encontra todo dia, fundem-se em uma busca de soluções, de melhoria das condições de existência.” Para Paiva, se forma o paradoxo “inquietante”, em que há um apogeu da universalização e a proposta de um microuniverso (p. 21). Entretanto, o pertencimento a uma comunidade sentido na Idade Média, ganha outros contornos na sociedade contemporânea, “marcada pelo declínio da comunidade em favor do individualismo.” (p. 23). A autora propõe uma comunicação comunitária que passa pelo conceito de comunidade e de sua inserção na atualidade, como nova possibilidade de socialização, de modo a “fazer frente ao modelo econômico em que o número dos excluídos parece cada vez mais ampliado”. (p. 26).

Em “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, Zygmunt Bauman (2003) analisa a mudança da vida em comunidade, caracterizada pelo contato próximo e pessoal, para a vida em que as relações se desfazem rapidamente, na conjuntura do que denomina “modernidade líquida”. No livro, Bauman coloca duas possibilidades de comunitarismo – por um lado, há aqueles que consideram não precisar de comunidade por serem poderosos e capazes de encontrar soluções para seus problemas sem necessidade de compartilhá-los com outras pessoas e, por outro lado, os que chama de “despossuídos”, envolvidos em esforços coletivos. A categoria dos poderosos é constituída pela elite global individualista, interessada na manutenção de seus privilégios e no zelo pelo mérito e honra - princípios que “exigem a negação da comunidade”. Segundo Bauman, para quem preza a vida comunitária, faltam três características ao cotidiano que não podem ser alcançadas isoladamente, com estratégias individuais: “certeza, segurança e

proteção”. Bauman estabelece um paralelo entre o que considera como “comunidade estética” e “comunidade ética”. A primeira, condizente com a modernidade líquida, dispensa uma construção “lenta e cuidadosa, nem precisa de laborioso esforço para assegurar seu futuro”. A segunda é construída com base em compromissos de longo prazo, de “compartilhamento fraterno”, sendo um lugar onde haja o “direito de todos a um seguro comunitário contra os erros e desventuras que são os riscos inseparáveis da vida individual.” (p. 56-68). O autor deixa uma dúvida sobre a possibilidade de que venha a existir uma comunidade nos moldes das comunidades da modernidade sólida.

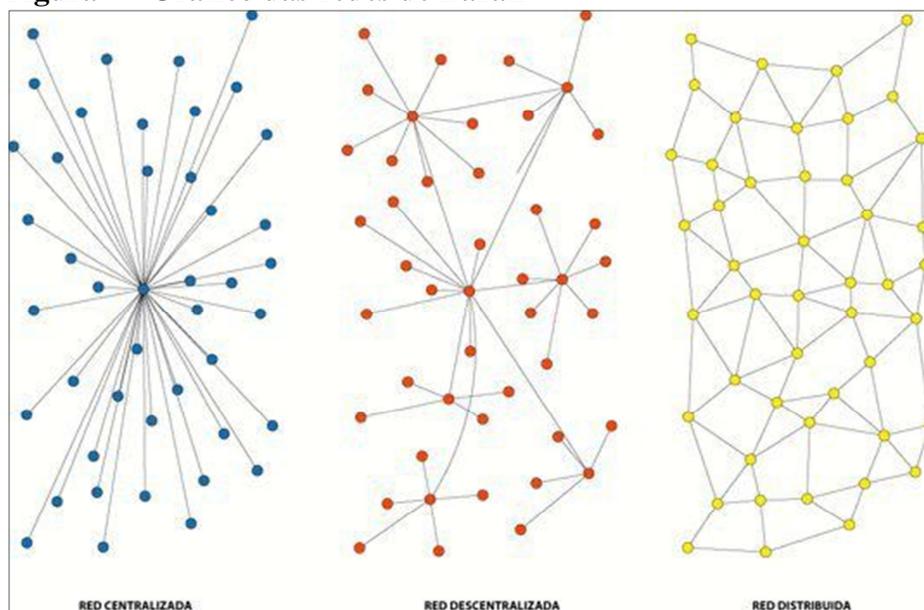
a) Comunidade virtual e interatividade em rede

A aplicação do conceito de comunidade ao ambiente virtual situa a comunidade virtual como processo interativo em rede e o distingue da interação “cara a cara” prevalente nas sociedades pré internet. Sobre o tema, trazemos diversos aportes do Núcleo de Experimentação em Tecnologias Interativas (Next) – do qual esta pesquisadora faz parte. Para Santos (2005), a comunidade virtual não é uma transposição da comunidade tradicional para o meio virtual, devido, entre outros fatores, a seu funcionamento em rede; sua natureza complexa, não-linear e não-sequencial; seu caráter virtual e seu potencial de processamento de um número infinito de elementos e de relações (Santos, 2005). A atividade em rede muda a maneira das pessoas fazerem as coisas como estavam habituadas, levando a uma forma de trabalhar, pesquisar e aprender, diferente das práticas antes usuais. Em rede, “as pessoas colaboram de modo instintivo - se coordenam, cooperam e agem em grupos sem maiores esforços – em intensidade diferente da colaboração mediada pela comunicação em presença física, onde percebemos inflexões de voz, expressões faciais e gestos” (Rodriguez & Santos, 2010).

Tomamos como base os modelos de rede propostos por Paul Baran (1964) que concebe uma rede “distribuída” identificada com as relações possibilitadas pela internet, como “multibuição”. Entendemos comunidade virtual com o formato de “rizoma” – raízes que se espalham em várias direções-, conforme os modelos de rede propostos por Paul Baran (1964) que concebe redes, em especial uma rede “distribuída” identificada com as relações possibilitadas pela internet. Um gráfico elaborado por Baran no âmbito da engenharia de dados é aqui tomado como modelo conceitual associado ao tipo de relacionamento em rede propiciado pela internet. O inventor da “rede de comutação de pacotes” vislumbrou três modelos de redes de dados, classificando cada uma como “rede centralizada”, “rede descentralizada” e “rede distribuída”. Cada rede foi ilustrada por Baran, permitindo o estabelecimento de paralelos com os tipos de relações sociais

ocorridos em diferentes épocas e contextos sociais e seus regimes (i) mais fechados/autoritários/centralizados, (ii) mais abertos a participações de forma descentralizada e interativa sem centros de poder ou (iii) considerando cada “nó” ou “ponto” de rede como micropoder: uma rede distribuída. (Baran, 1964)

Figura 7 - Gráfico das redes de Baran



Fonte: Baran, 1964

Em análise de comunidades virtuais, Santos (2008, p.54-62) cita a indagação de Lênin sobre como organizar uma rede social “capaz de assegurar um determinado projeto político”. Publicado na Revista do Laboratório Interdisciplinar em Informação e Conhecimento (Liinc), o estudo de Santos traz uma reflexão sobre qual seria o tipo de rede social adequado ao projeto proposto por Lênin, naquele momento histórico-social, e quais seriam as tecnologias apropriadas.

Santos relata que, inicialmente, para Lênin - e colaboradores - pareceu possível que uma rede social surgisse em torno de um jornal impresso, naquela época em que as sociedades ainda não tinham atingido o grau de complexidade atual, além de outras características conjunturais de meados do século XX que podem ter contribuído para a escolha do meio que viabilizaria a formação da rede (Santos, 2008). Acreditavam eles, que o jornal facilitaria a criação de uma coesão política e ideológica e seria um instrumento para “estruturar, no tempo e no espaço, a ação partidária e de massas”¹. Aqui não cabe o debate sobre as razões que levaram o projeto ao

¹ O assunto também foi tratado por Lênin na obra “Que fazer?”, um dos livros de referência de quase todas as organizações marxistas-leninistas.

fracasso, mas apenas algumas observações sobre a opção pela disseminação unilateral (que Santos entende como do tipo *broadcast* – isto é, de um para muitos). Segundo Santos, o foco da preocupação estava na criação de relações virtuais entre os militantes e todos os ativistas potenciais, que viabilizam a expansão ou retração do ‘Partido’ nos diversos momentos do processo. Essas relações virtuais se dariam por meio da tecnologia disponível no período – o jornal.

Em sua tese de doutorado, Santos (2005) mostrou como “as concepções, o conhecimento, as formas de organização e ação social podem ser consideradas como elementos de uma cultura particular, que chama de ‘Ordem do Livro’”. Considera essa cultura estreitamente relacionada à construção da escrita e da Imprensa, e à irradiação de suas características cognitivas para todo o tipo de prática social. Enquanto que a “Ordem da Internet” muda drasticamente as possibilidades de interação entre os mais diversos agentes em múltiplas direções – não apenas unilateralmente.

A interação humana existente ao longo da história da humanidade, do tipo “cara a cara”, sempre se realizou em presença física, real e imediata, por combinação de diferentes códigos linguísticos e diversos canais sensoriais, como visão, audição, tato, olfato. Ainda assim, esse meio de interação tem limites, como a pouca extensão e a conectividade restrita. As pessoas em interação precisavam estar em um mesmo espaço físico ou fazer uso de alguns instrumentos elementares como o telefone. Santos distingue a “interação em ato e a interação virtual”, caracterizando a primeira como situada no tempo e no espaço e pensada através de seu efeito de sentido. A segunda, “deslocalizada e destemporalizada”. (Santos, 2005, p. 27-30)

A interatividade é entendida por Santos como um processo de sincronização de agentes e processos, onde a comunicação intersubjetiva (a comunicação através da transmissão de mensagens entre pessoas) representa apenas uma de suas manifestações particulares, sendo a interação na internet basicamente um processo de sincronização de homens, máquinas e processos. De acordo com Santos (200), a comunicação intersubjetiva, que é o objeto das teorias de comunicação e informação, verifica-se na internet apenas no nível local e momentâneo, “como uma atualização, nos raros momentos e em subsistemas onde as atividades se desenvolvem no mesmo espaço e tempo, como acontece em pequenos grupos de correio web, chats, teleconferência, enfim, em atividades que envolvem, momentaneamente, pequenos grupos de indivíduos” (p. 102).

Nesse sentido, o presente trabalho assume a interação realizada em comunidade virtual como desenvolvida por múltiplos agentes, em múltiplos sentidos e direções, desprovida de centro ou hierarquia; assíncrona; permeada pela combinação de diferentes linguagens; e independente de território. A nova forma de interação em rede distribuída - também referida por Santos (2011) como “Multitribuição”-, reúne características como deslocalização, ausência de hierarquia, automatização de processos, multiplicidade de nós, possibilidade de anonimato.

Os produtos das interações na comunidade virtual de idosos, como aprendizagens, trocas de ideias, agendamentos, entre inúmeras outras possibilidades, descritas mais adiante neste trabalho como “ondas” de acontecimentos, integram a reflexão sobre a natureza das relações que acontecem de modo distribuído nas redes, que nos levou aos trabalhos sobre “emergência” inter-relacionados a sistemas complexos e a movimentos *bottom-up* de organismos unicelulares e de insetos e pássaros, auto-organizados, sem a existência de líderes ou regimes hierárquicos (Johnson,2003).

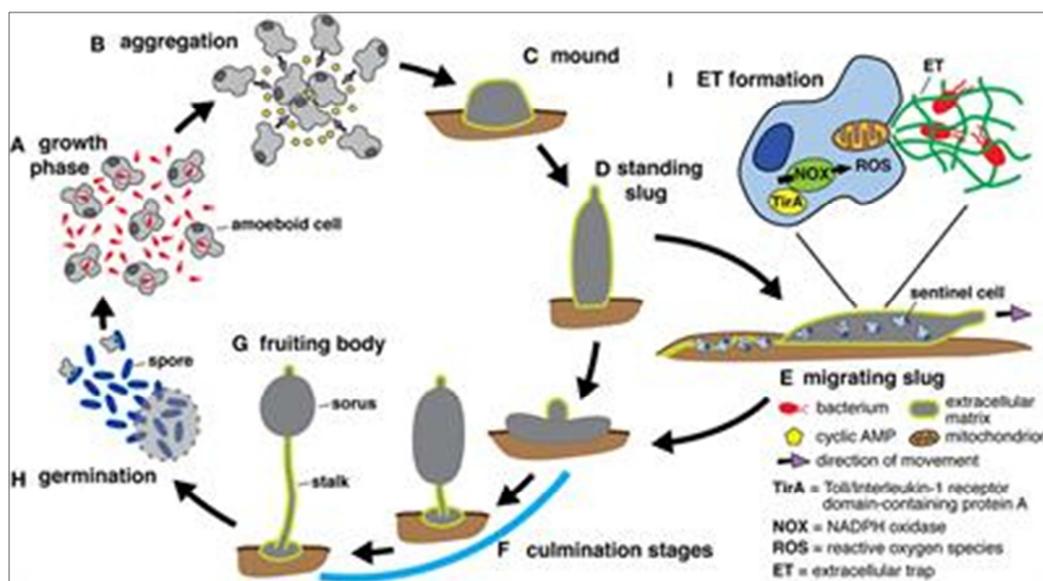
b) Emergências

Optamos por analisar como emergem movimentos, interesses e relações na interação distribuída, sem comando, controle ou liderança, que acontece nas redes, sendo a comunidade virtual de idosos uma delas e um ambiente de pesquisa (Costa & Santos, 2017).

Em uma das muitas contribuições da ciência biológica que, ao estudar a vida, esclarece muitas das questões humanas, a pesquisa sobre um organismo simples denominado “*Dictyostelium Discoideum*” rendeu muito interesse ao redor do mundo e publicações com variados relatos de resultados. O *Dictyostelium* é descrito por Johnson (2003, p. 9-11) como “organismo bastante primitivo (parente próximo dos fungos), sem qualquer tipo de centralização cerebral”. O levantamento de antecedentes feito por Johnson identificou o ano de 1968 como de início de estudos que surpreenderam pesquisadores que perceberam precisar “pensar para além dos limites das disciplinas tradicionais” para entender o comportamento desse organismo que “oscila entre ser uma criatura única e uma multidão”, dependendo de estar em um momento adverso ou favorável. Estudos se originaram de diversas áreas como matemática, física, embriologia, informática. Seguiram-se diversas outras investigações, tal o interesse despertado pelo comportamento do organismo na solução coletiva de problemas que afetam sua espécie.

As perguntas colocadas eram “E se as células do *Dictyostelium* se organizassem em comunidades por si próprias? E se não houvesse um líder?” (p. 12) Muitos cientistas tentaram descobrir o segredo da auto-organização do *Dictyostelium*. Segundo Johnson, depois dos primeiros estudos a “desafiarem a hipótese do líder”, houve uma verdadeira avalanche de pesquisas e surgiram cursos de ‘estudos sobre auto-organização’ e softwares de estratégia *bottom-up* para ajudar a organizar comunidades virtuais “mais ativas”. A intensificação da pesquisa sobre a auto-organização passou pela observação das formigas e de outros sistemas, em busca de padrões nas agregações do *Dictyostelium*, até a compreensão de que se estava diante das leis da emergência, implicada em movimentos a partir de baixo (*bottom-up*), produzindo um comportamento em uma escala acima. Desse modo, “formigas criam colônias; cidadãos criam comunidades; um software simples de reconhecimento de padrões aprende como recomendar novos livros” (*ibidem*, p. 14).

Figura 8 - Ciclo de vida do *Dictyostelium Discoideu*



Fonte: Johnson, 2003

Ainda no campo de estudos da emergência, o conceito de “Estigmergia” foi proposto pelo pesquisador francês Pierre-Paul Grassé, em 1959, descrito como mecanismo de coordenação espontânea, indireta, onde marcas feitas pelos agentes no ambiente estimulam uma ação subsequente para um agente diferente ou para o próprio (Rodriguez & Santos, 2011). Grassé, um estudioso de formigas, explicou como as formigas realizavam as tarefas, sendo insetos sociais, sem necessidade de planejamento nem de gestão centralizada. O princípio da auto-organização é o traço deixado no ambiente por qualquer ação que desencadeia outra ação, pelo mesmo agente ou por agentes diferentes. Por meio da auto-organização, se produzem estruturas complexas e

aparentemente inteligentes, sem comunicação direta entre agentes – o que rompe paradigmas e indica que é somente a partir das informações partilhadas que surge o conhecimento.

Rodriguez & Santos (2011) abordaram a “sabedoria popular” como possibilidade de colaboração entre pessoas que pensam e agem da forma mais independente possível, gerando, no caso da internet, um entorno virtual próximo de cada pessoa que fornece os dados e cria uma inteligência de massa. Para os autores, os usuários da internet interagem a partir das modificações locais de um entorno virtual compartilhado. Nesse caso, “a heterogeneidade é muito importante” (p. 6). Com essa reflexão, os autores passaram a denominar como ‘multibuição’ “esse modo de colaboração emergente baseado na inteligência coletiva, que usa a estigmergia em um ambiente virtual, com regras desenvolvidas por algoritmos genéticos” (p. 9).

1.3.4 Fatores de influência na vida dos idosos

Analisamos aqui o binômio “prevenção-promoção” como fator de redução do isolamento social do idoso e de fortalecimento da promoção da saúde.

a) Prevenção do isolamento social do idoso

Neste trabalho a “convivência” aparece como chave para a prevenção do isolamento e para a promoção da saúde na velhice, tendo em vista que o envelhecimento em nossa sociedade pode acarretar muitos fatores que contribuem para o isolamento social. Um desses fatores poderia estar relacionado às atitudes negativas aqui abordadas, dirigidas às pessoas idosas pelo simples fato de terem envelhecido. Diante do constrangimento causado por estigmas, preconceitos e estereótipos associados à velhice e materializados em discriminações, as pessoas idosas (Parker, 2013) podem se retrair e evitar a convivência nessa etapa em que os relacionamentos poderiam ser criados, recriados e ou mantidos.

Em oposição ao isolamento, a convivência pode manter as pessoas idosas em contato com a vida, com suas expectativas, com o interesse em participar do mundo e resolver seus problemas coletivamente em sociedade e/ou encaminhar suas demandas.

No decurso de nossos estudos, a convivência se afigurou como possibilidade fundamental para a prevenção do isolamento social e a promoção da saúde do idoso – hipótese visitada ao longo da

pesquisa e fundamentada, entre outras referências, por artigos sobre pesquisas realizadas em grupos de convivência oferecidos em unidades básicas de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), que tiveram diversos achados sobre o efeito positivo da convivência para as pessoas idosas participantes. (Araújo et al, 2005; Almeida et al, 2010; Carmo et al, 2011; Navarro & Narcon, 2006; Wichmann et al, 2013; Sousa et al, 2010).

Entre os achados em unidades de saúde, a convivência aparece como “favorecedora do bem-estar e da preservação de habilidades sócio-cognitivas” (Almeida, et al., 2010). Um dos estudos concluiu ser a convivência uma estratégia de promoção da saúde e da redução do impacto do declínio ao melhorar as condições de vida, desse modo adiando o adoecimento (Araújo et al., 2005). Em outra pesquisa, entre as conclusões, os autores analisam que os idosos participantes de grupos de convivência mostram um perfil mais ativo do que a pessoas idosas que recorrem a serviços assistenciais (Carmo, et al., 2011).

No campo da Assistência Social, a preocupação com as consequências da redução da convivência gerou o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, implantado por meio do Sistema Único de Assistência Social -SUAS- (Brasil, PNAS, 2004) e oferecido nos Centros de Referência da Assistência Social (Cras), com atividades voltadas aos interesses e demandas da população idosa, como vivências em grupo, experimentações culturais, artísticas e esportivas, além de iniciativas de lazer que incentivam a interação.

b) Promoção da Saúde

A percepção de que a legislação e as práticas de Promoção da Saúde se referem à dimensão social da vida humana, nos levou ao que consideramos seus três pilares: Carta de Ottawa (OMS, 1986); a 8ª Conferência Nacional de Saúde (Brasil, 1987) e a Política Nacional de Promoção da Saúde (Brasil, 2014).

Ao estabelecermos os quatro pontos de observação desta pesquisa, tomamos a Promoção da Saúde como referência, conforme estabelecida na Carta de Ottawa (OMS, 1986), em que a Saúde é entendida como um “recurso para a vida e não como objetivo de viver”, caracterizada sob um ponto de vista positivo e como responsabilidade de todos, não exclusivo do setor saúde, para que se atinja um estilo de vida saudável e de bem estar global (p. 1). Na conceituação de Promoção da Saúde, a Carta de Ottawa recomenda a “capacitação da comunidade”, estabelecendo que as

pessoas e os grupos possam identificar, eles mesmos, suas aspirações e demandas transformadoras de seu ambiente.

Ademais, somos orientados pelo conceito ampliado de Saúde, definido na 8ª Conferência Nacional de Saúde – também de 1986 (Brasil, 1987), que estabelece a abrangência da Saúde como: “condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde”. E que, “sendo assim, (a Saúde) é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida”.

No Brasil, esse percurso da conceituação de “promoção da saúde”, entre outros marcos conceituais, repercute na Política Nacional de Promoção da Saúde (Brasil, 2014), que explicita como valores as características consideradas como contribuições para a vida saudável. Em sua redefinição no ano de 2014, a Política Nacional de Promoção da Saúde incorporou “valores fundantes” – como, por exemplo, a solidariedade. Além disso, aborda a felicidade como “auto-percepção de satisfação” – e, entre outros, os princípios de participação social e de empoderamento dos sujeitos e dos coletivos (p. 2).

2 Caminho Metodológico

Neste trabalho, os dados foram coletados à medida que desenvolvemos a pesquisa, como um “*trabalho em permanente construção*”. A partir da observação de um determinado momento, fizemos inferências, analisamos e publicamos os resultados que subsidiam novas pesquisas, e assim por diante.

2.1 Perguntas orientadoras

Entre nossas perguntas iniciais indagamos se, em situação social de acelerado aumento da população idosa, a convivência se configura como estratégia de promoção da saúde, considerando que as pessoas idosas discutem e resolvem suas demandas sem intermediação dos especialistas ou das instituições. Mais especificamente, as perguntas orientadoras de nossa pesquisa foram assim colocadas: “A convivência é fator de prevenção de isolamento social e de promoção da saúde? Para as pessoas idosas, o que é importante em seu processo de envelhecimento?”

Cabe citar Bortolon (2018), que traduz a visão e a prática presentes neste trabalho:

A novidade metodológica do que desenvolvi evidencia o caminho que percorri em meu pensar e diante das situações que se apresentaram ao longo dessa incursão. Não havia um caminho exato a ser seguido, não havia uma metodologia pronta com passos a serem tomados (p.54).

Como em Bortolon, em nosso “caminho (não) exato” e sem metodologia pronta, fomos construindo a pesquisa e vivendo as situações que se apresentaram para estudo. Nesse caminho encontramos Minayo (1994) como norte, com destaque para a autora como referência clássica para as ciências sociais e saúde. E encontramos também aportes de Triviños (1987) sobre a pesquisa qualitativa descritiva – metodologia predominante neste trabalho – discutida em seu livro muito referenciado na área de educação. Tomamos ainda os pressupostos de Becker (1994) sobre observação participante.

Parte indispensável do percurso da pesquisa, seus antecedentes remontam ao início desta investigação específica, posto que o espírito investigativo está presente desde sempre. Em

seguida explicitamos as opções metodológicas delineadas ao longo de nossos estudos, contendo, resumidamente as reflexões suscitadas em cada fase.

2.2. Opção Metodológica

Nosso trabalho constou de uma pesquisa qualitativa, com abordagem descritiva, composta de quatro pontos de observação sobre o envelhecimento e a convivência como fator de prevenção do isolamento social e de promoção da saúde do idoso.

Para Flick (2009), a pesquisa qualitativa é voltada à descoberta do novo e ao desenvolvimento de teorias empiricamente fundamentadas, podendo-se usar diversas abordagens teóricas e métodos que discutem a própria prática da pesquisa. O autor entende que a pesquisa qualitativa se consubstancia nas reflexões dos pesquisadores sobre os processos de produção de conhecimento e a variedade de abordagens e métodos.

No que diz respeito ao que denominamos “ponto de observação”, ressaltamos que a coleta de dados no âmbito da pesquisa qualitativa é de grande relevância para nosso trabalho por se efetivar no universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos membros de uma comunidade, envolvendo as relações, os processos intersubjetivos – que, na rede se configuram também como interações com o ambiente - e os fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1994). A pesquisa qualitativa propicia a abordagem de aspectos da realidade numa relação dinâmica que não pode ser traduzida em números ou em quantificações, por visar à compreensão e à explicação das relações sociais.

No livro *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*, Triviños (1987) transcende o que poderia ser um “manual” orientador dos pesquisadores que elegend o tipo de metodologia analisada. O autor vê a pesquisa totalmente inserida na sociedade, se preocupando com as ideias que “facilitam uma concepção do mundo, da vida e do homem” (contracapa). Triviños considera a abordagem de seu livro especialmente relevante para os países em desenvolvimento² em vista das correntes teóricas nele discutidas serem predominantes nas Ciências Sociais, nessas regiões amplamente referenciadas em cursos de pós-graduação, a saber: Positivismo, Fenomenologia e Marxismo. Identificamos em nosso trabalho as características da

² Em razão do ano do livro (1987), o autor se refere a esses países como “subdesenvolvidos”, termo que adaptamos para a atualidade.

corrente fenomenológica, sem entrar em aprofundamento teórico, mas fazendo as articulações que melhor esclarecem nossa opção metodológica.

Triviños afirma que “a pesquisa qualitativa é descritiva” (p. 128), sendo, na perspectiva teórica da fenomenologia, “essencialmente descritiva”, posto que é carregada de significados em permanente troca com o ambiente; permeada por visão subjetiva e independente de quantificações, ainda que haja pesquisas qualitativas com aspectos quantitativos, como na pesquisa aqui relatada. Nesse sentido, os resultados são interpretados a partir da argumentação baseada na percepção de um fenômeno em um determinado contexto – o que, para o autor, imprime coerência, lógica e consistência-, baseada, “por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas etc.” (p. 128). No caso desta pesquisa, utilizamos documentos entregues diretamente a mim, como relatórios, discursos, materiais informativos diversos, por não estarem disponíveis em repositórios, sites ou redes, ainda que sejam públicos – apenas por questões de ordem interna das instituições.

O autor destaca a questão dos significados como um ponto essencial da abordagem qualitativa para os pesquisadores dessa corrente, assim como tudo que serve de fundamento à vida das pessoas e ao estudo do que “pensam os sujeitos sobre suas experiências, sua vida, seus projetos.”

Entre suas reflexões, Triviños conceitua a Observação Livre (p. 153) como técnica empregada para lançar o olhar ao objeto, atentando para suas características como fenômeno social, no sentido de evento social estudado em atos, atividades, significados e relações, entre outros elementos, por meio de uma separação abstrata de seu contexto – **apenas** (grifo nosso) - para fins de estudo, quando

Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações etc. (ibidem)

Esse foi nosso exercício ao longo da pesquisa, associado ao uso da análise de documentos e de anotações de campo, como, por exemplo, a compilação das mensagens dos moderadores no grupo Envelhecimento em Comunidade, feitas a cada aumento significativo do número de membros, reproduzidas no Anexo I desta dissertação.

Com Triviños (p. 158), entendemos que, na prática de observações livres, as etapas do processo são inseparáveis, alcançando-se avanços na busca de significados e explicações dos fenômenos no decorrer da coleta de informações, mediante "reflexões do observador". Os dados coletados podem suscitar a necessidade de novas buscas, até que se chegue à interpretação das informações e um "relatório final" diferente do que é produzido na pesquisa quantitativa, posto que se constitui ao longo do desenvolvimento de todo o estudo e não representa uma “análise última dos dados” (p. 131). Em Triviños, a análise dos dados ganha flexibilidade a partir dos critérios internos e externos da dimensão subjetiva do enfoque qualitativo.

A análise interpretativa do material obtido na observação livre, para Triviños, deve se basear em três aspectos fundamentais: a) nos resultados alcançados no estudo (respostas aos instrumentos, ideias dos documentos); b) na fundamentação teórica (manejo dos conceitos-chaves das teorias e de outros pontos de vista); c) na experiência pessoal do investigador (p. 172).

Ademais da observação livre, nosso trabalho se alinha à Observação Participante entendida por Becker (1994) como “participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda” (p. 47). A formulação de Becker sobre a técnica de observação é acompanhada de exemplos de uma pesquisa que realizou, com outros pesquisadores, sobre uma Escola de Medicina. Becker relata o processo de observação participante e o engajamento requerido pelo interesse em compreender o grupo, ao invés de “demonstrar relações entre variáveis abstratamente definidas” (p. 48) como seria o caso da pesquisa quantitativa. Ele enuncia três estágios de análise no momento de campo e um quarto estágio posterior ao trabalho de campo, sendo cada um deles dotado de análise e conclusões próprias que são usadas em estágios subsequentes, de maneira dinâmica, não linear.

A relevância da reflexão de Becker para nossa metodologia está no estágio da observação participante, quando se apresentam evidências e inferências, com a atenção aos “muitos pontos que devem ser levados em consideração ao se utilizar cada dado” (p.63). É no último estágio onde são expostas as descobertas, as inferências e as conclusões a partir delas, com uma análise substantiva, permitindo que o interlocutor dos resultados apreenda a análise e as bases em que o pesquisador chegou às conclusões relatadas.

Este trabalho constou das três fases da pesquisa qualitativa em Saúde, tais como as indicadas por Minayo (1994), tendo a primeira um cunho exploratório, quando o objeto de estudo é amadurecido e o problema de investigação vai sendo delimitado, conforme vivenciamos. As

outras fases são coleta e análise de dados. Nesta última fase, de análise de dados, a abordagem das descobertas tem natureza descritiva (Becker, 1994) e discussão das inferências e conclusões possíveis no período destinado a nossa pesquisa.

Cada componente deste trabalho teve metodologia própria, sendo “ponto de observação”: livre - no sentido de Triviños (1987) - e participante - como em Becker (1994).

Pontos de observação:

- Artigo publicado: Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidade de pessoas idosas;
- Manuscrito em preparação: Comunidade Virtual de Idosos: observações sobre o envelhecimento em um grupo público no Facebook;
- Relato de Experiência: Observação Participante em iniciativas de extensão universitária com idosos;
- Relato de Oficina: Eu joven, não me preocupo com o envelhecimento.

2.3. Compromisso ético quanto aos dados na internet

A coleta de dados na comunidade virtual de idosos foi pautada pelo compromisso com a legislação protetiva das informações pessoais disponíveis na internet.

Uma lei voltada à garantia de acesso a informações públicas e à transparência na administração pública, Lei Nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, estabelece o tipo de sigilo orientador da coleta de dados nas informações pessoais disponíveis na internet, conforme inscrito na Seção V - Das Informações Pessoais – “Inciso II - à realização de estatísticas e pesquisas científicas de evidente interesse público ou geral, previstos em lei, sendo vedada a identificação da pessoa a que as informações se referirem.” (Brasil, 2011).

Quando aborda os conceitos no Art. 4º (Capítulo I, Disposições Gerais), a Lei define informação como “dados, processados ou não, que podem ser utilizados para produção e transmissão de

conhecimento, contidos em qualquer meio, suporte ou formato;” e informação pessoal como “aquela relacionada à pessoa natural identificada ou identificável” (incisos I e IV). Define ainda que os procedimentos para tratamento de informação pessoal serão disciplinados por regulamentação específica.

Nesse sentido, na Resolução 510/2016 consta como exemplo de informação de acesso público aquela disponível na internet “sem necessidade de senha”. A Resolução 510/2016 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP Central) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), dispõe sobre estudos que não necessitam de registro no sistema CEP/CONEP.

Esta pesquisa leva em consideração que, ao se cadastrarem em espaços virtuais, os usuários tomam conhecimento dos termos de funcionamento e das políticas de privacidade e registram o aceite após a leitura. A concordância permite ao pesquisador o uso dos dados sem identificação da pessoa, conforme legislação acima e respeito às políticas da rede social, dispensando o recurso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. A citação de postagens e comentários feita sem identificação de nome e localidade dos membros da comunidade não expõe a identidade destes, por não possibilitar o reconhecimento das pessoas a partir de seus comentários e não permitir que sejam encontradas por sites de busca. Ademais, no caso específico da comunidade virtual de idosos no Facebook, o texto de acolhimento de novos membros explicita a vinculação da comunidade à pesquisa sobre envelhecimento e, em alguns casos, recebe comentários que demonstram aprovação.

Opção de formato

Esta dissertação se vale da liberdade de estruturação ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS)/IOC que possibilita a inserção de artigos publicados juntamente com capítulos em formatos textuais dissertativos ou como manuscritos a serem submetidos a publicação. Desse modo, no item “Resultados”, o trabalho ficou organizado em 4 seções, da seguinte forma: 1 artigo publicado (Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidade de pessoas idosas), 1 manuscrito a ser submetido a publicação (Comunidade Virtual de Idosos: observações sobre o envelhecimento em um grupo público no Facebook), 1 relato de experiência (Observação Participante em iniciativas de extensão universitária com idosos) e 1 relato de oficina (Eu jovem, não me preocupo com o envelhecimento).

3 Resultados

3.1. Artigo publicado: Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidade de pessoas idosas

Este ponto de observação se constitui de um artigo elaborado por esta autora e seu orientador, publicado na Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde (Rev. Bras. Pesq. Saúde, Vitória, 20(3): 33-39, jul-set, 2018), aqui reproduzido na íntegra. O artigo é importante marco de nossa trajetória de pesquisa por conter o centro de nossas reflexões sobre o lugar que atribuímos às pessoas idosas na vida social. Princípio também presente nos demais pontos de observação desta pesquisa. O texto a seguir é reprodução do artigo publicado, conforme formatação para a revista.

Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidades das pessoas idosas

Social mobilization and principles of active aging as strategies for vulnerability reduction for the elderly

Silvia M. M. Costa

Mestranda em Ensino de Biociências em Saúde/PPGEBS/IOC/Fiocruz

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde"/Fiocruz

Diretora do Departamento de Atenção ao Idoso/SNPDH/MDS

Especialista em Comunicação e Saúde

Especialista em Educação

Blog <http://aprendemos- sempre.blogspot.com.br/>

Nilton Bahlis dos Santos

Coordenador do Núcleo de Experimentação de Tecnologia Interativa (Next) e do Grupo de Pesquisa "Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde"/Fiocruz

Pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública - ENSP/Fiocruz

Professor Permanente do PPGICS/ICICT e Professor Colaborador do PPGEBS/IOC

<http://about.me/niltonbdossantos/#>

<http://niltonbahlisdossantos.tumblr.com/>

<http://www.next.wiki.br/repositorio/>

http://www.wiki.next.wiki.br/P%C3%A1gina_principal

3.1.1 Resumo e Abstract

Introdução: Os sentidos da mobilização social e o entendimento de que o risco social é consequência de vulnerabilidades de parcelas da população - sejam grupos etários ou minorias afetadas pelas mais diversas ameaças – motivaram o presente estudo na busca de estratégias de superação engendradas por populações vulneráveis, em particular a população idosa. **Objetivo:** Investigar os pressupostos sobre o campo do envelhecimento e possíveis encaminhamentos para a redução das vulnerabilidades da população idosa. **Métodos:** Análise comparativa de duas publicações, uma com um ponto de vista sobre o envelhecimento: “Envelhecimento Ativo: um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade” e a outra sobre uma mobilização social exemplar, “E também lhes ensinem a ler... A Experiência da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua”. Enquanto a primeira publicação postula o aspecto positivo do envelhecimento e as formas de alcançá-lo, a segunda relata um movimento social de caráter universal, ocorrido na Nicarágua, com potencial para servir de exemplo a uma mobilização de pessoas idosas cidadãs, ainda que vulneráveis, por seus direitos e suas demandas. **Conclusão:** Este trabalho conclui que é preciso ir mais além de reconhecer os riscos sociais, criando condições para a sua superação.

Palavras-chave: Envelhecimento; Vulnerabilidade Social; Educação da População; Educação em Rede.

Abstract

Introduction: The senses of social mobilization and the understanding that social risk is a consequence of vulnerabilities of portions of the population - whether referring to age groups or minorities affected by threats - motivated the present study in the search for strategies engendered by vulnerable populations to overcome their situation, in particular the elderly population. Objective: To investigate the assumptions about the field of aging and possible references to reduce the vulnerabilities of the elderly. Methods: Comparative analysis of two publications, one with a specific and positive view on aging: "Active Aging: A Political Framework in Response to the Longevity Revolution" and the other one, a singular example of social mobilization, "And also teach them to read .. The Experience of the Nicaraguan National Literacy Crusade ". While the first publication postulates the positive aspect of aging and ways to achieve good social and health conditions, the second one reports a social movement of a

universal sort, which occurred in Nicaragua, with the potential to serve as an example for the mobilization of elderly for their rights and their demands. Results:? Conclusion: This study concludes that it is necessary to go beyond recognizing social risks, creating conditions for overcoming them.

Keywords: Aging; Social Vulnerability; Population Education; Network Education.

3.1.2 Introdução

Em que medida uma sociedade se transforma em uma década? Mais especificamente, se levarmos em conta o período que reúne o aumento da complexidade em nossa sociedade e grandes mudanças como a popularização da internet e a crescente longevidade? O aumento da complexidade subverte e desintegra formas de sociabilidade ampliada pelo crescente acesso à Internet, que no Brasil se popularizou a partir de 1995, quando deixou o universo do trabalho e das ciências e se inseriu nos espaços dos pequenos negócios e de profissionais liberais e, finalmente, em residências. As gerações nascidas nos anos 1990 entraram em um mundo de relações interativas e predominantemente audiovisual desde os primeiros anos de vida, independente dos dispositivos utilizados ou da familiaridade adquirida com ambientes virtuais, em particular por meio de jogos eletrônicos.

Gerações anteriores à década de 1990 se adaptaram a esse mundo novo. Particularmente, os *baby boomers*, um grupo populacional que se afasta do que podemos chamar de Ordem do Livro: “uma cultura estritamente relacionada à construção da escrita e da Imprensa, e à irradiação de suas características cognitivas para todo o tipo de prática social”. Tal como ocorre em sistemas simples, as relações anteriores à Internet se estruturam de forma hierárquica, com organização centralizada, em uma única direção e caminhos predefinidos, lineares e sequenciais.

De maneira distinta, com o crescimento da complexidade, a sociedade passa a ser dotada de elementos dinâmicos, flui em permanente mudança e com alternância de funções dos atores – ora em destaque, ora invisíveis –, caracterizada por relações que inviabilizam a cultura anterior. As pessoas idosas de hoje, grande parte *baby boomers*, estão diante de uma sociedade complexa, baseada em processos emergentes, colaborativos e de interação multilateral, no que podemos chamar de a nova “Ordem da Internet”. As redes sociais na internet apontam para essa nova maneira de ser e de fazer, em que as mudanças ‘des-atualizam’ as práticas tradicionais, novamente reconstituídas e ampliadas no “sentido do infinito”.

Nesse contexto, duas publicações expõem concepções de superação de vulnerabilidades, formulando caminhos distintos para envolver a população, sendo em um dos casos a população idosa em busca de soluções para os problemas enfrentados no processo de envelhecimento. A análise das duas publicações constitui a metodologia adotada neste estudo com vistas à discussão sobre as condições para a superação de vulnerabilidades e riscos sociais.

De um lado, a sociedade longeva é descrita na publicação “Envelhecimento Ativo: um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade” que revisa e atualiza a edição de 2002 traduzida em 2005 como “Envelhecimento Ativo – uma política de saúde”, da Organização Mundial da Saúde. O volume de 2015 sobre Envelhecimento Ativo expõe uma situação caracterizada por diversidade crescente, convivência de múltiplas gerações, desafios progressivos para o suporte às famílias com idosos, aumento da vulnerabilidade, novas oportunidades para inovação e adaptação, potencial humano renovado para proteção e suporte.

Segundo a publicação de 2015 sobre Envelhecimento Ativo, há um cenário positivo para a qualidade de vida na velhice a partir do qual faz recomendações para políticas públicas institucionais, consideradas por seus autores como estratégias para a implementação do “Envelhecimento Ativo”, que pressupõe como pilares: Saúde, Aprendizagem ao longo da vida, Participação e Segurança/Proteção. Segundo os autores, os quatro pilares devem ser cultivados, à semelhança dos “capitais” acumulados e usufruídos no decurso da existência. De acordo com a publicação de 2015, a acumulação desses capitais contribui para um processo de envelhecimento mais favorável à resiliência, ao bem-estar e à qualidade de vida, em oposição às possíveis vulnerabilidades.

No âmbito dos pressupostos do “Envelhecimento Ativo”, as pessoas idosas, as principais interessadas na busca de soluções para seus problemas, quando são chamadas a participar, identificam as situações positivas e as negativas em suas vidas, apontando questões singulares ao envelhecimento conhecidas por quem as vivencia. Para o Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR), o movimento de “baixo para cima” é mediado por lideranças da Academia ou da classe política, com o objetivo de persuadir o Estado a elaborar políticas públicas institucionais, que serão realizadas de “cima para baixo”.

De outro lado, a nosso ver, um movimento efetivamente originado e desenvolvido pela população idosa, em processo emergente, se revela como caminho para a redução das vulnerabilidades da velhice – e, por extensão, dos riscos sociais: um movimento realmente de

“baixo para cima”. Isto requer processos de mobilização social, como o que foi vivenciado na Nicarágua, em 1980, de acordo com o relato do livro “E também lhes ensinem a ler... A Experiência da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua”. Nilton Bahlis dos Santos conta que:

A Cruzada (Nacional de Alfabetização da Nicarágua) provou que é possível educar e minorar os problemas de um país a partir das energias de sua própria população. Ela nos mostrou que quando tratamos de problemas que envolvem milhões de pessoas, a questão fundamental que se coloca é: Como colocá-las em movimento? Como ajudar a população a encontrar os recursos necessários para melhorar suas condições de vida e como garantir sua utilização com eficiência, impedindo os desperdícios e aproveitando o potencial indireto deste esforço, criando e desenvolvendo “subprodutos”, e realizando objetivos aparentemente secundários? Assim, a Cruzada foi um acontecimento de caráter universal, aplicável a qualquer contexto social, em qualquer tempo.

Santos, pesquisador da Fundação Oswaldo, considera a experiência da Cruzada um importante projeto da Revolução Sandinista, dotado de uma concepção inovadora de políticas públicas, “que não se centra nas iniciativas institucionais ou parlamentares, mas na mobilização da população”, onde a população não apenas reivindica, mas critica, sugere e formula políticas públicas a serem desenvolvidas pelos governos. Onde ela decide, faz, realiza e constrói suas políticas na prática.

As vulnerabilidades inerentes à vida social e implicadas no avanço natural da idade oferecem riscos ao futuro próximo e distante. Seu enfrentamento reclama mudanças expressivas em uma sociedade pouco habituada a uma extensão da vida muito maior do que jamais foi em toda a história da humanidade.

O objetivo do presente estudo é investigar os pressupostos sobre o campo do envelhecimento e possíveis encaminhamentos para a redução das vulnerabilidades da população idosa. Ao analisar uma publicação que recomenda a “escuta” das pessoas idosas como princípio central para o alcance do que considera “envelhecimento ativo” e estabelecer um paralelo com o relato sobre uma mobilização social emergida da população, este estudo coloca em questão duas visões sobre o surgimento de movimentos populacionais, provindos da disposição institucional para ouvir ou da iniciativa da sociedade.

3.1.3 Métodos

Foi utilizada uma análise comparativa, com abordagem qualitativa e descritiva, no período de 14 meses (2015-2016). A análise das duas publicações objeto deste estudo foi estabelecida pelo cotejo de suas características no que concerne à maneira de abordar o risco social a partir da indicação de caminhos para a sua redução, sem descrever e discutir o risco social como problema. Cada publicação com sua peculiaridade discutida ao longo deste estudo: uma com um ponto de vista sobre o envelhecimento (“Envelhecimento Ativo: um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade”) e a outra sobre uma mobilização social exemplar (“E também lhes ensinam a ler... A Experiência da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua”).

As duas publicações estão entre os referenciais teóricos de pesquisas dos autores deste estudo e demonstram, cada uma a seu modo, as possibilidades de mobilizar parcelas da população por suas demandas. São fontes adequadas para a investigação dos pressupostos do campo do envelhecimento que recomendam a participação social nas proposições destinadas aos seus maiores interessados: a sociedade.

3.1.4 Resultados/Discussão

A análise comparativa mostrou que publicação “Envelhecimento Ativo: um Marco em Resposta à Revolução da Longevidade”, o envelhecimento é analisado e entendido como fenômeno positivo permeado por fatores determinantes, em vista de aspectos relacionados à pessoa; a seu habitat; à vida socioeconômica; à organização da sociedade em instituições, governos e seus serviços. Essa é a sua virtude: “não ver o envelhecimento como deterioração, mas como a descoberta de novas formas de viver o envelhecimento”. Com isso em vista, “Envelhecimento Ativo” é definido como “o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”. Segundo a publicação do ILC3, o princípio do envelhecimento ativo (i) faz parte de uma “Revolução da Longevidade”, (ii) reconhece a resiliência como um constructo indispensável e (iii) propõe uma transformação radical na estrutura do gráfico do curso de vida – enquanto, em 2002, levava em consideração a dimensão quantitativa do “envelhecimento rápido da população” e concebia o curso de vida em três etapas constituídas por infância, fase adulta e velhice.

Os fundamentos do marco político do “Envelhecimento Ativo” estabelecem seis categorias como fatores determinantes que se entrecruzam: sociais; econômicos; ambiente físico; serviços sociais e de saúde; comportamentais e pessoais. Além de incluir cultura e gênero como categorias transversais. A partir de quatro pilares – Saúde, Aprendizagem ao longo da vida, Participação e

Segurança/Proteção – as ações baseadas no “Envelhecimento Ativo”, de acordo com a publicação de 2015, devem representar estratégias de enfrentamento de vulnerabilidades e do risco social.

Em vista do conceito ampliado pela VIII Conferência Nacional de Saúde⁶, o documento citado associa Saúde a “condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde”. E reconhece que, “sendo assim, (a Saúde) é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida”. E nessa perspectiva, no Brasil, se forem tomados apenas alguns componentes do conceito ampliado de Saúde – como alimentação, habitação, emprego e renda –, os grupos vivendo abaixo da linha de pobreza se defrontam com barreiras para o alcance da plena Saúde.

Segundo o pesquisador Renato Peixoto Veras, o país convive, em especial, ao mesmo tempo com doenças infecciosas não erradicadas e doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) típicas do avanço da idade. O envelhecimento populacional é acompanhado de crescente incidência de doenças crônicas, em decorrência de transições demográfica e epidemiológica, de natureza progressiva e incapacitante, que levam a diferentes graus de dependência impeditiva da realização de atividades básicas de vida diária e para um acentuado declínio funcional.

Um exemplo de doença infecciosa que persiste no Brasil é a tuberculose.

Dados mostram que:

o município do Rio tem a maior taxa de mortalidade por tuberculose do país: mais de uma pessoa por dia. Para erradicar a doença é urgente urbanizar as favelas, explicam estudiosos. Eis um recorde que a Cidade Maravilhosa se empenha em esconder: além de ter uma taxa de incidência de tuberculose bem acima da média nacional (82 casos por 100 mil habitantes), a taxa de mortalidade pela doença é a mais alta entre todas as capitais do país – 6,9 mortes por 100 mil habitantes, o dobro da média das capitais brasileiras. Foram 440 pessoas mortas na capital e 840 em todo o estado pela doença em 2014, segundo os dados mais recentes publicados pelo Ministério da Saúde.

Para Veras, no que tange ao envelhecimento, a palavra de ordem é “evitar o surgimento de doenças”, como proposta de mudança do modelo atual de atenção à saúde do idoso, que se organiza para a cura e não para mobilizá-las para manter e melhorar sua saúde. Segundo Veras,

as particularidades do idoso são bem conhecidas e caracterizadas por mais fragilidades, doenças crônicas e menos recursos sociais e financeiros, entre outros fatores.

Sendo a Saúde caracterizada como uma situação de bem-estar multidimensional, parece-nos, neste trabalho, que “saúde” pode ser vista como a vida em si ou como a preocupação primordial de um ser humano para manter-se vivo e politicamente atuante. Talvez, o eixo central da vida? Ou ainda o elemento que não pode faltar?

Componente da vida humana, a aprendizagem propicia a sustentação da Saúde e permeia ações, opções, decisões, enfim, a convivência social, segundo os pressupostos do Envelhecimento Ativo, sendo o pilar “Aprendizagem ao longo da vida” uma chave para o alcance da saúde como capital vital e para a prevenção e a redução de vulnerabilidades. A edição de 2015 sobre “Envelhecimento Ativo” vincula vulnerabilidade, além de outros fatores, ao menor grau de escolaridade predominante em parcelas pobres da população, em minorias raciais e culturais, entre os imigrantes, pessoas com deficiência, pessoas idosas e mulheres.

Diz ainda que “A educação organizada de adultos após o fim da escolarização tende a focar na aquisição de habilidades e conhecimentos relacionados ao trabalho e a se direcionar a pessoas em atividade na força de trabalho”. Uma “Aprendizagem ao longo da vida” implicaria diversidade de programas e iniciativas que ajudassem “a cultivar relacionamentos e a lidar com situações”, mais do que se encontra em processos de educação formal certificadores de saberes.

A proposta do Envelhecimento Ativo, em qualquer de seus pilares, inclui recomendações para políticas públicas institucionais, baseadas na intermediação por agentes públicos junto a setores governamentais, com enquetes de consulta às pessoas idosas sobre suas demandas, que terão os resultados como componentes dessas recomendações para políticas.

As mudanças nas relações sociais – fontes essenciais do conhecimento – podem advir da própria população idosa, no sentido do relato do livro sobre a experiência da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua: uma iniciativa de alfabetização que teve como motor as ações empreendidas pelas próprias pessoas que se alfabetizavam.

Ela foi um grande esforço coletivo para o povo conhecer-se a si mesmo. Não um conhecimento puramente intelectual e anterior à ação, mas um conhecimento que levava à formação da

consciência crítica e à organização, fortalecendo o poder popular, criando e desenvolvendo as organizações de massa.

A perspectiva da experiência nicaraguense de contato ativo com o ambiente (com o contexto) envolveu múltiplas relações construídas nas idas aos bairros e povoados, na convivência com operários e camponeses, na aprendizagem com o trabalho coletivo. Assim, cada um se educava e todos educavam uns aos outros, a partir do que identificavam como necessidades para além da alfabetização, sem excluí-la. Por que “alfabetização é algo muito mais sério do que apenas saber ler e escrever”.

Para o presente estudo, a experiência da Cruzada nicaraguense se configura como exemplo de mobilização de uma comunidade empenhada em resolver seus próprios problemas e que se colocou como tarefa a erradicação do analfabetismo. Ainda que não tenha sido uma vivência específica da população idosa e de ter ocorrido nos anos 1970 e 1980, a emergência do movimento expressa a possibilidade de que isso aconteça em qualquer grupo populacional, como das pessoas idosas. Uma das tarefas da Cruzada era reorganizar o país no terreno político e econômico – sem subdivisões ou setorizações, gerando uma revolução cultural que se incorporou à revolução das condições materiais para ser parte dela. Foi uma “revolução do homem e de suas relações”.

O olhar da Cruzada sobre a educação como processo coletivo envolveu uma ação e organização multifacetada, com base na preparação de um número progressivo de alfabetizadores, “multiplicadores”, em oficinas onde se rompia com a estrutura autoritária da educação como era concebida anteriormente. Ao mesmo tempo havia uma “agitação” em torno da Cruzada Nacional de Alfabetização. Nas oficinas, eram realizadas capacitação pedagógica e discussões sobre a situação política, econômica e social nacional. Em razão do momento revolucionário que se vivia, e as condições em que seria feita a alfabetização, havia, inclusive, preparação física e militar e curso de sobrevivência na selva.

Elementos da vida cotidiana eram parte integrante dos debates que incluíam Arte e Sociodramas (encenações da vida real), provocadores de reflexão e desencadeadores de estudos sobre “as condições sociais e o processo político que se vivia no país. A postura autocrítica era estimulada a partir de um balanço, após cada sessão de trabalho. O alfabetizador era também orientado para respeitar o camponês e enfrentar suas dificuldades coletivamente”.

A propagação do trabalho, um importante componente da Cruzada, se fez por meio de redes de informação e comunicação, em uma fase anterior à popularização das redes de internet (anos 1980). Assim se formou uma conexão permanente de radioamadores, do sistema de comunicação do Exército Popular Sandinista e uma equipe de rádio da própria Cruzada. Toda a campanha publicitária da Cruzada foi feita gratuitamente pelos meios de comunicação e publicados e distribuídos boletins impressos, além de cartazes e murais. A alfabetização foi uma ideia geradora das inovações sociais iniciadas na Nicarágua.

Reconhecemos como limitação do presente estudo o fato de que o tema de uma das publicações analisadas é o envelhecimento e da outra é o processo de mobilização em si. Entretanto, nos pareceu um caminho metodológico para comparar diferentes visões sobre mobilização social como forma de compreender a proposta de escuta da população ensejada na publicação sobre envelhecimento ativo.

A contribuição deste estudo à comunidade científica decorre da explicitação dos sentidos expressos na proposta de escutar as pessoas idosas sobre suas demandas a partir de um lugar de mediação social que implica em uma relação hierárquica que autoriza a fala. Por outro lado, o presente estudo coloca em cena um processo de mobilização social de pouca intervenção de instâncias mediadoras, propiciadora de emergências das populações envolvidas.

Ainda outra contribuição contida neste estudo se refere à Promoção da Saúde conforme enunciada pelo conceito ampliado de Saúde, assim como na proposição de mudança do modelo atual de atenção à saúde do idoso para que se evite o surgimento de doenças. Além do incentivo a condutas que melhorem a qualidade de vida por meio de mobilização das pessoas idosas.

3.1.5 Conclusão

A análise de duas publicações traz à luz duas possibilidades e frentes de luta pela redução de vulnerabilidades das pessoas idosas no Brasil. Para o documento sobre o envelhecimento ativo, muitas são as formas de engajamento social, seja pelo trabalho remunerado ou voluntário. Seja, ainda, em atividades culturais, intelectuais, cívicas ou recreativas. A expressão religiosa ou a defesa de uma causa – tudo envolve cada pessoa com outras, sentimentos, ideais e interações as mais diversas. Ao envelhecer é preciso manter, se não todos, ou criar novos, muitos desses exercícios sustentadores da saúde, da sensação de pertencimento e de sentido da vida. Para os autores, deixar de se engajar, é criar uma situação de isolamento social, vulnerabilidade e risco.

De acordo com a publicação sobre o envelhecimento ativo, ameaças à segurança, no âmbito individual, podem surgir de “doença, mortes na família, períodos de desemprego ou invalidez e migração para fora da terra natal. Formas intensas e crônicas de estresse geradas pela incerteza quanto à segurança podem levar a problemas de saúde mental, com risco mais alto para mulheres, adolescentes, idosos e pessoas com deficiências”.

O caráter social da segurança aponta para os riscos dos “conflitos, os efeitos das mudanças climáticas, os desastres naturais, as epidemias, o crime organizado, o tráfico de pessoas, a vitimização criminal, a violência, o abuso e a discriminação interpessoal, bem como o declínio econômico e financeiro repentino e/ou prolongado”. Para o ILC, esse panorama revela a Proteção Social como fator preponderante para implantação de mecanismos de segurança e combate às ameaças na esfera social. Individualmente também é necessário que se façam previsões para a velhice e para momentos de dificuldades e crises.

Os autores do presente estudo reconhecem os riscos enumerados pelo postulado do Envelhecimento Ativo e entendem que possivelmente essas ameaças façam parte das preocupações das pessoas idosas que não precisam de intermediários para a formulação de uma enumeração de riscos.

Na apresentação de seu relato sobre a Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua, Santos também analisa o contexto político brasileiro dos últimos anos, afirmando que restou à população apenas a “possibilidade de periodicamente eleger seus ‘representantes’, ou fazer pressão e protestar”. A melhoria das condições de vida da população saiu de sua governabilidade quando a política de esquerda assumiu o poder no Brasil e começou a ocupar postos governamentais para buscar decisões e soluções no âmbito de “políticas públicas” de Estado.

Como em Santos, este trabalho aponta para uma mudança de conduta, que tem um marco nas mobilizações de 2013, na retomada de movimentos espontâneos desencadeados inicialmente contra o aumento das tarifas de ônibus, que, depois de uma primeira manifestação, se propagaram para outras capitais do país. A seguir, a cada insatisfação, a população se manifestava, se coordenando via redes sociais, sem passar por lideranças ou por convocação de partidos. Ainda assim, a mobilização ficou distante de uma “cruzada” como se viu na Nicarágua. Posteriormente os movimentos refluíram e o cenário foi dominado (e de certo modo manipulado)

por partidos políticos e por grupos polarizados em torno de partidos e posições contra e a favor do governo federal.

Prevista pela Constituição Federal de 1988, a formação de conselhos populares de saúde visaria à participação da sociedade na gestão pública, através da eleição de lideranças, que terminam por serem cooptadas pelos órgãos aos quais se vinculam e deixam de atrair o interesse das pessoas. Instalados na década de 1990, os Conselhos de Saúde apontavam um caminho de aproximação entre Estado e sociedade e, conforme o artigo Desafios da participação social nos conselhos⁹: “poderiam funcionar como um canal de efetivação das demandas sociais por direitos”. No artigo, no entanto, os autores se expressam sobre os Conselhos como “dilemas da participação da sociedade” e refletem sobre o que chamam de “novos movimentos sociais e representação de interesses (ou neocorporativismo)”.

Um esforço coletivo da população idosa e dos círculos que com ela se relacionam poderia provocar um fluxo de iniciativas correlacionadas e geradoras de redução de desigualdades sociais, vulnerabilidades e discriminação por idade. Nos moldes da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua, ações localizadas que se articulem e se sincronizem poderiam ser catalizadoras das demandas represadas da sociedade, cuja liberação tenderia a mobilizar outras camadas – como a pedra que jogada na água irradia ondas circulares e crescentes, em sequência.

As publicações referenciadas neste artigo propõem ações de combate às vulnerabilidades – de um lado o olhar sobre o envelhecimento e de outro lado sobre uma mobilização social factível. Analisando-a e nos referenciando em nossas experiências, finalizamos por registrar, com este trabalho, que um possível caminho para a superação das vulnerabilidades identificadas, estudadas e reconhecidas, porém não enfrentadas e resolvidas, seria o investimento em iniciativas de educação permanente na terceira idade, em particular relacionada à promoção da saúde. Para isto, se pode explorar a criação de redes sociais (virtuais ou não) mobilizando-se a população idosa a partir de suas singularidades, criando condições para ela refletir, se conhecer e se modificar na solidariedade para a superação de suas iniquidades.

Desse modo, “Envelhecimento Ativo”, na visão do presente trabalho, poderia ser definido como uma “revolução do homem e de suas relações”.

3.1.6 Referências

1. Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (BR). Nossa história [Internet]. Brasília, DF: RNP; [acesso em 2017 ago 8]. Disponível em <https://www.rnp.br/institucional/nossa-historia>
2. Santos NB. Novas tecnologias: do partido centralizado às redes da sociedade civil e comunidades virtuais. *Liinc em Revista*. 2008;4(1):54-62.
3. Centro Internacional de Longevidade Brasil. Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade. Rio de Janeiro: ILC-Brasil; 2015.
4. Organização Mundial da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília, DF: OPAS; 2005.
5. Santos NB. E também lhes ensinam a ler... a experiência da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua. 2. ed. atual. reduzida. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições; 2016.
6. Ministério da Saúde (BR). Anais da 8^o Conferência Nacional de Saúde; 1986 mar 17-21; Brasília, DF. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 1987.
7. Veras RP. A urgente e imperiosa modificação no cuidado à saúde da pessoa idosa. Editorial. *Rev Bras Geriatr Gerontol*. 2015;18(1):5-6.
8. Vigna A. Rio, recordista de tuberculose em tempos olímpicos [Internet]. São Paulo: Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo, 2016 maio 12 [acesso em 2017 ago 7]. Disponível em: <http://apublica.org/2016/05/rio-recordista-de-tuberculose-em-tempos-olimpicos/>
9. Durán PRF, Gerschman S. Desafios da participação social nos conselhos. *Saúde Soc São Paulo*. 2014;23(3):884-96.

3.2. Manuscrito em preparação: Comunidade Virtual de Idosos: observações sobre o envelhecimento em um grupo público no Facebook

Este manuscrito está em elaboração para ser submetido a publicação.

3.2.1 Resumo

Introdução: Em uma conjuntura de acelerado aumento da população idosa, indagamos se a convivência de idosos em rede social na internet representa uma oportunidade para a promoção da saúde, considerando a possibilidade de que discutam e resolvam coletivamente suas demandas sem intermediação de especialistas ou de instituições. A partir desse contexto, criamos o grupo público “Envelhecimento em Comunidade”, no Facebook, como um ambiente de observação participante, destinado especialmente às pessoas idosas, mas também aos interessados de todas as idades, para a troca de experiências sobre a fase vivida depois dos 60 anos. Ao ser construído, o grupo teve adesão espontânea e progressiva, geradora de um salto no número de membros, que, sem publicidade, em três meses de existência, mais do que dobrou sua quantidade. Após seis meses, o número foi de 20 mil para 80 mil, tendo, ao final de 2018, mais de 130 mil membros. A investigação foi realizada no âmbito do grupo de pesquisa "Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde" (TCPIS), ENSP/Fiocruz-CNPq. **Objetivo:** Identificar estratégias de promoção da saúde nas manifestações das pessoas idosas sobre seus processos de envelhecimento, em um “laboratório vivo” na internet – à semelhança da dinâmica da vida cotidiana. **Metodologia:** A opção pela observação participante abrangeu registro, categorização e análise de postagens diárias dos membros da comunidade, dos temas discutidos e das preocupações suscitadas pelas pessoas idosas e pelos demais membros. A coleta de dados se baseou no compromisso com a legislação protetiva das informações pessoais disponíveis na internet. O período de observação e coleta de informação foi de setembro de 2016 a março de 2019. Durante a realização da pesquisa, estes pesquisadores foram membros da comunidade virtual de idosos e também moderadores. **Resultados:** As manifestações dos membros da comunidade virtual de idosos revelaram temas e preocupações que fazem parte de seu processo de envelhecimento e constituem informações de uma velhice que não integra os tratados teóricos e as recomendações dos especialistas, com a ressalva de que o isolamento social vem despontando na literatura sobre a longevidade. Entre as razões para conviver em comunidade, as pessoas idosas reconheceram o alívio da solidão; a possibilidade de conversar – ainda que virtualmente -; o compartilhamento de bons e maus momentos; a demonstração de orgulho por conquistas; a busca de consolo por tristezas; a expressão de solidariedade quando necessária. **Considerações finais:** A análise das participações na comunidade virtual de idosos indicou alguns aspectos, entre outros, como: (1) a expressiva adesão à convivência em comunidade representa uma nova sociabilidade na velhice; (2) o exponencial aumento do número de participantes sinaliza uma demanda reprimida de espaços abertos à fala dos idosos; (3) pessoas

idosas realizam intenso debate sobre questões específicas da velhice e mais abrangentes sobre a internet e a vida contemporânea.

3.2.2. Introdução

Em 2016, criamos a comunidade virtual de idosos intitulada “Envelhecimento em Comunidade” como grupo público na rede social Facebook. Assumimos, Nilton Bahlis dos Santos e eu, a função de moderadores da comunidade, com o entendimento de que nossa intervenção deveria ser discreta, para que a participação dos membros fosse descontraída e espontânea, orientada apenas por algumas regras de convivência apresentadas na “descrição” do grupo, disponíveis em uma coluna à direita onde há também outras informações publicadas pelo Facebook.

O Envelhecimento em Comunidade é um ambiente virtual, de livre expressão, não hierarquizado, moderado segundo normas de convivência pactuadas entre os participantes, que procuram garantir a troca de experiências e a reflexão sobre envelhecimento. Como ambiente de relações horizontais, não correspondentes ao modelo de democracia representativa, ou seja, sem intermediários dos relacionamentos entre as pessoas, tendo apenas uma moderação discreta – opção que também incorreu em críticas dos membros. A comunidade virtual está baseada na expressão de seus membros sobre suas inquietudes e sobre como envelhecem e compartilham com outros uma vida comunitária.

Abordamos aqui a origem da comunidade e o acentuado e inesperado crescimento que nos surpreendeu por não esperarmos tão grande adesão a um ambiente destinado ao envelhecimento. Descrevemos as características da moderação, seus princípios e seu desenvolvimento. E destacamos fatos ocorridos nas interações dos membros da comunidade que evidenciam as visões sobre a velhice e a vida em geral.

O objetivo foi criar um ‘laboratório vivo’ na internet para experimentações de pesquisa. O período analisado neste trabalho foi de setembro de 2016 a março de 2019.

a) Descrição do grupo “Envelhecimento em Comunidade”

Ao criar a comunidade definimos alguns princípios que foram expostos na área destinada pelo Facebook para a “descrição” do grupo, abaixo reproduzida.

Este grupo é um espaço para falarmos sobre nossas vidas e o processo de envelhecer que começa ainda no útero materno. Longevidade e Envelhecimento são assuntos de interesse de todas as idades e de quem pesquisa e trabalha com isso.

O grupo Envelhecimento em Comunidade se propõe a ser um ambiente que contribui para um processo de “envelhecimento comunitário”, onde pode se trocar experiências e conversar sobre suas alegrias e dificuldades, que ajuda na compreensão do que é o envelhecimento e o explora de maneira positiva. Aqui se pretende trocar ideias, experiências, iniciativas e práticas entre pessoas idosas e de todas as idades.

Além de contribuir, também, para o envelhecimento saudável e feliz de seus criadores (que têm os mesmos direitos de todos), a idéia de organizar esse grupo surgiu a partir da criação de uma área de pesquisa na Fiocruz, do Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas da Fiocruz (Next/Ensp - <https://www.facebook.com/nextfiocruzensp/?fref=ts>). Uma área de pesquisa sobre o envelhecimento, que considera a vida comunitária como uma forma de promoção da saúde e, no caso da terceira idade, uma possibilidade de romper com o isolamento e a solidão, ampliando a autonomia do idoso. A manutenção da autonomia tem um impacto decisivo na saúde do idoso e sua qualidade de vida. Ainda que nossa pesquisa que estuda o envelhecimento comunitário, não seja o objetivo do grupo, eventualmente informaremos seu andamento e pediremos suas idéias e colaborações.

Mas o mais importante é que usemos esse espaço para envelhecermos de forma solidária, produtiva e feliz. Venha envelhecer conosco, em comunidade.

Pedimos que se evite publicações que não dizem respeito aos objetivos do grupo, que em caso de insistência serão retiradas. Não é permitida a publicação de anúncios comerciais. Qualquer atividade que implique em custos financeiros deve ser combinada diretamente entre os participantes por canais externos ao grupo. Não é permitida propaganda política ou religiosa, atitudes de discriminação, sexismo, mensagens de ódio ou insultos.

b) Imagem-símbolo

A fotografia na testeira do grupo representa os cabelos grisalhos que chegam com o envelhecimento. Supomos que tenha contribuído para a identificação das pessoas com o ambiente e a conseqüente acorrída ao grupo em muito pouco tempo.

Figura 9 - Imagem do grupo Envelhecimento em Comunidade



Fonte: Facebook, 2018 <https://www.facebook.com/groups/EnvelhecimentoemComunidade/>

c) Origem e crescimento da comunidade criada como grupo do Facebook

Concebida em 5 de setembro de 2016, a comunidade se manteve como grupo fechado durante uma semana, para inclusão dos primeiros membros e organização do ambiente. Foi tornado grupo público em 12 de setembro, com cerca de 50 membros. Os primeiros membros do grupo eram profissionais, pesquisadores e ativistas das áreas de longevidade, envelhecimento, gerontologia, saúde e saúde do idoso, convidados pelos fundadores/moderadores. A adesão ao ambiente foi espontânea e progressiva, sem divulgação paga ou publicidade para que o perfil do grupo no Facebook se tornasse conhecido. As pessoas idosas usuárias de redes sociais na internet procuraram o ambiente, gerando um salto no número de membros. Apenas a partir de novembro de 2016, uma pequena divulgação não patrocinada, feita por nós em nossas redes sociais, teve como resultado o aparecimento de pedidos de inclusão vindos de vários estados do Brasil e alguns do exterior, que se intensificaram no mês seguinte, em dezembro, adquirindo uma frequência de cerca de 20 ou mais pedidos por dia. Em 7 de janeiro de 2017, o grupo já tinha 833 membros e no dia 9 de janeiro atingiu os primeiros 1.000 membros, portanto, em menos de 4 meses.

Na “Descrição”, situada na coluna à direita da página, os membros são informados a participação deles em uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Nunca houve objeção e os comentários referentes à pesquisa sempre foram positivos e de concordância. A identidade dos

moderadores consta das informações do grupo, o que não requereu que fôssemos introduzidos por alguém, já que há um link para nossos perfis pessoais no Facebook.

Fazemos aqui o registro do aumento exponencial do número de membros da comunidade por considerar o fato representativo do interesse pela longevidade e por suas repercussões na vida social.

Seis meses após iniciado, o grupo já contava com mais de 30.000 membros (10 de abril de 2017). A partir de então, continuou crescendo até os 50.000 (27 de maio de 2017), com uma média de 400 a 500 novos pedidos de inclusão por dia, o que significava que, em média, entrava uma pessoa a cada 3 minutos. A partir dos 55.000 a média caiu para cerca de 350 pessoas por dia. Até então, não tínhamos atentado para o volume de saída de pessoas que nos parecia ser de cerca de 20 por dia. Posteriormente houve um aumento desse número para cerca de 100 pessoas por dia, o que significa que o grupo seguia crescendo a uma média de 250 pessoas ao dia e, mantida essa média chegaria a 60.000 no fim do mês julho de 2017, quando consideramos que o grupo atingiria o fim de uma primeira fase de crescimento espontâneo e contínuo.

Figura 10 – Gráfico do crescimento da comunidade durante o primeiro ano



Fonte: elaboração própria da autora

Durante o primeiro ano (setembro de 2016 a setembro de 2017) nos concentramos no acentuado aumento do número de membros, sem levar em conta o movimento de saída de pessoas. No início de 2018, o grupo alcançou 135 mil membros, um número que começou a diminuir durante o período eleitoral, prévio e posterior às eleições, quando a polarização político-partidária das campanhas se repetiu na comunidade com postagens defensoras de candidatos que se tornaram acaloradas e até desrespeitosas. A saída de membros se intensificou, chegando, em março de 2019, a um total de 127 mil pessoas.

Tabela 1 - Intervalos de crescimento da comunidade durante o primeiro ano

Período	Quantidade
Três meses e meio após início (12/09 a 31/12)	100 x mais membros (50 para 500)
Uma semana depois (31/12 a 07/01)	333 novos membros
Dois dias depois (07/01 a 09/01)	167 novos membros
20 dias depois (09/01 a 29/01)	4.000 mais membros (foi de 1.000 para 5.000)
20 dias depois (29/01 a 19/02)	5.000 mais membros (saltou para 10.000)
27 dias depois (19/02 a 16/03)	10.000 mais membros (dobrou para 20.000)
24 dias depois (16/03 a 10/04):	10.000 mais membros (chegou a 30.000)
20 dias depois (10/04 a 30/04)	10.000 mais membros (totalizou 40.000)
27 dias depois (30/03 a 27/05)	10.000 mais membros (totalizou 50.000)
28 dias depois (27/05 a 25/06)	10.000 mais membros (totalizou 60.000)
Não houve contagem de 70.000	
68 dias depois (25/06 a 03/09)	20.000 mais membros (totalizou 80.000)

Fonte: elaboração própria da autora

Sempre avaliamos a tendência de redução do crescimento, pressupondo razões, até constatarmos a relevância da recomendação de entrada na comunidade feita pelos membros já participantes para pessoas de seus relacionamentos, inclusive para formarem grupos de amigos que conversam entre si, fazem piadas particulares e entendem os universos uns dos outros. Em março de 2019, 80% das solicitações de entrada provinham de pessoas recomendadas por membros, em alguns casos, mais de um membro indicando o mesmo solicitante.

Pela sua natureza virtual, a comunidade não pode ser descrita em termos geoespaciais, embora o fato de seus membros estarem geograficamente situados permita identificar sua procedência ou, pelo menos, aquela por eles informada. No dia 15 de outubro de 2018, havia uma grande diversidade de locais do Brasil e do exterior, assim constituída:

Tabela 2 - Número de membros por país e por cidade

Principais países		Principais cidades	
Brasil	115.966	São Paulo, SP	12.504
Angola	6.242	Rio de Janeiro, RJ	8.501
Portugal	3.581	Luanda, Angola	2.987
Moçambique	1.292	Belo Horizonte, MG	2.266
Estados Unidos	651	Fortaleza, CE	1.802
Egito	576	Curitiba, PR	1.760
Argélia	411	POA, RGS	1.576
Turquia	347	Recife, PE	1.442
Índia	281	Salvador, BA	1.422
Iraque	264	Brasília, DF	1.405

Fonte: Facebook, 2019 <https://www.facebook.com/groups/EnvelhecimentoemComunidade/>

Em vista da desterritorialização característica da internet, vale ressaltar o grande interesse dos membros da comunidade pela organização de encontros presenciais por região e a criação de vínculos na apresentação de fotos de familiares – quando surgiram espécies de “campanhas” de fotografias dos mais diversos temas, como a região de moradia, animal de estimação, entre outros. Foram feitas enquetes de “declaração da idade”; origens dos nomes dos membros; identificação do local de moradia (“diga de que cidade é”). Uma prática comum dos membros é a realização das mais diversas enquetes sobre hábitos e preferências, com pronta resposta dos demais. Também foram criados grupos de Whatsapp para interações de interesse mais particular.

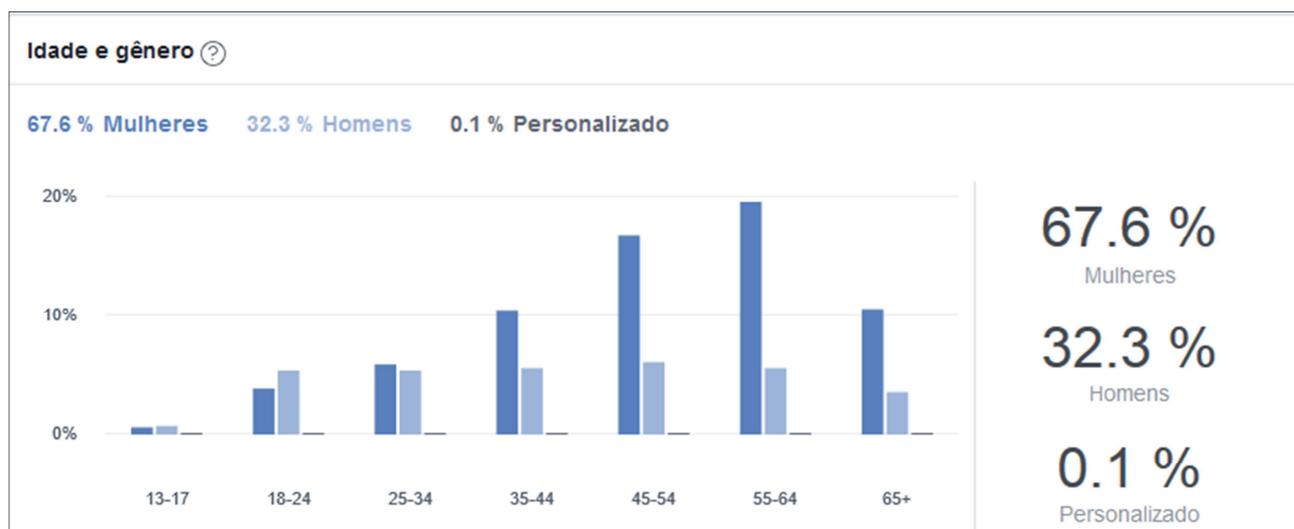
Quanto à proposta de identificar o local de moradia, as postagens mostraram que os membros provinham das mais diferentes regiões, não se restringindo a capitais brasileiras: Cascavel, Paraná; Aracaju, Sergipe; São Paulo, SP; Araçatuba, SP; Brasília, DF; Alegre, Espírito Santo; Campinas, SP; Belo Horizonte, MG; Manaus, Amazonas; Contagem, MG; Magé, RJ; Poços de Caldas, MG; Colombo, Paraná; Curitiba, Paraná; Balneário Camboriú, Santa Catarina; Lençóis Paulistas, SP; Teresina, Piauí; Cubatão, SP; Porto Alegre, RGS. Uma pessoa se disse moradora de Lisboa, Portugal.

3.2.3 Metodologia

As observações diárias de postagens e comentários foram sendo registradas e organizadas segundo uma tipologia desenhada pelos interesses manifestados pelos membros da comunidade, com variação de temas e preocupações trazidas pelas pessoas idosas e por membros de outras idades. A coleta de dados na comunidade virtual de idosos envolveu a participação na dinâmica das relações comunitárias, dos temas circulantes e das ações de moderação.

Com o recurso de análises estatísticas do Facebook foi possível fazer algumas quantificações na comunidade virtual, para identificar os membros quanto a gênero e idade. Em 15/10/2018, havia 67,7% de mulheres, 32,2% de homens e 0,1 personalizado. Na mesma data, a faixa etária mais presente era de 55-64 anos, seguida pela faixa de 45-54, estando na terceira posição a faixa de 65 anos e mais. O número de pessoas por faixa etária diminui a partir de 35-44, com menor ocorrência de 18-24 e de 13-17 anos, como previsto para um grupo interessado em envelhecimento.

Figura 11 – Gráfico de Idade e Gênero no grupo Envelhecimento em Comunidade



Fonte: Facebook, 2018 <https://www.facebook.com/groups/EnvelhecimentoemComunidade/>

3.2.4 Resultados

Nossa permanente análise das mudanças ocorridas na comunidade mostra que ela é perpassada por fases de diferentes humores. As mudanças e oscilações na comunidade virtual orientaram as postagens dos moderadores, de maneira a contribuir para a interação baseados no que nos pareceram serem “ondas” existentes no momento de aumento marcante da quantidade de membros. A cada aumento da quantidade de membros, havia algumas questões que explicitávamos e colocávamos em discussão. Nossa preocupação de dosar as intervenções

transformava os marcos de aumento de membros em oportunidades para nosso contato com a comunidade, tendo como mote a celebração de seu crescimento. Além de ser coerente com nossa ideia de que a expressão da comunidade é o mais importante, também corroborado por sua possibilidade de propor coletivamente soluções para os problemas da velhice que consideram pertinentes. Todas as mensagens dos moderadores em celebração do crescimento da comunidade estão reproduzidas no Anexo I.

No grupo Envelhecimento em Comunidade, a interação se realiza, como em qualquer ambiente virtual, a partir de uma nova sociabilidade, típica das redes sociais, pela utilização de recursos dos perfis pessoais e de grupos/comunidades, que são as “postagens”, os “comentários” e as “curtidas”, entre outros recursos da tecnologia interativa. O número de compartilhamentos também é um indicador de interesses.

a) Características da moderação e das interações

Definimos princípios de moderação para a comunidade virtual quanto à intervenção dos moderadores, consonante com a visão de que as pessoas idosas são sujeitos da ação social. A intervenção dos moderadores acontece sob demanda dos membros da comunidade ou com algumas postagens ocasionais.

O ingresso na comunidade era, inicialmente, livre, sem necessidade de aprovação prévia. Quem se interessasse, começava a postar. Sobre esse princípio houve uma mudança de postura dos moderadores após inúmeras denúncias de assédio nos perfis pessoais dos membros e em vista do acirramento das relações, que se intensificaram em 2018 nos períodos das eleições - antes, durante e depois. Mudamos para uma moderação restritiva com a implantação da aprovação prévia de novos membros que ficam em uma área de “espera” até que os moderadores analisem sua procedência, verificando as características de seus perfis pessoais no intuito de encontrar uma movimentação indicativa de que têm postagens (em alguns não há nenhuma); dados fornecidos ao Facebook – como local de origem/moradia, instituições de estudo, fotografias; rede de amigos.

Os princípios da moderação se originam da necessidade de direcionar algumas ações, típicas da natureza das aglutinações humanas que mostram a necessidade de contenção em momentos de agitação difusa. Em função da troca de insultos e da intolerância relativa às diferenças, quando a

comunidade alcançou 60.000 membros – o tamanho de uma cidade ou maior – compartilhamos com o grupo proibições e a exclusão como penalidade para o descumprimento de regras.

(...) a administração do grupo não entra nas discussões e polêmicas dos membros, para afirmar, excluir e banir opiniões e pessoas. O que a administração procura é apenas garantir que o grupo não exceda os limites de convivência mínimos que temos em sociedade e que garantam os objetivos e a estabilidade do grupo. (Anexo I).

As regras definidas no momento de alcance de 60.000 membros (Anexo I) estabeleceram as situações que incorreriam na exclusão de postagens:

- Comerciais e vendas feitas por pessoas que querem usar o grupo como balcão de negócios;
- Propaganda política ou religiosa, de partidos e igrejas;
- Atitudes preconceituosas contra as chamadas minorias (sexuais, raciais, étnicas etc.) que configuram racismo, chauvinismo etc.
- Assédio moral, agressões e incentivo ao ódio como solução para resolver diferenças;
- Pornografia e promoção de prostituição. Aqui esclarecemos que temos consciência de que erotismo e sexo são questões que dizem respeito à terceira idade e que não proibimos mais do que os veículos de comunicação censuram.

Conforme aprendemos sobre as formas de moderar que os membros da comunidade iam indicando, fomos adotando critérios para orientar nossa conduta.

O grande número de denúncias feitas por membros e de postagens carregadas de reclamações nos mostraram que as relações da comunidade eram regidas por um sentido negativo da vida comunitária. A nossa mudança se deu principalmente pela crise do dispositivo de denúncias do Facebook quando um *bug* do sistema passou a impedir que os moderadores acessassem a página de denúncia. Então, decidimos criar uma espécie de outro "dispositivo" e, conseqüentemente outra metodologia. Se antes fazíamos uma pré-seleção a partir de denúncias dos membros - e a moderação agia rigidamente sobre esses - posteriormente a pré-seleção se baseava em um olhar aleatório que ia localizando as maiores "turbulências" nas relações, colocando os membros em uma situação que chamamos de "gancho", que os afastava da convivência por um tempo determinado e os submetia a uma moderação mais rigorosa.

A pouca ou nenhuma intervenção foi substituída pelo que consideramos como firmeza educativa. As características da moderação se transformaram juntamente com as mudanças ocorridas na comunidade em forma de processos de emergência, espontâneos, não controlados, como as espécies de “ondas” descritas a seguir. Os moderadores precisaram acompanhar os movimentos emergentes como estratégia de manutenção da rede social.

b) As “ondas” por onde a comunidade navega

O grupo se manifesta coletivamente em forma de “ondas” ou “momentos” caracterizados por questões que predominam por um tempo e depois desaparecem, abrindo espaço para outro interesse.

Apesar de o objetivo da comunidade estar claramente definido na “Descrição”, os membros expressam suas visões de como o grupo deve ser. Por exemplo, sugeriram que poderia ser destinado à discussão da menopausa. Na moderação ponderamos que já há grupos voltados para as especificidades sugeridas e que nossa comunidade se destina a falar livremente sobre o processo de envelhecimento, próprio de cada um e em geral.

De fato, após fazermos buscas na internet, constatamos que há centenas ou milhares de grupos que tratam da “terceira idade”, para propor políticas públicas, grupos de “encontros” e namoros, grupos para organizar festas, para viajar, para cursos, para saúde, grupos com os mais variados objetivos. Entretanto, não encontramos nenhum dirigido ao debate geral sobre envelhecimento.

Cada “onda” é descrita a seguir, assim como exemplos de postagens.

c) Para os membros: se é comunidade de envelhecimento, é só para idosos!

Houve um período de muita discussão sobre a necessidade de se estabelecer um limite de idade para a pessoa ser aceita no grupo. Ao verificar-se a participação de membros com menos de 40 anos, iniciou-se um questionamento sobre colocação de limite, já que muitos argumentavam que um grupo criado para discutir envelhecimento deveria agregar pessoas que vivem o envelhecimento e que podem compartilhar suas experiências de velhice, enquanto os mais novos nada teriam a acrescentar ou seriam simples *voyeurs* da internet.

Hj feliz da vida, comemorando 4.3!!!

182 comentários, 233 curtidas, 3 compartilhamentos

11-05-2018

Bom dia amores

♥Hoje estou completando 4.9. Neste tempo já colhi muitas flores, junto alguns espinhos também, foram mais flores com certeza.

Então hoje gostaria de compartilhar com vcs amigos, que são as flores mais recentes do meu jardim. Oferecendo a vcs minha amizade, carinho e muitos sorrisos.

390 comentários, 302 curtidas, 0 compartilhamentos

11-05-2018

Amigos meu bolinho 51 Aninhos quem quer um pedaço vcs são meus convidados de honra abraço a todos meus amigos do grupo

393 comentários, 208 curtidas, 3 compartilhamentos

Continuamos defendendo a não definição de limite de idade (porque 50 ou 60 e não 40), se temos algo em comum: percebemos que podemos envelhecer em comunidade. Assim, a comunidade poderia ser composta por diferentes idades, ainda que prevalecessem as pessoas idosas.

Nossa contra-argumentação de que envelhecemos desde o útero materno, quando avançamos em idade desde a concepção, foi se desenvolvendo e criou uma cultura no grupo, fazendo com que pessoas que participaram da discussão passassem a ponderar sobre isso diante desse questionamento por novos membros. Ao longo do tempo esse tema ainda aparece esporadicamente e o próprio grupo responde.

d) Homem não entra! Mas o grupo se tornou misto!

Outro limite demandado por alguns membros foi quanto à entrada de homens no grupo, sob a alegação de que mulheres idosas têm assuntos típicos da velhice feminina, como, por exemplo, a menopausa, e que seria constrangedor falar sobre isso em um ambiente onde há homens. Mais uma vez o grupo se autorregulou sobre uma questão que dividia opiniões. As mulheres favoráveis à permanência de homens “celebraram” a entrada crescente de homens e lhes davam as boas vindas. O tema da menopausa foi abordado de maneira tímida e esparsa, sem a profusão

de comentários que certas postagens causam. E nenhum homem propôs, até o momento, o debate sobre a andropausa.

21-01-2017

Aqui neste grupo quem está sozinho ou sozinha....

Que gostaria de interagir amizades com sexo oposto tb.

Desejo um ótimo final de semana para todos...

95 comentários, 73 curtidas, 0 compartilhamentos

Um dos comentários em resposta à postagem:

Pessoal, o intuito de estar nesse grupo não é fazer amizades que te satisfação??? Isso pode ser tbm com o sexo oposto e se rolar um parceiro que te transborda, porque cheias nós já somos, então porque tanto furdunço??? Kkk Vamos ser feliz gente!!!

Depois do aumento da presença masculina, começaram novas “ondas” voltadas a questões como paqueras ditas indesejadas.

e) Mulheres são indefesas ou sabem se cuidar?

Surgiu em algumas integrantes do grupo um temor do que chamaram de “perfis falsos” de homens que as assediam “em privado”, com cantadas e pedidos de aceitação no perfil pessoal, para “aplicação de golpes” em “mulheres [ditas] indefesas”. A interpretação de que o assédio partia de perfis falsos provinha da inexistência de informações desses membros em seus perfis onde se encontravam uma única foto e um nome e, muitas vezes, nenhum conteúdo. A conclusão das mulheres assediadas era que o perfil foi criado para a aplicação de golpes em pessoas desavisadas.

A autenticidade das identidades foi questionada quando houve busca de informações sobre algumas pessoas que consideravam suspeitos ou por quem sentiram algum interesse especial. Além de trocas de mensagens entre os membros, alertando que ninguém aceitasse pedidos de amizade se não se sentissem seguros, fizemos uma postagem específica sobre esse problema. Depois dessa fase, se volta ao assunto esporadicamente.

20-08-2018

Boa tarde a todos!!! até hoje nunca me pronunciei to aqui no grupo. adoro ver as postagens. parabéns pelas pessoas q interagem. tem iniciativas. postam fotos e tals...cada

um faz oq quer. pq acho q o grupo foi feito pra interagir.eu sempre vejo as postagens umas eu abro outras nao.mas quem somos nós pra julgarmos. cada um é cada um. adoro o grupo e faz tempo q estou nele.na minha opiniao eu acho q nao devemos julgar as pessoas seilá.cada um faz oq acha q está correto.éssa é a minha opinião. Obrigada a todos pela atencao.e tenham todos uma ótima semana.bjss

12 comentários, 11 curtidas, 0 compartilhamentos

Assim começou uma discussão sobre a criação de um processo de seleção de membros, antes de aprovar sua entrada no grupo. Chegou a haver mesmo uma exigência de que os moderadores do grupo adotassem essa postura. Uma parte das mulheres integrantes do grupo reagiu à imagem de “indefesas” e a discussão foi apaziguada, ressurgindo em alguns outros momentos. Os moderadores fizeram pequenas intervenções, recomendando que cada suspeita fosse incluída na página de denúncias. Mais uma vez o grupo se autorregulou.

f) O que pode e o que não pode!

Entretanto, as manifestações não podem ser somente atribuídas à questão de gênero, por que, depois de uma atitude inicial à presença de homens no grupo, os interesses se voltaram ao comportamento moral ligado ao que é ou não aceitável na terceira idade. Discutiui-se a forma de vestir adequada ao envelhecer da mulher, como uso de decotes, shorts e roupas curtas. Analisavam-se fotografias consideradas provocantes e “classificava-se” a exposição do corpo no grupo como indevida.

19-04-2017

Cansei de tanta bobagens neste grupo, só perguntas bobas,vc gosta de ...Vc fez ... Vc usaria ..Vc .. vc...Nada p acrescentar,. Já pensou passar um tempo respondendo bobagens,pior do que adolescentes,eles são mais criativos!!

949 comentários, 24 curtidas, 2 compartilhamentos

Ainda sobre a conduta moral, a paquera e o namoro foram considerados como não pertinentes ao grupo. Ao considerar-se como inadequado, sugeria-se que os interessados buscassem sites de namoro. Esta “onda” pode ser associada às suspeitas quanto a intenções do que era considerado como “perfil falso”. A intervenção dos moderadores colocou em pauta a visão de que não é possível se prever intenções e fazer seleção a partir da suposição de que alguém se aproxime do

grupo com uma intenção predatória. E, mais uma vez, a discussão se estendeu. E, desta vez, se desdobrou de maneira indesejável para muitos dos membros que assim se manifestaram.

g) De onde surgem os preconceitos?!

As postagens no grupo passaram a incluir preconceitos de idade, nacionalidade, cor, raça, etnia, religião. Os preconceitos contra idade são evidenciados em comentários depreciativos quanto ao que cabe ou não a uma velhice idealizada em termos de padrões de comportamento quanto à sedução e ao flerte. Não era aceitável que idosos desejassem alguém do sexo oposto.

17-12-2017

Quem puder responda. Uma mulher foi vítima de abusos graves na infância cometidos por seu pai que acabou de sair da prisão após ter cumprido anos de pena por esse e outros crimes. O pai, que agora está com mais de 70 anos sai da prisão e estando doente entende que é obrigação da filha cuidar dele. Nesse caso em diversos países a legislação não é unânime que é obrigação da filha cuidar do pai. Qual sua opinião (dados e pessoas fictícias para estudo preliminar de caso) obrigado por sua opinião.

357 comentários, 122 curtidas, 3 compartilhamentos

As questões de nacionalidade, cor, raça e etnia apareceram diante da manifestação de membros do grupo a pessoas que foram vistas como “diferentes”, e, portanto, intrusas, inclusive em forma de xingamentos. A variedade de religiões suscitou discriminação.

Em todos esses aspectos houve radicalização, requerendo posicionamento dos moderadores sobre o “viver em comum” que está acima dessas questões. A posição dos moderadores, ainda foi de não intervir ou regular, deixando que o grupo se resolvesse. Entretanto, as atitudes radicais começaram a mostrar a necessidade de contenção do ódio e da intolerância com a diferença por meio de postagens ou comentários dos moderadores.

h) União segundo polarizações

Percebemos estratégias de formação de agrupamentos de acordo com as afinidades de pontos de vista. Uma parte das mulheres via a exposição do corpo como desinibição demasiada e mesmo como provocação dirigida à “ala” masculina: foram tachadas de conservadoras. As mulheres rotuladas como “desinibidas” achavam que o objetivo de conquistar pares ficava prejudicado

pela presença de mulheres mais novas, preferidas dos homens mais velhos. Nesse sentido, havia preconceito contra a idade ao inverso - das mais velhas em direção às mais novas, sem ampla discussão sobre as condutas e expectativas das pessoas abaixo de 50 anos desejosas de participar da comunidade. Em alguns comentários, mulheres mais novas atribuíam sua presença na comunidade a uma aprendizagem necessária para lidarem com seus idosos e outras diziam querer se preparar para a velhice a partir das experiências contadas no grupo.

17-03-2017

Poxa entrei no grupo pra fazer novos amigos ,mais não deu certo .Estou saindo.tentarei outro grupo , fico triste.

213 comentários, 125 curtidas, 2 compartilhamentos

As mulheres “conservadoras” começaram a se mobilizar e a serem mobilizadas por uma integrante que apoiava intensamente as postagens que se colocavam contra paquera/namoro, exposição do corpo, participação de pessoas mais novas, além de ressaltar a necessidade de que o grupo fosse fechado a entradas livres e fosse apenas para mulheres, de modo a permitir a discussão de temas de interesse de mulheres idosas. Em 19 de abril de 2017, essa participante criou um novo grupo, fechado, não público, para o qual arregimentou mulheres do grupo Envelhecimento em Comunidade. Durante um período, algumas participaram dos dois grupos, o que era evidenciado nas postagens e comentários que faziam sobre o grupo das dissidentes.

i) Como lidar com a diferença?

Ficou colocada para os moderadores a pergunta sobre como conformar uma identidade para o grupo, a partir de tantas diferenças onde cada um vive mais de uma oportunidade de escolha, como, por exemplo, namoro, passeio, ida à igreja, frequentar clube, promoção de encontros fora do ambiente virtual, entre muitas outras opções.

Nós moderadores também refletimos sobre como enfrentar desconfianças dos membros em relação a outros membros que consideravam ameaçar suas vidas. E como definir critérios para limitar pregação religiosa, apologia à violência, erotização das relações etc. Tomamos consciência de que é preciso discutir mais o acolhimento de novos membros.

15-02-2017

Vejo muita coisa supérflua, sou do bem e muito alegre gosto de viver e viver bem , mas , não vejo lógica nenhuma em exibição .Tem pessoas que mostram sua família, o lugar onde vive, os passeios , mas não acho legal as que postam fotos bobas fazendo caras e bocas que nada acrescenta. Obrigada a administração do grupo.

106 comentários, 108 curtidas, 1 compartilhamento

E pensamos se poderíamos propor temas para consolidar linhas de trabalho favorecedoras do “viver o envelhecimento com diversidade”. Alguns componentes da diversidade na velhice definem sua participação na sociedade, como gênero, situação sócio econômica, nacionalidade, cultura, raça, capacidade funcional, identidade sexual e religião, entre muitos outros.

Afinal, multidões de pessoas idosas povoam nossa vida e nosso imaginário com figuras de 70 anos que aparentam 50. Ao mesmo tempo, nos deparamos com idosos encurvados, de passos lentos, mentalmente confusos, assíduos frequentadores de consultórios médicos, usuários de cadeiras de rodas e de andadores, repetidores de histórias do passado – por que acham que já não têm futuro.

j) Viver em comunhão

Enfrentamos situações de radicalização que requereram nosso posicionamento sobre o “viver em comum” que está acima dessas questões e que a intolerância deveria ser combatida pela própria comunidade. Entretanto, as atitudes radicais começaram a mostrar a necessidade de contenção do ódio e da intolerância com a diferença.

05-02-2017

Moro num ilha abençoada mesmo no meio do oceano atlântico entre a África e o Brasil.
Bom domingo para todos/as.

38 comentários, 146 curtidas, 1 compartilhamento

Além do agrupamento em torno de questões de clivagem ideológica, percebemos estratégias de aglutinação de acordo com as afinidades de pontos de vista e até de ações específicas, algumas delas que se mostram bastante consistentes como em torno de atividade “presenciais” como passeios e encontros, cuidar da saúde, atividades culturais, entre outras. Além dessas articulações, “territoriais” aparecem formas de articulação “temporais”. Duas ganharam força e envolvem centenas de pessoas da chamada “turma da insônia” e “turma do café da manhã de

domingo”. São grupos de pessoas que se reconhecem em uma ação no tempo e onde acontecem processos de emergência.

k) Estratégias de combate à solidão

A “turma da insônia” começou quando alguém não estava conseguindo dormir, foi para o computador e publicou um post registrando que não ia conseguir dormir, chamando quem também estivesse acordado. Logo em seguida outros membros fizeram comentários e a primeira postagem ficou em evidência até tarde na madrugada (pelos mecanismos do Facebook os posts mais comentados são apresentados no topo). A discussão só começou a cair do topo quando, pelo bate-papo descontraído ou pelo cansaço, as pessoas foram se retirando para dormir e a conversa perdendo intensidade. Como o Facebook tem um sistema de notificação por relações de interesse, quem participa dessas noitadas tende a receber notificações destas conversas o que terminou por gerar o que foi por eles chamado de a “Turma da Insônia”, constituindo relações que ganham inclusive estabilidade se desdobrando em outras.

29-05-2018

Bom dia povo da madrugada. Tem alguém pra dar um oi? Até o sono chegar. Feliz terça-feira.

214 comentários, 144 curtidas, 1 compartilhamentos

Uma experiência similar foi da turma do “Café da Manhã de Domingo”, que se torna problemático quando uma família “original” vai se dissolvendo, as pessoas mais velhas vão ficando sozinhas e isso é claramente vivenciado no café da manhã de domingo que representava um lugar de reunião e encontro da família sem a pressão da corrida para a escola e trabalho.

Aqui como no caso da insônia, o processo é similar: alguém publica um post com uma foto de sua mesa pronta (muitas vezes onde comem sozinhos), com café fumegante, frutas pães e outros produtos. E outros membros começam a postar e a bater papo. Inicialmente sobre o que estão comendo, com elogios aos que outros têm na mesa, sobre os costumes e as diferenças regionais, depois sobre o que fizeram durante a semana, os problemas e as alegrias que vivenciaram, sobre uma referência cultural qualquer ou algo que gostariam de fazer. Provavelmente muitos dos cuidados que tomam colocando a mesa para comer sozinhos se devem a uma mesa preparada para tomar o café da manhã em comunidade.

13-01-2017

Tomar café sozinha é... "solidão ou liberdade?" responda abaixo p fazermos um teste...

113 curtidas, 100 comentários, 2 compartilhamentos

l) Sexualidade – um problema na velhice?

A orientação sexual é um tema que mobiliza a comunidade. Em uma postagem, um membro se identificou como sendo gay e despertou muito interesse no grupo, tendo alcançado 4.000 curtidas, 48 compartilhamentos e 2.700 comentários. Até onde foi possível acompanhar tão grande número de comentários, verificamos que houve respostas afirmativas à pergunta sobre quererem amizade com ele e algumas observações como, por exemplo, alguém ter dito que o autor do post era, em suas palavras, “*fu fu*”. Foram muitas as declarações de pessoas sobre não terem preconceito quanto à orientação sexual.

3.1.4 Análises e Considerações

Percebemos que o grupo se tornou um ambiente de desabafos e de busca de compreensão do que é o envelhecimento, cheio de frases incentivadoras (por exemplo, parabéns a quem passou no vestibular já sendo idosa), cartazes e vídeos com imagens e textos inspiradores sobre a velhice.

Na fase inicial houve uma série de postagens apenas contendo um “bom dia”, que agora entendemos ser uma forma de interação e, possivelmente, de construção do pertencimento ao grupo. Esse hábito persiste.

a) Como uma comunidade diversa pode construir uma única identidade?

A grande questão que a fase de criação da comunidade colocou foi se é possível, e como seria, conformar uma “identidade” para o grupo, a partir de tantas diferenças onde cada um vive mais de uma oportunidade de escolha e eixos de atividade (de forma mais básica), onde se pudesse cuidar da saúde, simplesmente conviver ou ter amigos, conhecer como cuidar de sua saúde, melhorar a alimentação, discutir problemas, viabilizar encontros fora do ambiente virtual, aprender coisas novas, conhecer oportunidades e ocasionalmente um namoro ou relação. Refletimos também sobre como enfrentar desconfianças dos membros em relação a outros membros que consideram oferecer ameaças a suas vidas e reduzir possíveis repercussões. E

como definir critérios para limitar ações geradoras de polêmica, como a pregação religiosa, apologia à violência, erotização das relações.

Havia a expectativa de que a adesão à comunidade criasse um envolvimento com o ambiente comunitário, no sentido de pertencimento, para que a convivência fosse efetivamente um processo de promoção da saúde. Expectativa confirmada por muitas postagens sobre os efeitos da convivência na vida dos participantes da comunidade.

27-04-2018

Depressão não, lembrem de mim amigas mais uma vez estou aqui para agradecer todas e todos por terem apoiado e ficarem de meu lado no primeiro dia que falei sobre minha doença, todos se uniram tiveram um único objetivo me mandar força, amor foram tantas as mensagens que preferi não responder individual para não correr o risco de esquecer ninguém, fiz o agradecimento geral em uma publicação, hoje estou aqui para dizer que estou bem, faço parte de um grupo ação solidária que leva música, poesia, alegria para asilos e moradores de rua, vocês deste grupo são responsáveis por eu estar viva gratidão a todos, canto em um coral também, voltei fazer poesia e dançar um beijo que Deus abençoe sempre a todos.

37 comentários, 60 curtidas, 0 compartilhamentos

21-10-2018

Olá venho aqui agradecer a esse gp pois um dia eu cheguei a desabafar aqui pois estava numa crise muito forte de depressão. Pois eu já tinha perdido totalmente a vontade de viver. Pois a minha existência aqui já não valia mais de nada. E através desse grupo eu conheci pessoas maravilhosas e que hoje se tornaram meus amigos(as) e que foram de extrema importância para o meu processo de tratamento. Hoje me sinto bem melhor não 100% Mas estou com minha autoestima mais elevada. Como é bom saber que em meio a esse mundo tão mal tão egocêntricos ainda existem anjos em forma de gente.

Bj a todos e tenham uma boa noite!

E entendam depressão não é frescura e sim uma doença da alma terrível. Só quem sabe é quem passa. Xr grande no coração de cada um de vocês.

426 comentários, 477 curtidas, 5 compartilhamentos

14-06-2018

Depressão, estou vencendo, obrigada grupo vocês fazerem parte desta mudança, foram suas mensagens, com palavras de fé, perseverança, carinho, apoio, compaixão, solidariedade enfim, foram vocês que, me motivou a lutar e hoje estou aqui para agradecer, li todas elas. meus cabelos já tinham um probleminha de queda, calvície hereditária ,com o tratamento só piorou, mais já não me preocupo agora o importante é lutar , obrigada minha família gente bonita de corpo, alma e coração Deus abençoe ilumine nos todos sempre beijinhos.

330 comentários, 526 curtidas, 2 compartilhamentos

As postagens e os comentários revelaram grande diversidade de pontos de vista sobre o envelhecimento, sobre conviver em uma comunidade virtual e sobre o bem-estar proporcionado pela comunidade.

A preocupação com a possibilidade de conviverem no grupo com membros não identificados (perfis falsos) e com pessoas de outras idades pareceu ser uma dificuldade para lidar com a diferença e uma forma velada de expressar preconceito, mas, ainda, não muito explícito, que se revelou aos poucos.

04-02-2017

Bom Dia! Depois de fazer tantas amizades aqui no grupo me sinto a vontade para contar um pouquinho de mim, para realmente nos conhecermos. (parte)

219 curtidas, 96 comentários, 2 compartilhamentos

Uma comunidade virtual fala por si só, então replicamos aqui mais algumas de suas “vozes” como evidências da pesquisa empreendida ao longo de 30 meses.

b) Algumas vozes da comunidade

Selecionamos postagens do mês de fevereiro de 2017 por serem indicativas da participação dos membros em um ambiente que incorporava grande quantidade de novas pessoas e começava um crescimento insólito – no período, dobrou de 10.000 para 20.000 em apenas 30 dias. Ou seja, dez mil novos membros em um mês.

“Até três meses atrás eu não sabia o que era mexer com Internet, hoje já estou fazendo essa arte de brincar com fotos. Obrigada amigas(os) deste grupo. Um Bom dia a todos.”

“Essa é vc, essa sou eu e daí.....somos da época da internet... já me contaram, esse grupo tá mudando a cabeça.....até que enfim...tá na hora...ou vai ficar só cuidando de neto?!”

“Éramos seis! Veio a separação, os filhos casando... e me sinto perdida. Alguém mais assim?” (resposta a postagem de 3 de janeiro, que desencadeou mais de 34 comentários, como este: “Acho que devemos tocar num ponto que faz parte da vida de muitas. NINHO VAZIO. Tá muito difícil pra mim. Morar sozinha sem filhos e sem marido. Só acho.”)

“Queria compartilhar com vocês que passei no vestibular para Psicologia! Um sonho antigo que só agora aos 56 anos vou poder realizar!”.

“Que bom! Fiquei muito feliz em participar deste grupo lindo. Meu nome é X, sou médica e apaixonada por psiquiatria.”

Ao longo dos primeiros 30 meses, muitos temas foram abordados pelos membros da comunidade virtual de idosos, com destaque para a visão sobre a velhice e a velhice sem preconceitos; formas de envelhecer – cada um como quer; educação na terceira idade; sexualidade na terceira idade; preconceito contra a idade; outra opção a envelhecer: a indesejável morte; alimentação e bem viver.

c) Sínteses dos moderadores

Uma postagem dos moderadores publicada em 5 de fevereiro de 2017 sintetizou interesses em movimento naquela fase:

Amigas e amigos! Rumos do grupo!

Temos pensado juntos sobre uma série de questões que nos ocupam, alegam, entristecem e ressaltam o valor de estarmos vivos. Enxergamos o envelhecimento como o benefício de vivermos mais.

Por exemplo:

1. Assumir os cabelos grisalhos como algo natural para as mulheres, sem criar uma “ditadura” dos cabelos brancos. Cada uma sabe se é hora ou não, se sente bem ou não, se é a melhor opção ou não. Muitas das amigas neste grupo acham que é a libertação da tintura. Nos homens, a cultura aceita bem e até aprecia um maduro grisalho (rs). Aqui

contamos como tem sido a experiência gradativa ou repentina de assumir o branco – esse símbolo da entrada na velhice.

2. Um tema recorrente é a solidão que vem com a velhice quando surge a tristeza conhecida como “síndrome do ninho vazio”, quando já não há filhos em casa. E para quem não tem filhos, é a fase da vida em que os familiares e amigos diminuem os contatos, se afastam devido às dificuldades da idade ou doença ou morrem. Em muitos casos aparece a necessidade de mudar de moradia. Enfim, começa o isolamento social e a busca de preencher a solidão.

3. Criaram-se movimentos em torno de interesses comuns. Primeiro foi proposto um encontro presencial na cidade de São Paulo, para que os interessados se conhecessem ao vivo. Outras capitais gostaram da ideia e começaram também a organizar. Em seguida, passaram a organizar viagens. Além disso, o grande número de artesãs no grupo sugere uma exposição virtual. E também foi sugerida uma espécie de “clube do livro” para leitura e conversas sobre o que foi lido.

4. Diversas pessoas do grupo têm demonstrado adesão ao propósito do grupo como espaço para amizades e descontração, com a compreensão de que não se trata de um site de relacionamentos. Para este objetivo há vários endereços na internet. Mesmo assim podem surgir paqueras, namoros ou busca de relacionamentos, porque nem todos que entram neste grupo têm os objetivos da maioria.

Observação: o grupo também recebe pessoas mais novas que querem saber mais sobre envelhecimento quando ainda jovens - antes de envelhecerem. Devido ao tipo de funcionamento do Facebook, os posts são programados para aparecerem ou não. Em razão desse algoritmo, não vemos TUDO que nossos amigos postam e algumas pessoas sentem que perderam algumas conversas.

A comunidade virtual de idosos, caracterizada como um espaço ilimitado de fala que independe de saberes teóricos dos especialistas ou de relações hierárquicas, indica o fortalecimento de interações solidárias como estratégia de promoção da saúde – ainda que possam haver interações nem tão solidárias, por vezes até hostis, como ocorre na vida social.

3.3. Relato de Experiência: Observação participante em iniciativas de extensão universitária com idosos

3.3.1 Resumo

Introdução: Este trabalho teve sua origem em 2015, com a análise e fundamentação de um projeto interdisciplinar sobre envelhecimento, definidor do começo de um ciclo de contribuições a universidades proporcionadas pelo Grupo de Pesquisa TCPIS/Fiocruz-CNPq (Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde). O ciclo foi inicialmente voltado ao Programa de Extensão Interdisciplinar: Ações para o Envelhecimento Ativo, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), de Viçosa, Minas Gerais, depois incluindo outras instituições de ensino. O entendimento de extensão universitária se baseia em legislação definidora desse elemento do tripé da educação universitária – ensino, pesquisa e extensão – conceituada como integrante da “matriz curricular” e da organização da pesquisa, de modo interdisciplinar e com uma missão transformadora junto à sociedade. (BRASIL, 2018, p. 1.) **Objetivo:** Descrever as ações propiciadas pelas iniciativas de extensão universitária realizadas com a participação desta autora e de pesquisadores do grupo de pesquisa TCPIS/Fiocruz-CNPq, no período de 2015 a 2019. **Metodologia:** As iniciativas de extensão universitária foram realizadas de acordo com o projeto de cada universidade, tendo nossa participação por meio de palestras, publicação de estudos e presença em eventos com a comunidade e com setores governamentais. **Resultados:** Os programas de extensão universitária objeto deste trabalho caracterizaram-se pela atuação interdepartamental e interinstitucional e pela ampla participação da sociedade – neste caso, as pessoas idosas, em consonância com os princípios da Política Nacional de Promoção da Saúde. **Considerações finais:** As iniciativas de extensão universitária observadas em nossa pesquisa criaram oportunidades para a convivência das pessoas idosas e a continuidade do desenvolvimento de habilidades, em estreita participação em ações propostas por elas próprias e pelas universidades realizadoras.

3.3.2. Introdução

As instituições de ensino e pesquisa aportam importantes contribuições à sociedade em articulação com a própria sociedade, num movimento de ir-e-vir aos saberes e práticas, para ampliá-los, questioná-los e produzir novas ideias e conhecimentos propostos e demandados pelos grupos sociais a elas relacionados.

Considerando-se a necessidade de que a sociedade se prepare para a vida mais longa, apresentamos iniciativas de extensão universitária desenvolvidas por duas universidades brasileiras com esse propósito, para as quais a autora desta dissertação contribui desde 2015, por meio de processo de observação participante, incluindo palestras, aulas, encontros de

fundamentação dos pesquisadores e presença em eventos. Na Universidade Federal de Viçosa (UFV), de Minas Gerais, são três departamentos desenvolvedores de programas de extensão com idosos e uma parceria de um deles com uma faculdade privada.

A UFV é uma instituição de ensino, pesquisa e extensão que abrange um contingente de cerca de 20 mil estudantes, fundada em 1922, com uma vocação inicial que parecia associada à população jovem que ocupa as universidades. Porém, a UFV vem se dedicando também à população idosa local e recentemente estendeu a outros municípios além de Viçosa, passando a incluir a cidade vizinha Ponte Nova. Três grupos de pesquisa dos diferentes departamentos envolvidos nas ações, realizam relevantes projetos de extensão com idosos:

- Grupo de Trabalho Espaços Deliberativos e Governança Pública (GEGOP);
- Grupo de pesquisa Risco social e envelhecimento;
- Grupo de Estudos e Práticas em Envelhecimento Nutrição e Saúde (Greens).

No Rio de Janeiro, nossa interação foi com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) que desenvolve duas iniciativas de extrema importância para idosos, em um programa constituído das mais diversas ações para as pessoas de 50 anos.

3.3.3 Metodologia

O caso das iniciativas de extensão universitária com idosos desenvolvidas por universidades remonta ao final de 2015 e se estende até o presente, tendo nossa participação como especialistas em diálogo com a comunidade acadêmica local – nos municípios de Viçosa e Ponte Nova, Minas Gerais, e na cidade do Rio de Janeiro.

Conforme participávamos das iniciativas, em colaboração com os grupos de pesquisa das instituições, compilamos a documentação produzida, constituída de materiais das mais diversas naturezas, sem tratamento científico. Entre esses documentos constam projetos de extensão, planos de ensino, informe de progresso de pesquisa – inclusive em vídeo-, informações sobre eventos acadêmicos, apresentações em Power Point, materiais gráficos etc. São documentos públicos, entregues diretamente a esta autora ou disponíveis na internet. Essa técnica de pesquisa se diferencia da pesquisa bibliográfica que recorre a materiais de biblioteca, como livros e revistas.

A coleta de dados para obtenção do material seguiu o fluxo da colaboração estabelecida entre os pesquisadores do Next e os grupos das universidades, em função da produção acadêmica compartilhada. A seguir descreveremos as iniciativas nas quais fizemos observação participante.

3.3.4. Iniciativa 1 UFV: Envelhecimento Ativo em uma comunidade mineira

O “Programa de Extensão Interdisciplinar: estratégias e ações com vistas a contribuir para o Envelhecimento Ativo” proposto por pesquisadores da Universidade Federal de Viçosa (UFV) foi criado a partir da percepção de que dos moradores de uma rua da cidade de Ponte Nova, Minas Gerais, se mostravam afetados pela emigração dos jovens das famílias ali residentes. Tratava-se da Rua Caetano Alves da Silva, no Bairro Triângulo, conhecida como “Comunidade do Beco”, composta por 19 famílias. Um diagnóstico preliminar indicou sentimentos de solidão e tristeza.

Diante da necessidade de conhecer melhor a realidade, foi realizada uma pesquisa por meio de grupos de discussão e de fotoetnografia como principais técnicas de coleta de dados e as ações com os idosos tiveram como atividades cotidianas, entre outras,

observar as notícias do dia nas mídias, comentar com os vizinhos, ajudar-se mutuamente, ajudar parentes e amigos com dificuldades de locomoção. Todas essas atividades fazem parte da experiência de envelhecimento dos idosos, e essas interações fazem parte das formas de sociabilidade dos idosos. (Martins e Ribeiro, 2018, p. 67)

Após ações do Programa da UFV, os idosos da Comunidade do Beco transformaram-se em demandantes de melhorias para sua localidade, reivindicando o aprimoramento do “serviço de limpeza nas ruas, da manutenção do calçamento, dos espaços de lazer, iluminação pública, telefonia, internet e do transporte público” (Martins e Ribeiro, 2018, p. 67). Essa posição cidadã foi se delineando enquanto os idosos participavam das ações proporcionadas pela pesquisa deste grupo da UFV, tais como: Oficina de Inserção Digital; Rodas de Conversa; Oficina de Educação Ambiental; Chá, Café e Poesia; Festa Junina; Oficina-Dança de Salão; Oficina de Memória, Afetos e Cognição; Feira da Saúde; Atividades semanais da Educação Física; Atividades quinzenais da Nutrição e Visitas a museus e Viagens Programadas.

a) Percepção de melhorias na Comunidade do Beco

Nos resultados da pesquisa, a evocação de memórias demonstrou saudosismo dos idosos quanto a redes de apoio, espaços de lazer, festas, movimentos artísticos e solidariedade. Também foram feitas revelações – nas palavras da comunidade: cooperação e reciprocidade mantidas, sensação de pertencimento, a rua como principal lugar de interações, debates sobre estagnação dos moradores, um lugar que foi silenciado, a supervalorização da família e a ausência de políticas públicas para a promoção da qualidade (Martins, 2017, p. 36)

Em 2017, como resultados preliminares, antes da avaliação de impacto, o Grupo de Pesquisa responsável divulgou como conclusões, o fortalecimento de vínculos (rede de apoio) – Integração social; o resgate de autoestima e de memórias; empoderamento/consciência cidadã; recuperação física – consciência corporal; melhoria de funcionalidade (equilíbrio/estabilização/força); disposição para atividades e para a rotina diária; hábitos alimentares mais saudáveis; e autonomia – iniciativas para propor novas atividades. Também demonstravam segurança no encaminhamento de demandas à Prefeitura (Martins, 2017, p. 37).

b) Os contornos de uma pesquisa para a qualidade de vida de pessoas idosas

Do olhar atento do pesquisador surgem estudos de problemas percebidos na sociedade. Um “olhar atento”, e sensível, capta circunstâncias que, talvez, passem despercebidas para outros. Essa foi a semente da iniciativa que começou como projeto – que teria princípio, meio e fim – e se tornou um programa de extensão universitária – uma prática contínua associada às relações permanentes da universidade com a comunidade do entorno e com a coletividade afim.

O “Envelhecimento Ativo” era o ponto de chegada do trabalho desenvolvido por um coletivo de pesquisadores integrantes do Departamento de Administração e Contabilidade, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e do Grupo de Trabalho Espaços Deliberativos e Governança Pública (Gegop), credenciado no CNPq, vinculado ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) – iniciativa para a América Latina e Caribe, constituída de uma Rede de Pós-Graduação e de cooperação internacional (UFV, 2015).

Outros departamentos da UFV passaram a participar: Departamento de Nutrição e Saúde, Departamento de Dança, Departamento de Medicina e Enfermagem, Departamento de Comunicação Social, Departamento de Educação Física, Departamento de Economia Doméstica; e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFV. A iniciativa foi apoiada pela Fundação Arthur Bernardes (Funarbe) e teve parceria da PUC-Minas.

Aos pesquisadores participantes do projeto, se juntou o Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR), entidade disseminadora da *expertise* sobre o Envelhecimento Ativo, originado na Organização Mundial da Saúde (OMS), instituição autora da publicação inaugural do conceito e de sua aplicação. A iniciativa também passou a contar com a participação do Instituto de Gobierno y Políticas Públicas (IGOP), da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), que reúne pesquisadores das Ciências Sociais e Políticas nos temas de educação e gestão pública.

A publicação Envelhecimento ativo: uma política de saúde (Opas/OMS, 2005) postula que “as pessoas idosas apresentam maior probabilidade de perder parentes e amigos, de ser mais vulneráveis à solidão, ao isolamento social e de ter um ‘menor grupo social’” (p. 29), considerando que o isolamento social e a solidão na velhice podem desencadear processos de declínio da saúde em diferentes níveis. Os pesquisadores membros de algumas famílias da Comunidade do Beco perceberam em seus idosos uma tristeza pela distância dos jovens parentes e a diminuição das saídas de casa, com menor interação na vizinhança.

As perguntas dos pesquisadores encontraram ressonância na publicação da Opas/OMS (2005) sobre o envelhecimento ativo. O projeto, posterior programa, elaborado pelos pesquisadores, incorporou as recomendações da Opas/OMS para o alcance do envelhecimento ativo, a ser conquistado pelos idosos membros da comunidade.

Segundo o documento do Programa (UFV, 2015), a “Comunidade do Beco” participou da elaboração e do desenvolvimento do projeto, iniciado com uma pesquisa que proporcionou atividades aos moradores: oficinas (fotografia, dança), rodas de conversa, chá, café e poesia, festa junina, atividades de educação física e nutrição. Por ser um projeto voltado às famílias, as crianças participavam das atividades junto com adultos e idosos.

Em consonância com os pilares do envelhecimento ativo - participação, saúde e segurança -, da publicação de 2005³ da Opas/OMS, a pesquisa incluía a atuação dos idosos na produção e realização das atividades, em busca de satisfação para suas vidas e situações de saúde, proporcionada pelo fato de estarem ativos como ocorria na idade madura.

³ Em 2015 o Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR) atualizou a publicação da Opas/OMS incluindo o pilar da educação, cujo conceito foi sendo agregado e amadurecido pelo coordenador das duas publicações ao longo de anos de debate em conferências internacionais.

Entre as atividades do projeto de pesquisa foi realizado um diagnóstico para a identificação dos beneficiários diretos das ações e para o conhecimento das suas necessidades e demandas; além de “workshop” para discussão da proposta de trabalho; análise das condições de saúde e qualidade de vida junto ao público-alvo, identificação das ações locais (governamentais ou não) direcionadas ao idoso e já realizadas em Ponte Nova; apresentação da proposta de ação (Martins, 2017). A duração prevista para o desenvolvimento projeto era de agosto de 2015 a novembro de 2016.

O evento de divulgação do diagnóstico, em novembro de 2015 abrangeu pessoas com idade inferior a 60 anos, inclusive crianças, e moradores de outros bairros também participantes de algumas ações. Uma das moradoras se tornou a “agente local”, sendo fundamental na mobilização e no preparo das atividades. O Programa se tornou importante estratégia de convivência para os moradores da Rua Caetano Alves da Silva e arredores e despertou a atenção do Prefeito que começou a receber e atender a diversas demandas dos idosos.

A escolha da Comunidade do Beco se baseou no conhecimento da situação de vulnerabilidade dos idosos - exclusão social e redução de capacidades (UFV, 2015); na proximidade da UFV com o local e na facilidade para a realização das atividades em forma de projeto piloto, além do baixo custo (na casa dos moradores e na própria rua).

No documento “PROGRAMA DE EXTENSÃO INTERDISCIPLINAR: Ações para o Envelhecimento Ativo” (2015) foi possível identificar a linha do tempo do projeto:

- ✓ **Fevereiro de 2015:** concepção do projeto, elaboração dos instrumentos de pesquisa, ida a campo.
- ✓ **Outubro de 2015:** finalização do relatório do Diagnóstico 1 (preliminar).
- ✓ **Novembro de 2015:** workshop para debate e formalização de parcerias.
- ✓ **Junho de 2016:** realização da pesquisa para o Diagnóstico 2.
- ✓ **Julho e agosto de 2016:** avaliação de impacto em comparação ao diagnóstico inicialmente realizado.
- ✓ **Setembro de 2016:** início das atividades semanais de educação física.
- ✓ **Outubro a dezembro de 2016:** debate com o Conselho Municipal dos Direitos do Idoso (CMDI); elaboração de proposta de projeto de Lei de apoio à promoção do envelhecimento ativo para ser entregue à Prefeitura de Ponte-Nova.
- ✓ **Novembro de 2016:** início das atividades quinzenais de nutrição.

- ✓ **Agosto de 2017:** apresentação do projeto em oficina do Departamento de Atenção ao Idoso/Secretaria Nacional de Desenvolvimento Humano, do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) em Brasília, DF, no âmbito da concepção da Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa (EBAPI)..
- ✓ **Abril de 2018:** entrega ao Prefeito de Ponte Nova do certificado de Município Amigo do Idoso em cerimônia de lançamento da Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa, no MDS.
- ✓ **2018:** avaliação de resultados indicativos de melhora na qualidade de vida dos idosos, conforme conclusões dos pesquisadores.

c) Programa contribui para premiação da cidade

Concedido pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), em vista do alinhamento do Programa de Extensão da UFV à EBAPI, o certificado “Município de Ponte Nova Amigo do Idoso” criou a oportunidade para desdobramentos do Programa de Extensão Interdisciplinar: Ações para o Envelhecimento Ativo. Estiveram presentes na entrega do certificado: o Vereador Geraldo Luís Andrade (Geraldão), de Viçosa, ativo incentivador do Programa de Extensão da UFV, e o Prefeito Wagner Mol Guimarães, de Ponte Nova.

Já tendo cumprido a fase de Adesão, o município de Ponte Nova se prepara para as demais etapas, até que faça jus aos marcos de outras etapas, como os Selos Prata e Ouro. Ao final do processo, o município terá um certificado completo de ‘Amigo do Idoso’. O período de três anos do Programa e a adesão à EBAPI proporcionaram mudanças no modo de a gestão municipal pensar a política pública para a população idosa. A notícia sobre a adesão de Ponte Nova foi publicada no site do MDS (Brasil, 2018).

Figura 12 – Registro fotográfico da entrega do certificado ao município de Ponte Nova



Fonte: acervo pessoal da autora

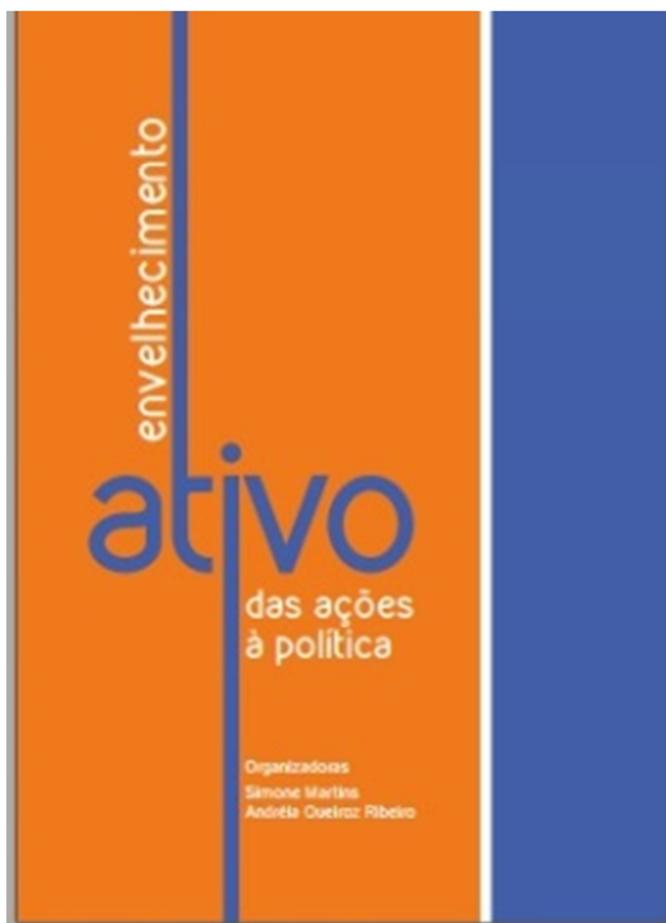
Nota: Presentes na foto: Vereador Geraldo Luís Andrade (Geraldão), de Viçosa, Prefeito Wagner Mol Guimarães, de Ponte Nova. No centro: esta autora.

O relatório de resultados do Programa da UFV, em sua versão em vídeo, exhibe momentos que mostram como a iniciativa aproximou a comunidade e proporcionou várias melhoras de saúde. O vídeo não está disponível na internet, podendo ser obtido por contato com o grupo de pesquisadores.

A mobilização gerada por esse programa de extensão criou um ambiente de ações em torno do envelhecimento em Viçosa e em Ponte Nova, com envolvimento dos idosos em eventos desdobrados da investigação inicial, assim, indo além de uma demanda de resposta a indagações de pesquisa.

Entre as iniciativas, ocorreu a publicação do livro “Envelhecimento Ativo - das ações à política”, (Martins e Ribeiro, 2018), reunindo análise dos participantes do programa de extensão e de experts na temática do envelhecimento. Além de criar um registro, o livro compartilha uma experiência que deve ser divulgada pela contribuição em termos de conhecimentos, em especial, sobre como manter o idoso em destaque.

Figura 13 – Foto de capa do livro Envelhecimento Ativo - das ações à política



Fonte: acervo pessoal da autora

Outra iniciativa foi a efetivação do “Parlamento do idoso”, que existe desde 2012, mas só em fevereiro de 2018 formalizou a posse dos idosos parlamentares junto aos vereadores que eles acompanharão. O parágrafo único do Art. 1º estabelece que o Parlamento do Idoso tem a “finalidade de possibilitar aos idosos a compreensão e a vivência do processo legislativo por meio da participação em jornada parlamentar, com diplomação e exercício do mandato.”

Figura 14 – Registro fotográfico de idosa com a palavra no Parlamento do Idoso



Fonte: acervo pessoal da autora

O mandato é de um ano, com diplomação e posse. O Parlamento do Idoso é composto por pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Consideramos esse projeto da Câmara Municipal de Viçosa alinhada à nossa visão de “iniciativa de fala do idoso” e de grande relevância na prevenção do isolamento que pode ocorrer após a aposentadoria. Além da convivência, os idosos terão um aprendizado sobre os mecanismos do Poder Legislativo e vão lidar com as possibilidades de negociação em prol de suas demandas.

3.3.4 Iniciativa 2 UFV: Como envelhecer em Viçosa

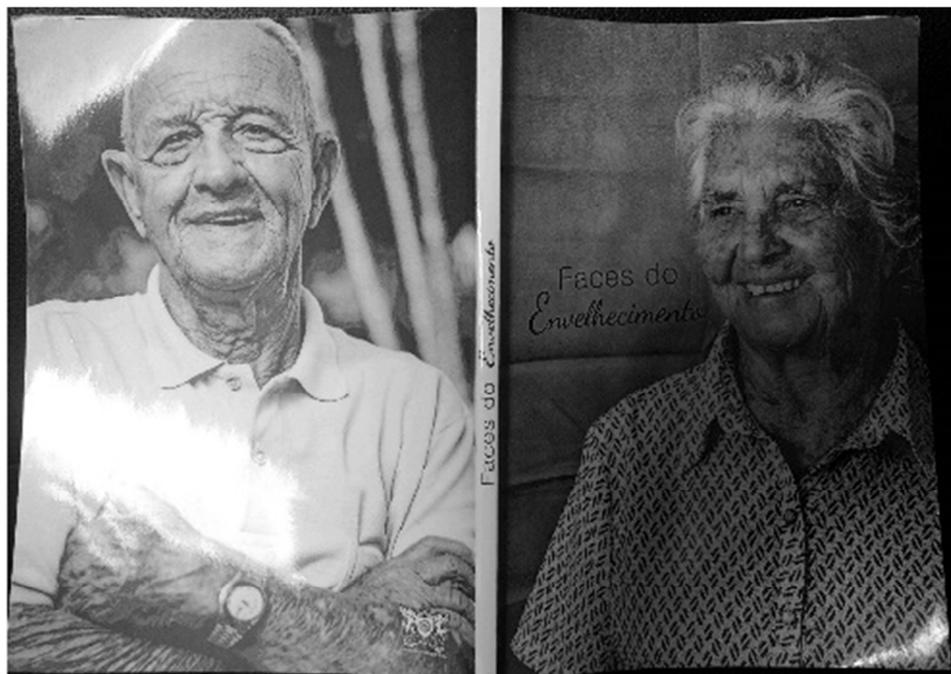
A pergunta “como é envelhecer em Viçosa” também recebeu respostas sobre como é envelhecer. Muitos idosos disseram que a velhice não é fácil, mas vivê-la em Viçosa é bom. Vários opinaram que é uma fase de diversão, sem trabalho. Alguns valorizaram a vida que continua.

a) Pesquisa das faces do envelhecimento em Viçosa

Essas respostas estão no livro “Fases do Envelhecimento: como é envelhecer em Viçosa”, produzido pelo Grupo de Pesquisa Risco social e Envelhecimento, vinculado ao Departamento

de Economia Doméstica, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Na apresentação fica definida a natureza do empreendimento: “na perspectiva de construir um marco, não só da pesquisa em envelhecimento no país, mas o mais importante, a concretização da ‘voz social’ de idosos que buscam falar a cada dia sobre as perspectivas do envelhecimento em suas vidas.” (p. 7). Os pesquisadores do projeto gerador do livro eram professores e alunos de graduação e pós-graduação, além de integrantes do Grupo de Pesquisa.

Figura 15 – Foto de capa do livro *Faces do Envelhecimento: como é envelhecer em Viçosa*



Fonte: foto de capa do acervo da autora

Ao mesmo tempo em que realizava a pesquisa, o Grupo registrava em fotografia cada idoso participante, em busca de conhecer as pessoas também por meio de imagens. Conforme análise do Grupo de Pesquisa, um dos resultados proporcionados pelo livro, foi dar visibilidade, por meio das vozes dos idosos, ao descompasso entre o processo de envelhecimento no município e as políticas sociais brasileiras e locais (Mafra, 2017). Os retratados no livro são frequentadores do “Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI)” - da Prefeitura de Viçosa-, e do “Clube da Vovó” – uma iniciativa particular de uma viçosense. O PMTI será abordado mais adiante em vista da participação do Departamento de Nutrição e Saúde – outra iniciativa da UFV que será aqui descrita.

O Clube da Vovó aglutina senhoras de meia idade e idosas que desejam realizar ações colaborativas para encaminhar doativos a instituições beneficentes de Viçosa. O trabalho social

coordenado por uma cidadã comum - a viçosense Luiza Arruda - começou a funcionar em 2003, conhecido como “Espaço de Bem Viver”, com reuniões semanais. A iniciativa cresceu e prossegue até os dias de hoje, como Clube da Vovó.

As atividades revertem para o trabalho social e têm o objetivo de proporcionar qualidade de vida às participantes por meio de programas como a dança sênior, celebração de aniversários, leituras, visitas a instituições, viagens e palestras – nos moldes de um centro de convivência. Para produzir donativos, trocam conhecimentos sobre artesanato, confeccionam peças artesanais e arrecadam doações na vizinhança. Há inúmeras instituições beneficiadas pelo trabalho das idosas.

Identificamos que o fato de atuarem em colaboração promove a convivência e favorece o envelhecimento ativo e o sentimento de se manterem úteis, em contato com o mundo. No livro, ao final do relato sobre o Clube da Vovó, Luiza Arruda fala de seu sonho de ampliar o trabalho para alcançar um maior número de pessoas vulneráveis.

b) Encontros Mineiros

As “vulnerabilidades” das pessoas idosas vêm sendo discutidas pelo Grupo de Pesquisa Risco social e Envelhecimento, em busca de “estratégias para enfrentamento do processo de envelhecimento populacional e como este pode levar ao risco social” (Mafra, 2016, p. 6). E, em apresentação, o grupo diferencia, segundo Yunes e Szymanski (2001), os conceitos de risco – referente a grupos e populações – e de vulnerabilidade – com o foco no indivíduo (Mafra, 2017).

O grupo afirma, em apresentação, que “a sociedade exclui e marginaliza aqueles que não conseguem adaptar-se aos seus padrões de beleza, rentabilidade, consumo e produtividade”, levando o envelhecimento populacional a ser considerado um risco, com o entendimento de que a vulnerabilidade é um fator intrínseco ao sujeito que tem seus direitos violados quando sua vida não tem um padrão de qualidade mínimo, nem garantia da efetivação dos direitos.

c) I Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social

No contexto desse debate, o Grupo de Pesquisa Risco social e Envelhecimento concebeu e realizou, em 2016, o I Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social, com o tema: “A face da velhice: uma discussão necessária” - que também teve o objetivo de formalizar a

temática em parceria com pesquisadores brasileiros que fundaram e integram a Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Envelhecimento (ASPEN), assim lançando mais um desafio para a pesquisa interdisciplinar.

A partir de um princípio de articulação intensa do conhecimento acadêmico e da expressão dos sujeitos, o evento visava

potencializar a discussão de grandes ideias, como a que o mundo tem buscado discutir dentro das Ciências Sociais, qual seja, **COMPREENDER o INDIVÍDUO** e evidenciar a partir desse, informações sobre como ele se organiza no seu cotidiano próximo, com a finalidade de efetivar seu desejo de conseguir bem-estar e qualidade de vida, considerando em especial a ausência do risco social no processo de envelhecimento. (Mafra, 2016, p. 2)

Como pressuposto para a realização do evento (p. 5), os organizadores definiram que

(1) as famílias com baixo nível socioeconômico expõem seus idosos a uma pior qualidade de vida; (2) a falta de políticas sociais para garantir a autonomia do idoso coloca este indivíduo em uma situação de grande dependência da família e da assistência governamental, ficando assim muito exposto ao fator risco social.

Esses argumentos lançaram as bases do I Encontro – e dos seguintes-, acrescentando a expectativa de que “a voz desse sujeito social chamado idoso seja ouvida, e que eles possam nos dizer o que é envelhecer e se estão expostos ou não, ao risco social diante desse processo.” (p. 6)

O evento foi composto por exposição de fotos com dois momentos distintos, um intitulado “Fases do Envelhecimento” e o outro “Envelhecer em Viçosa”, produtos da pesquisa também geradora do livro citado acima.

Participei do I Encontro com a palestra intitulada “Redução de vulnerabilidades, mobilização social e envelhecimento ativo”.

d) II Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social

Em 2018, o II Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social, por sua vez, teve como tema “A Cultura do Cuidado, a Insuficiência Familiar e o Risco Social no Envelhecimento: uma

discussão necessária”, realizado em parceria com a Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), nos dias 28 e 29 de setembro de 2018.

Nessa iniciativa, minha participação aumentou com (1) Conferência de Abertura intitulada “A Convivência como Estratégia de Promoção da Saúde e de Cuidado Social em um Mundo Longevo”; (2) Palestra “Eu jovem! Não me preocupo em envelhecer?”, proferida na III Semana da Farmácia, promovida pela Faculdade de Farmácia e pela Faculdade de Fisioterapia da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), de Ponte Nova, MG, parceira da UFRV no II Encontro; (3) Participação na Roda de Conversa com o tema “Como quero ser cuidado?”.

Figura 16 - Roda de Conversa no II Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social



Fonte: acervo pessoal da autora

Outro momento do II Encontro também foi centrado na pessoa idosa, porém por um ângulo diferente para captar a percepção dos mais novos: “Por que jovens graduandos e pós-graduandos deveriam se preocupar com o próprio envelhecimento?” A indagação se tornou objeto de uma exposição de produtos para a reabilitação física de pessoas idosas, concebidos e produzidos pelos estudantes de Fisioterapia como resposta a preocupações surgidas durante estágios curriculares em unidades básicas de saúde do município.

Figura 17 - Exposição de produtos para a reabilitação física de pessoas idosas



Fonte: acervo pessoal da autora

O objetivo do II Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social foi divulgar o tema da longevidade de modo geral, mas, especialmente, para jovens graduandos e pós-graduandos que não se preocupam com o processo de envelhecimento, talvez pelos anos que os distanciam da velhice ou por ser um fato indesejado, ainda que a velhice seja a única opção para quem não morrer antes dos 60 anos.

Realizamos uma oficina composta por duas etapas: uma dinâmica de sensibilização dos participantes e uma apresentação em Power Point.

Na etapa de sensibilização, o condutor da oficina propôs um “exercício de imaginação” para produzir em cada participante uma vivência do que pode ser um processo de envelhecimento. Esta etapa está detalhada mais adiante nesta dissertação, no item 3.5, intitulado “Relato de Oficina: EU JOVEM, NÃO ME PREOCUPO COM O ENVELHECIMENTO.”

Na etapa da apresentação em Power Point, o envelhecimento é discutido com o objetivo de familiarizar os jovens com os desafios sociais da longevidade e as implicações orgânicas que, não necessariamente, envolvem adoecimento.

Outro componente do II Encontro Mineiro sobre Envelhecimento e Risco Social foi a “Simulação da Velhice”, propiciada por uma roupa que esteve disponível em área de circulação do evento durante todo o tempo de sua realização. Os participantes experimentavam a sensação de se locomover, por que a roupa reproduz algumas das limitações que podem ocorrer na velhice.

Figura 18 - Roupas simuladora da velhice



Fonte: acervo pessoal da autora

Os Encontros Mineiros de 2016 e de 2018 estão acessíveis em: <http://anais-emers.blogspot.com/>.

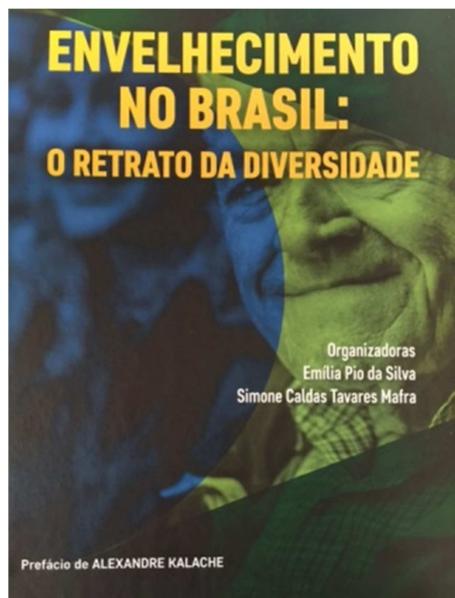
Simultaneamente aos eventos, o Grupo de Pesquisa Risco social e Envelhecimento vem desenvolvendo o “Projeto de Extensão com Interface em Pesquisa”, com a expectativa de melhorar a qualidade de vida do idoso de Viçosa. Um dos resultados foi divulgado em forma de outdoor (Mafra, 2017).

Figura 19 - Outdoor produzido no Projeto de Extensão com Interface em Pesquisa

Fonte: acervo pessoal da autora

Ao longo do período da pesquisa, em 2016, o Grupo de Pesquisa produziu o livro “Envelhecimento no Brasil: o retrato da diversidade”.

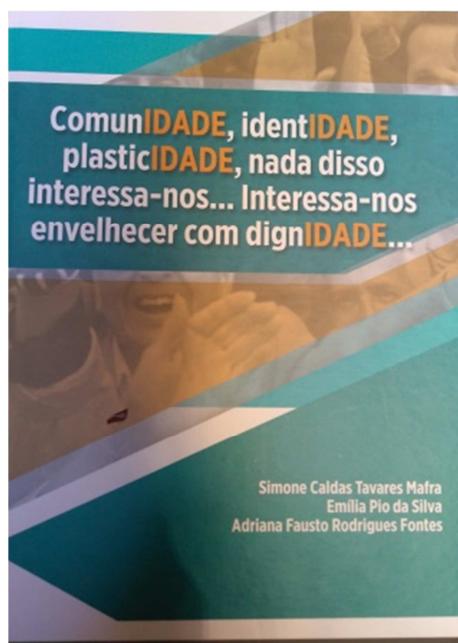
Figura 20 – Foto de capa do livro Envelhecimento no Brasil: o retrato da diversidade



Fonte: acervo pessoal da autora

Em 2018, o grupo publicou o livro “ComunIDADE, identIDADE, plasticIDADE, nada disso interessa-nos... Interessa-nos envelhecer com dignidade”.

Figura 21 – Foto de capa do livro ComunIDADE, identIDADE, plasticIDADE, nada disso interessa-nos... Interessa-nos envelhecer com dignidade



Fonte: acervo pessoal da autora

e) Prazeres que “alimentam” a velhice

Os idosos da Comunidade do Beco experimentaram diferentes preparações de alimentos e o prazer de extrair novas sensações da conhecida prática de cozinhar. Durante o Programa de Extensão Interdisciplinar: Estratégias e Ações com Vistas a Contribuir para o Envelhecimento Ativo, os idosos foram mais além dos saberes cotidianos sobre alimentação e aprenderam a adaptar ingredientes das receitas culinárias para que sejam adequadas a seus momentos de vida, sem deixar as boas recordações do fazer diário. Entenderam ser chegada a hora de pensar que a alimentação integra a necessidade de nutrientes, o prazer do sabor e a contribuição para o controle ou prevenção de doenças crônicas que podem ocorrer durante o processo de envelhecimento. A iniciativa permitiu que os idosos usufríssem da satisfação de cozinhar e comer em companhia dos participantes do Programa (Martins e Ribeiro, 2018).

No âmbito do Programa, o Grupo de Estudos e Práticas em Envelhecimento Nutrição e Saúde (Greens), vinculado ao Departamento de Nutrição e Saúde, realizou dez oficinas de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) entre junho e dezembro de 2017, com a participação de estudantes de graduação em Nutrição e de pós-graduação em Ciência da Nutrição, monitorados por docentes do Departamento de Nutrição e Saúde da Universidade Federal de Viçosa (DNS/UFV).

A experiência constou de preparações e degustação, com definição de receitas pelos idosos e a execução acompanhada por estudantes e professoras, finalizando com conversas sobre o processo e os produtos resultantes. A última oficina realizada verificou a percepção dos idosos sobre a alimentação e possíveis mudanças no comportamento alimentar deles, com uso de uma técnica de discussão baseada em roteiro elaborado pelos condutores das oficinas.

Da avaliação de resultados, o Greens ressaltou alguns pontos, entre eles, a maior presença feminina, com relato das idosas sobre o hábito antigo de cozinhar, exercido diariamente para que toda a família se alimentasse. Os idosos participantes da pesquisa destacaram os alimentos mais apreciados por eles e por seus familiares (Martins e Ribeiro, 2018, p. 29). O reconhecimento da mudança de hábitos alimentares pelos idosos foi relacionado ao surgimento de doenças crônicas indutoras da redução ou eliminação de ingredientes usados em doces, bolos, frituras e comida muito salgada.

Ainda um resultado da pesquisa salientado pelo Greens diz respeito aos elogios dos idosos participantes às receitas e às diferenças entre a receita tradicional e a receita adaptada. A ênfase era colocada na manutenção do sabor mesmo após a redução de sal, gordura e açúcar. Assim sugeriram a inclusão de mais ervas e temperos nas preparações salgadas.

Ao compreender que a presença de doenças na velhice não representa um “obstáculo para o prazer da alimentação”, em razão das adaptações possíveis de serem feitas, os idosos passaram a ter uma visão positiva sobre a alimentação no processo de envelhecimento. Para os pesquisadores, “a prática da alimentação saudável torna-se, para o idoso, um meio prazeroso de socialização” (Martins e Ribeiro, 2018, p. 30).

Ainda outros idosos viçosenses estão ligados ao Greens que exerce, desde 1997, a coordenação técnica do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Viçosa desde 1994, criado e implantado pela Secretaria de Ação Social como Clube da Terceira Idade, atendendo inicialmente a 86 idosos. O objetivo era estimular a socialização pela participação em eventos socioculturais e favorecer o resgate da cidadania (Conceição et al, 2016, p. 4).

Nesses 25 anos de existência, idosos vêm participando de atividades do PMTI, a exemplo da sessão de cinema com debate onde os idosos expõem seus pontos de vista sobre a realidade narrada e os personagens, destacando as relações com suas vidas.

Figura 22 - Idosos em sessão de cinema



Fonte: acervo pessoal da autora

O projeto Ensino de Inglês para Idosos é uma parceria do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) do município de Viçosa com o Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Viçosa.

Figura 23 - Apresentação de dança



Fonte: acervo pessoal da autora

Dança, canto coral, e música também fazem parte do Programa, produzindo apresentações em eventos.

3.3.4 Iniciativa PUC-Rio: Educação continuada para Mais de 50

Idosos da cidade do Rio de Janeiro consultados em pesquisas expressaram suas preferências de cursos e atividades a serem realizados para eles. O panorama do envelhecimento no Brasil constava da agenda da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como campo de estudos a ser incluído na produção acadêmica e de extensão. A localização da universidade no bairro da Gávea mostrou que era oportuno começar a pensar na longevidade, aproveitando o fato de estar próxima a duas instituições, potenciais colaboradoras: o Centro de Estudos e Pesquisas do Envelhecimento (CEPE), da Secretaria Estadual de Saúde RJ, e a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydee, da Prefeitura do Rio de Janeiro.

A consolidação das parcerias fez parte dos avanços do conhecimento na PUC-Rio, que criou o programa PUC-Rio mais de 50, com oferta de cursos, “workshops” e palestras, e disciplinas curriculares, geradoras de produtos baseados em escuta de idosos pelos alunos, inclusive de seus próprios familiares.

Em 2013, a disciplina obrigatória “Projeto 5 – Produção e Distribuição”, do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, vinculado ao Laboratório Design Memória e Emoção (LABMEMO), teve Design e Envelhecimento como tema, na perspectiva do Design Emocional. Cerca de 90 alunos se inscreveram e conceberam cerca de 30 projetos, desenvolvidos em grupos de 4 a 5 alunos, resultando em produtos prontos para o mercado. Na exposição dos trabalhos finais foi possível perceber que os estudantes identificaram soluções inovadoras, transformando-as em produtos capazes de proporcionar melhoria na qualidade de vida dos idosos (Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2013). Um exemplo de projeto de um grupo de estudantes era a criação de um site com a memória de uma instituição que preserva a história do Museu da Aeronáutica.

As muitas demandas dos idosos foram organizadas em cinco eixos temáticos: (1) Atualidades & Conhecimentos Gerais; (2) Arte, Cultura e Entretenimento; (3) Cultura Religiosa; (4) Oficinas Digitais; e (5) Revitalização Profissional. Com base nas demandas dos idosos pesquisados, em 2014, foi criado o programa de educação continuada PUC Mais de 50, pelo LABMEMO, levando adiante um movimento de designers que procurou entender o que é envelhecer, junto com os idosos, e discutir ideias para o design de novos produtos e serviços que melhorassem a qualidade de vida no processo de envelhecimento.

Na área de Atualidades & Conhecimentos Gerais, os idosos frequentaram cursos como: Os Conflitos Atuais no Oriente Médio; Por uma história da amizade: possibilidades antigas e contemporâneas; Caminhos de Santiago de Compostela: história e relatos; Horta orgânica. Em Arte, cultura e entretenimento foram: Bossa Nova de Bach a Baden; Madame Bovary: encontro com o diretor; Jazz: história e música. Em especial, o curso “Conversando sobre Beatles: história e música” se desdobrou em grupos e teve exigência de continuidade pelos idosos.

Em trabalho de grupo, alunas do curso de Design criaram o projeto “Coroando” com o intuito de estimular a troca de experiências entre jovens e idosos no âmbito da escola. A proposta colocava o idoso em uma função educativa junto aos mais jovens, por meio de palestras, histórias de vida e debate pelo idoso de tópico do programa escolar que seja de seu domínio (Rosa et al, 2014).

Outra iniciativa de impacto é o Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior (PICT-Sênior) de grande sucesso entre idosos em busca de continuidade da vida ativa. Criado no âmbito de uma pesquisa de doutorado, o PICT-Sênior se baseia em métodos de design participativo e design *thinking* de serviços para a extensão universitária, com diferencial de serem voltados aos

maiores de 50 anos (Pina, 2019). Estudos sobre os programas de iniciação científica no Brasil indicaram que o PICT-Sênior poderia ser concebido nos moldes do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). O valor de bolsa equivaleria ao que recebem os bolsistas PIBIC e PIBITI ou, a critério do professor orientador, seria uma participação voluntária.

O grande alcance da ideia requeria a participação de setores da PUC-Rio para a sua efetivação, assim o PICT-Sênior

foi criado com a colaboração de professores pesquisadores dos departamentos de Psicologia, Química, Design, Geografia e Informática, entre outros, e com o suporte da Coordenação de Iniciação Científica; da Coordenação Central de Extensão, da Vice-Reitoria de Desenvolvimento e da gerencia de Recursos Humanos. O primeiro protótipo, realizado entre outubro de 2017 e setembro de 2018, atendeu seis 50+; o segundo, com previsão de término para janeiro de 2020, atendeu o mesmo número de participantes. (Pina, 2019, p. 8)

Ao participarem do Programa, os idosos atuam em colaboração, se tornam, segundo a autora da tese, “empreendedores da própria vida” (ibidem, p. 8), com um novo caminho pela frente.

O interesse das pessoas idosas nas atividades fica evidente no registro de mais de 1.500 participantes em cerca de 40 atividades oferecidas pelo PUC-Rio Mais de 50.

3.5 Relato de Oficina: Eu jovem, não me preocupo com o envelhecimento!

Neste ponto de observação reproduzimos a íntegra do relato de uma oficina que inscrevemos em um processo seletivo de trabalhos e foi premiado em 1º lugar na Mostra de Oficinas de Ciência e Arte do 10º Simpósio de Ciência, Arte e Cidadania, coordenado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências em Saúde (EBS), do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, realizado em 7 e 8 de dezembro de 2018.

3.5.1 Resumo

Introdução: A demanda de familiarizar jovens com o tema do envelhecimento originou a oficina destinada a estudantes de graduação e pós-graduação de uma cidade mineira, que idealizam e fabricam produtos fisioterápicos para idosos frágeis atendidos em unidades básicas de saúde daquela localidade. **Objetivo:** Criar uma relação empática dos estudantes com as características do processo de envelhecimento, com vistas à ampliação de conhecimentos. **Metodologia:** Baseada em um “exercício de imaginação”, a oficina é composta por duas etapas: uma dinâmica de sensibilização dos participantes e uma apresentação fundamentadora. Na etapa de sensibilização, o condutor da oficina se coloca junto aos participantes, seja em auditório ou sala de aula, visando manter o máximo de proximidade com o grupo e explicar que está propondo um “exercício de imaginação”. Informa que o exercício precisa da participação do grupo e pergunta se concordam. Diante da concordância, o condutor pede que fechem os olhos e sugere três cenários, um de cada vez, onde os participantes se imaginam mais velhos em certas circunstâncias. Ao final do terceiro exercício, o condutor pede que os participantes abram os olhos e respondam sobre qual cenário escolhem como ideal. **Resultados:** O maior número de participantes escolhe o primeiro cenário – onde o envelhecimento é saudável, demonstrando que a expectativa de todos é de ter um envelhecimento idealizado como o melhor. Em seguida, o condutor realiza uma apresentação teórica que articula as manifestações dos participantes. **Considerações finais:** As vivências empáticas produzem antecipações sobre como pode ser a velhice e a consequente compreensão das características específicas do processo de envelhecimento neste momento de acelerado aumento do número de idosos, acompanhado de novas e urgentes demandas sociais na atualidade e no futuro.

3.5.2 Relato de Oficina (segundo modelo fornecido pelo regulamento do processo seletivo)

A partir deste trecho, o texto a seguir reproduz o relato de oficina conforme formatado para a Mostra de Oficinas de Ciência e Arte do 10º Simpósio de Ciência, Arte e Cidadania.

Título da Oficina: “Eu jovem, não me preocupo com o envelhecimento”

Autores:

Costa, Silvia M. M., mestrande do PGEBS/IOC/Fiocruz; pesquisadora do Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas (Next)/Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)/Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e do grupo de pesquisa ENSP/Fiocruz-CNPq "Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde”.

Santos, Nilton Bahlis dos. Coordenador do Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas (Next)/Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)/Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e do grupo de pesquisa ENSP/Fiocruz-CNPq "Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde". Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS)/ICICT/Fiocruz; e Professor Colaborador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS)/Instituto Oswaldo Cruz (IOC)/Fiocruz.

Instituição/contato: Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde/Instituto Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz – silvia.costa@ioc.fiocruz.br

O objetivo da oficina foi divulgar o tema da longevidade para jovens graduandos e pós-graduandos que não se preocupam com o processo de envelhecimento, em um momento de acelerado aumento do número de idosos acompanhado de novas e urgentes demandas sociais na atualidade e no futuro.

Público alvo: Jovens graduandos e pós-graduandos de universidades públicas e privadas e de instituições de ensino e pesquisa em saúde.

Mediador: Profissional da área de longevidade e envelhecimento, com experiência docente.

Número de participantes: Mínimo de 15 e máximo de 100 participantes.

Tempo de duração: 90 minutos

Material necessário e material complementar: Apresentação e Power Point, podendo ter materiais gráficos impressos.

Descrição, dinâmica e andamento (ementa):

A oficina foi composta por duas etapas: uma dinâmica de sensibilização dos participantes e uma exposição com apresentação em Power Point.

Na etapa de sensibilização, o condutor da oficina se coloca junto dos participantes, seja em auditório ou sala de aula, visando manter o máximo de proximidade com o grupo. O condutor explica que está propondo um “exercício de imaginação” que precisa da participação do grupo e pergunta se concordam. Diante da concordância, o condutor informa que devem fechar os olhos e não responder até que ele peça para abrirem e responderem.

Desenvolvimento da etapa de sensibilização:

Primeiro exercício de imaginação - O condutor propõe que os participantes imaginem estar na sua festa de aniversário de 85 anos, vestido(a) para a comemoração, diante de uma mesa com bolo cheio de velas, alimentos doces e salgados, bolas e decoração de festa. Há convidados da família, vários parentes, amigos, vizinhos, ex-colegas de trabalho. Todos felizes e animados.

Segundo exercício de imaginação – O condutor propõe um novo cenário a ser imaginado. Os participantes devem se ver aos 85 anos, no dia de seu aniversário, sozinhos em casa, sem qualquer convidado. Parece que ninguém lembrou ou foi cumprimenta-lo.

Terceiro exercício de imaginação – O condutor propõe um novo cenário, onde o participante está completando 85 anos internado em um hospital, sem presença de qualquer familiar ou amigo e sem que a equipe de enfermagem ofereça qualquer comemoração.

Quarto exercício de imaginação – O condutor propõe outro cenário do aniversário de 85 anos, desta vez em um asilo, onde os moradores e os profissionais organizaram uma comemoração dos aniversariantes do mês, diante de uma mesa onde se vê um bolo com várias velas.

Ao final do quarto exercício, o condutor pede que os participantes abram os olhos e respondam sobre qual cenário preferem.

O condutor começa pelo quarto exercício, perguntando quem se viu nesse. E assim por diante até o primeiro e mais favorável cenário.

A cada cenário escolhido, o condutor aponta para quem escolheu e pergunta qual foi a razão para cada escolha, comentando cada uma.

O maior número de participantes escolhe o primeiro cenário, demonstrando que a expectativa de todos é de ter uma festa de aniversário prestigiada por seus familiares e relacionamentos.

Etapa de exposição:

A exposição começa com as perguntas: Sabe como é ser idoso? Por que uma pessoa idosa pode ser mais lenta? Ter menos visão? Ouvir com dificuldade?

Durante a exposição são apresentadas fotografias da roupa de "Simulação da Velhice" idealizada por alunos de Fisioterapia da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), de Ponte Nova, MG, para a “III Semana da Farmácia”, realizada pela FADIP (Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga). No evento foram expostos os Dispositivos de Tecnologia Assistiva confeccionados por alunos da graduação em fisioterapia da FADIP para uso no tratamento de pessoas idosas atendidas na Atenção Primária à Saúde da região do Vale do Piranga. São produtos de baixo custo para apoio ao tratamento fisioterápico em unidades básicas de saúde que não têm orçamento para a compra de equipamentos.

Figura 24 - Roupa simuladora da velhice



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 25 - Exposição de produtos fisioterápicos na Universidade FADIP – foto 1



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 26 - Exposição de produtos fisioterápicos na Universidade FADIP – foto 2



Fonte: acervo pessoal da autora

Documentação e avaliação: O registro foi apenas fotográfico.

Relato de experiências realizadas (conforme regulamento do Simpósio):

A oficina foi realizada para alunos de Fisioterapia da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), de Ponte Nova, MG, e fez parte do “Ciclo de contribuições sobre longevidade” criado pelo Next (Núcleo de Experimentação em Tecnologias Interativas)/ENSP/Fiocruz para estudantes e professores de universidades a partir da seguinte pergunta: “Por que jovens graduandos e pós-graduandos deveriam se preocupar com o próprio envelhecimento?”

Desde 2015, diferentes unidades receberam palestras sobre o tema. As palestras para a Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Viçosa, Minas Gerais, a partir de 2015, anualmente, foram demandadas por três departamentos, onde também foi ministrada uma aula online. Na PUC-Rio foram feitas apresentações em um evento sobre moradia para idosos (2016) e em uma aula (2017).

Para a Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, o tema foi aposentadoria, em 2018. Na Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), em Ponte Nova, Minas Gerais, além da palestra, foi feita uma visita a uma exposição de produtos para pessoas idosas e a oficina aqui descrita. O Ensino de Biociências em Saúde (EBS), do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz também foi contemplado com apresentações para alunos.

Embasamento teórico (conforme regulamento do Simpósio):

O acelerado aumento da população de mais de 60 anos, - e a rápida e contínua queda da fecundidade combinadas com a redução da mortalidade em todas as idades -, indica a presença crescente de pessoas idosas, inclusive como usuárias dos serviços sociais e de saúde. Dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, em 2010, havia 19,6 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Estimativas publicadas pelo IBGE naquele ano previam um incremento médio de mais de 1 milhão de idosos anualmente, nos próximos 10 anos, chegando, em 2030, a uma população de maiores de 60 anos de 41,5 milhões. Ao chegar aos 60 anos ainda há uma esperança de vida de mais 20 ou 30 anos, o que torna o grupo de pessoas idosas com mais de 80 anos igualmente crescente.

O desenvolvimento da oficina se baseia em uma perspectiva de educação permanente e

interativa, que leva em consideração os saberes populares e se fundamenta por aportes teóricos e metodológicos motivadores da busca de conhecimentos e da construção de estratégias e de habilidades emergentes dos grupos participantes dos processos de ensino-aprendizagem.

Bibliografia recomendada (conforme regulamento do Simpósio):

Arantes, Rodrigo Caetano. Envelhecimento ativo e com qualidade de vida. In: Faria, Lina (Org.). Envelhecimento: um olhar interdisciplinar. Editora Hucitec, 2016.

Camarano, A. A. et al. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (Ed.). Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: Ipea, 2004. p. 137-167.

COSTA, Silvia M. M et al. Habitação e Urbanismo. In: Alexandre de Oliveira Alcântara; Ana Amélia Camarano; Karla Cristina Giacomini. (Org.). Política nacional do idoso : velhas e novas questões. 1aed. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2016, v. , p. 11-620.http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/161006_livro_politica_nacional_idosos.PDF

Organização das Nações Unidas (ONU). Carta de Ottawa. In: 1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Ottawa, Canadá; 1986.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Guia Global: Cidade Amiga do Idoso. OMS: Genebra, 2008.

Organização Pan-Americana da Saúde (Opas)/OMS. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Opas, Ministério da Saúde, 2005.

4 Considerações Finais

Os estudos realizados nos quatro “pontos de observação” desta pesquisa indicaram a convivência como prática de promoção da saúde que possibilita a maximização da vida saudável na velhice e cria espaços de fala para as pessoas idosas.

Nossa percepção da criação ou restrição de espaços de fala dos idosos variou em cada ponto de observação da pesquisa, revelando um contexto diferenciado da inserção social dos idosos.

Não é possível concordar com a afirmação de que a participação de idosos em pesquisa favorece seu protagonismo social (Centro Internacional de Longevidade, 2015), em razão da constatação de que a presença transitória em um momento de proatividade não representa a condução de processo apregoada pelos autores no estudo do primeiro ponto de observação.

Em contraposição, o espaço de fala concebido pela comunidade virtual de idosos analisada no segundo ponto de observação estabelece um ambiente de autoexpressão das pessoas idosas que entendemos como ilimitado, ainda que tenha a participação dos pesquisadores na mediação do debate (Santos e Costa, 2017).

Os achados do terceiro e do quarto ponto de observação corroboram os estudos sobre as iniciativas de extensão universitária se configurarem como novos caminhos para a participação de pessoas de 50 anos e mais (Pina e Damazio, 2019). Com a ressalva de que o espaço de fala criado nessas circunstâncias pode ser comparável à transitoriedade que caracteriza a pretensa proatividade – ou protagonismo – atribuída à presença de idosos em pesquisas acadêmicas.

Chegamos a indicadores de que os contextos de convivência das pessoas idosas dinamizam todo tipo de relacionamento humano, com ideias convergentes, divergentes, concordantes, discordantes, afetuosas, iradas, vibrantes, tristonhas, solidárias – sendo, enfim, um ambiente vivo onde acontecem intercâmbios constantes e diversos. Entendemos que esses contextos de convivência se caracterizam, entre outras interações, por manifestações de experiências, narração de casos, opiniões – constituindo-se como redes de relacionamento e colaboração. Desse modo, a convivência pode ser considerada fator de promoção da saúde, em seu sentido de produção social da saúde, associado às necessidades da população em suas localidades e com envolvimento da sociedade (Brasil, 2014).

Conforme figura 27, a convivência realizada em cada ponto de observação desta pesquisa adquiriu diferentes formas, em categorias construídas no decorrer de nosso trabalho, tendo sido analisada como “convocada” no primeiro ponto, “motivada” no segundo, “convidada” no terceiro e “empatizada” no quarto ponto. A figura 27 situa no texto a forma de convivência em cada ponto de observação, identifica se acarreta benefício ou prejuízo, estabelece as relações com o isolamento e a promoção da saúde e explicita a aprendizagem proporcionada.

Figura 27 - Quadro resumo dos pontos de observação e principais características

Objetivos	Pontos de Observação (abreviados)	Formas de convivência	Referências no texto	Benefício ou Prejuízo	Relações com isolamento e com saúde	O que aprendemos
<p>Geral: Estudar as características da convivência na velhice, reconhecidas nos quatro pontos de observação dela integrantes.</p> <p>Específicos: (1) identificar as formas que a convivência assume na velhice; (2) distinguir quais benefícios ou prejuízos acarreta; (3) verificar relações</p>	Mobilização Social e Envelhecimento Ativo	Convocada	Engajamento dos idosos para participação em pesquisa contribui para sensação de pertencimento e de sentido da vida. Página 60	Após participação em pesquisas, se encerra a oportunidade para que os idosos se expressem. O benefício da convivência ocorre apenas durante a pesquisa.	Quando é convocado para a ação, o idoso interage em um coletivo, “decide, faz, realiza e constrói suas políticas na prática”.	Elementos comuns aos quatro pontos de observação, os encontros proporcionados pela realização de ações, programas, eventos, cria oportunidades de convivência, afetando os participantes de diferentes formas, mas, sempre trazendo a alegria do contato entre
	Comunidade virtual de idosos	Motivada	O ambiente criou o espaço para uma demanda reprimida. A adesão ao ambiente foi espontânea e progressiva. P. 66.	A participação na comunidade agregou satisfação a muitos membros, ao mesmo tempo que produziu rejeição a situações de conflito.	Manifestações dos membros da comunidade constituem evidências da prevenção do isolamento e de promoção da saúde.	

da convivência com o isolamento social e a promoção da saúde; e (4) entender o que aprendemos sobre ela.	Relato sobre extensão universitária	Convidada	Escolha de participação em iniciativas, como cursos, “workshops” e palestras, e, para alunos, disciplinas curriculares geradoras de conhecimentos. PP. 97 e 101, entre outras.	A oferta de iniciativas representa espaço para a convivência que traz em seu bojo aprendizagens e diversão. A interrupção de iniciativas pode gerar frustração.	Permite a saída momentânea do isolamento e proporciona o autocuidado garantido pela participação.	pessoas, como um “antídoto” para o isolamento e contribuição à promoção da saúde dos idosos.
	Relato sobre velhice imaginada	Empatizada ⁴	O exercício de imaginação para que jovens se imaginem idosos repercutirá nas relações intergeracionais. P. 105.	Pode acontecer uma boa relação empática do jovem ou surgir uma aversão à velhice que afete a convivência de jovens com idosos.	A boa acolhida por parte de jovens favorece uma cultura da longevidade positiva para a sociabilidade de idosos na busca de convivência.	

⁴ Verbo Empatizar - Participio Passado: empatizado - <https://www.conjugacao.com.br/verbo-empatizar/>

Entendemos que o prolongamento da vida humana retratado em números constitui apenas uma dimensão da longevidade, mantida em destaque quando estudiosos do tema lançam ‘advertências’ para a necessidade de preparação da sociedade em vista do acelerado envelhecimento populacional que caracteriza a atualidade. Neste trabalho, nosso foco foram as características e implicações sociais do processo de envelhecimento na vida da sociedade contemporânea.

Percebemos uma interdependência de três situações que influenciam o mal/bem-estar dos idosos, entretanto sem relação direta de causa e efeito: (1) visões negativas da velhice, (2) incidência de isolamento social e de solidão e (3) redução da convivência das pessoas idosas. Nossos estudos indicaram o potencial de que as estratégias de convivência revertam ou atenuem visões negativas da velhice e o isolamento social do idoso, além de serem instrumentos de promoção da saúde.

O modo de olhar a velhice e a definição de faixas etárias se transformam de acordo com a época e o lugar e guardam relações com ideias de proximidade da morte e de chegada de características físicas rejeitadas - ainda que nos dias de hoje seja possível viver muitos mais anos, estendendo a expectativa de vida para idades acima dos 80 anos. É dos olhares do preconceito que surgem eufemismos como “terceira idade”, “melhor idade”, “envelhescência”. A discriminação por idade envolve a rejeição a, entre outros, atributos físicos que ninguém quer para si, como rugas, flacidez, manchas na pele, encurvamento, imobilidade, doenças crônicas etc. Ademais, estereótipos e estigmas associam a velhice a fragilidade e doença, levando à infantilização do idoso, que é usualmente tratado no diminutivo; além de suscitar a rotulação da aposentadoria como fase em que a pessoa se torna inútil e presa fácil a abuso psicológico, físico ou financeiro.

Se a soma dessas visões negativas induz ao isolamento e à sensação de solidão, o estímulo à convivência na velhice se afigura como estratégia de promoção da saúde que contribui para a manutenção da capacidade funcional do idoso – e conseqüentemente de sua autonomia e independência, valores prezados por pessoas de todas as idades. Neste contexto, ainda que se tenha a compreensão de que as características orgânicas modificadas a partir dos 60 anos possam envolver reduções ou perdas físicas, cognitivas, sociais, econômicas – há possibilidade de adiamentos, prevenção de fragilidades e doenças, reabilitação para retorno a uma condição de vida saudável.

Ao considerar as inter-relações dos aspectos sociais do processo saúde-doença com a promoção da saúde, os resultados de nossa pesquisa revelam que ações, iniciativas e projetos de promoção da saúde incorporam soluções que podem anteceder o desencadeamento de um processo de adoecimento ou mesmo adiar, prevenir, atenuar e até evitar doenças.

O presente trabalho foi gerado por um conjunto de pesquisas aqui referidas como “pontos de observação” por terem em comum a metodologia de observação participante e sua estruturação como produtos independentes, entretanto, formadores de um todo quando examinados sob a ótica do “espaço de fala” que representam para as pessoas idosas. O “espaço de fala” está relacionado à abertura da sociedade à participação dos idosos na vida social - no que se refere ao tempo disponível para sua expressão e ao papel central ou intermediado no espaço de fala.

Em cada um dos quatro pontos de observação, o “espaço de fala” revela a forma de inserção do idoso no ambiente social. Em apenas um “ponto de observação”, o espaço é ilimitado: na comunidade virtual. Nos demais, podemos inferir que o espaço depende das configurações das instituições envolvidas, sendo finito quando se trata da escuta dos idosos em pesquisas, tendo potencial de continuidade nas iniciativas de extensão universitária e favorecendo maior espaço para o idoso no futuro a partir de jovens mais sensíveis para a velhice.

O artigo “Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidades das pessoas idosas” considera o espaço de fala para os idosos durante pesquisas como oportunidade de convivência e assunção de um papel propositivo, embora apenas ocorra durante sua participação em entrevistas e grupos focais, posto que a prática baseada na escuta das pessoas idosas proporcione ao participante um momento de protagonismo, que é passageiro e não se estende à sua vida após a pesquisa. Segundo a figura 27, a forma de convivência nesse ponto de observação é “convocada”, quando o idoso atende à convocação, porém mantendo-se ativo e participativo ao se mobilizar para a construção coletiva de políticas a partir de seu cotidiano; no caso de participação eventual em iniciativas de pesquisa, sua proatividade é passageira, se restringindo à duração da pesquisa.

O “Manuscrito em preparação: Comunidade Virtual de Idosos: observações sobre o envelhecimento em um grupo público no Facebook” se baseia em um espaço de fala ilimitado para as pessoas idosas como participantes da comunidade. A possibilidade de livre expressão no ambiente virtual criou uma cultura de queixas, quando os membros interpretavam haver restrições a alguns de seus costumes criticados pelos demais. O crescente interesse pela comunidade virtual de idosos foi traduzido em aumento exponencial do número de membros e em postagens demonstrativas da satisfação em participar daquele ambiente. Neste ponto de observação, na forma de convivência “motivada”, o idoso assume o controle de suas manifestações em comunidade, com possibilidades de resolução colaborativa de problemas comuns aos participantes, desse modo prevenindo o isolamento e mantendo um envelhecimento ativo e saudável.

No “Relato de Experiência: Iniciativas de extensão universitária” foi possível identificar a oferta de oportunidades para a expressão dos idosos, reconhecendo que as diretrizes para as ações de extensão são disciplinadas por legislação reguladora (Brasil, 2018) que conceitua “extensão universitária” como “atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.” No que tange à inserção em iniciativas de extensão universitária, na forma de convivência “convidada”, o idoso se assenhora de suas ações e contribui com sua visão sobre o envelhecimento com vistas à implantação de melhorias por instituições e pelos governos locais, que também são “convidados” para as ações.

O “Relato de Oficina: Eu jovem, não me preocupo com o envelhecimento” se estrutura na apresentação de três cenários da velhice para avaliação dos participantes. O primeiro cenário

descrito é favorável, o segundo permite uma avaliação intermediária e o terceiro parece desfavorável à qualidade de vida na velhice. A maioria dos participantes, quando perguntados, escolhe o primeiro cenário e só uns poucos preferem os outros dois cenários. Essa oficina proporciona relações empáticas aos jovens estudantes e sua aproximação com o envelhecimento por meio de um exercício de imaginação que suscita visões idealizadas e positivas da velhice, favorecendo a tomada de consciência de suas visões negativas e indesejadas do que é ser idoso. Essas percepções podem resultar em um futuro dotado de novos espaços para os idosos se expressarem, livres de estigmas, preconceitos, estereótipos e discriminações, com menos riscos de isolamento ou solidão e plena possibilidade de convivência – inclusive intergeracional. Neste ponto de observação, a forma “empatizada” pressupõe que o participante do exercício de imaginação se coloque no lugar da pessoa idosa para vivenciar as características da velhice, seja do ponto de vista positivo ou negativo, em busca de uma nova sociabilidade transformadora do próprio futuro do jovem.

Figura 28 – Quadro-resumo dos espaços de fala dos idosos

Espaços de expressão do idoso em cada Ponto de Observação	Quanto à duração	Quanto à criação do espaço
Espaço de fala na realização de pesquisas	Restrita ao desenvolvimento da metodologia de pesquisa	Ação de especialistas dirigida a idosos.
Espaço de fala em comunidade virtual	Ilimitada	Abertura de um ambiente a ser conduzido pelos idosos; relações não hierárquicas.
Espaço de fala na extensão universitária	Restrita ao desenvolvimento das ações	Proposta acadêmica; tem potencial de recebimento de demandas da sociedade e de que se torne contínua na forma de programa.
Espaço de fala na vivência empática da velhice	Restrita ao desenvolvimento da vivência	Proposta acadêmica indutora de familiarização de jovens com a velhice, transformadora de visões e de novos espaços futuros para idosos.

Nossas observações indicaram a convivência como fator de influência na satisfação das pessoas idosas, decorrente do contato com outras pessoas, associada à criação de laços comunitários - entendendo-se “comunidade” nos sentidos de vínculo social e de pertencimento, que podem se enraizar em um território ou não se enraizarem fisicamente no caso das comunidades virtuais. A sociabilidade é atributo essencial da comunidade que implica troca de ideias, compartilhamentos, embates de visões de mundo, compaixão e solidariedade ou seu reverso: a hostilidade e a indiferença. Tudo acontecendo na comunidade, com um microcosmo da cidade, da sociedade.

Como bases da vida longa, os fundamentos de “longevidade, convivência, comunidade e fatores de prevenção do isolamento e de promoção da saúde” revelaram desafios sociais do envelhecimento, a saber: visões negativas da velhice, isolamento/solidão, redução da convivência. Os desafios orgânicos estudados foram o declínio da capacidade funcional e a intervenção no processo saúde-doença para atenuar ou reverter o declínio funcional.

A partir de nossos estudos, a convivência aparece como resposta aos desafios do envelhecimento por favorecer espaços de fala para os conviventes idosos, em situações prolongadas ou transitórias, facilitadoras da promoção da saúde das pessoas idosas.

Ao considerar possíveis respostas aos desafios do envelhecimento, recomendamos a efetivação de políticas públicas baseadas na convivência das pessoas idosas e em sua proatividade na construção de espaços de fala e no encaminhamento de suas demandas à sociedade e ao Estado.

A título de encerramento, nos juntamos a Guita Debert!

A concepção de velhice como um conjunto de perdas foi fundamental para a legitimação de direitos sociais. Entretanto, as novas imagens do envelhecimento, na luta contra os preconceitos, tratam de acentuar os ganhos que o avanço da idade traz.

Guita Debert - A reinvenção da Velhice, 1999, p. 67

Referências

ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, AA; GIACOMIN, K.C. (org.). **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016

ALMEIDA, E. A. et al. Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira-MG. **Rev. Bras. Geriatr. e Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 435-443, 2010.

ARANTES, R. C. Envelhecimento ativo e com qualidade de vida. In: FARIA, Lina; CALÁBRIA, L. K.; ALVES, W. A. (org.). **Envelhecimento: um olhar interdisciplinar**. Hucitec, 2016.

ARAÚJO, L. F. et al. Análise Comparativa das Representações Sociais da Velhice. **Psico**, Porto Alegre, v.6, n.2, 197-204, maio/ago. 2005

BARAN, Paul. **On distribute communications: introduction to distributed communications networks**. Santa Monica, CA: Rand Corporation, 1964. Disponível em: http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_memoranda/2006/RM3420.pdf Acesso em 17 de maio de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BBC News Brasil. Por que tantas pessoas se distanciam de suas famílias? 26/05/2019. <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-48157656>

BECKER, H. S. Problemas de Inferência e Prova na Observação Participante In: BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução Marco Estevão, Renato Aguiar. 2. Ed. São Paulo: HUCITEC 1994. cap. 2, p. 21-30.

BIRMAN, J. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. **Hist. Cienc. Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1267-1282, out./dez. 2015.

BORTOLON, P. C. **A alegria de estarmos juntos: comunicação alegre e saúde na sociedade conectada.** 2018. 143 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Institui o Estatuto do Idoso. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p, 1, 3/10/2003.

_____. **Lei Nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.** Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018.**

_____. Ministério da Saúde (MS). Política Nacional de Promoção da Saúde - PNaPS: revisão da Portaria MS/ GM nº 687, de 30 de março de 2006. Brasília: MS; 2014.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Orientações técnicas para a implementação de linha de cuidado para atenção integral à saúde da pessoa idosa no Sistema Único de Saúde -SUS.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.

BRITO, F. Transição demográfica e desigualdades sociais no Brasil. **Rev. Bras. Estud. Popul.,** São Paulo, v. 25, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2008.

BULNES, A. Por que é mais difícil fazer amigos depois dos 30 (e como resolver isso)? **El País,** 22 jun. 2019. Seção Relações. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/17/estilo/1560766716_238684.html?id_externo_rsoc=TW_BR_CM&hootPostID=5ebf33492006ca05d4f5703c42aee135. Acesso em: Dia Mês Ano.

CAMARANO, A. A. et al. Como vivem os idosos brasileiros?. In: CAMARANO, A. A. (ed.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?.** Rio de Janeiro: Ipea, 2004. p. 25-75.

CAMARANO, A. A. (org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

CAMPOS, N. S. et al. Lições aprendidas em uma experiência de utilização do Facebook como arquitetura pedagógica de apoio a um curso em regime blended course. **Rev. Augustus**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, 2012.

CARMO, L. V.; DRUMMOND, L. P.; ARANTES, P. M. M. Avaliação do nível de fragilidade em idosos participantes de um grupo de convivência. **Fisioter. Pesqui.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 17-22, 2011.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL. **Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade**. Rio de Janeiro: ILC-Brasil, 2015.

CZERESNIA, Dina e Freitas, Carlos Machado de (org.). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2ec. rev. e amp. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2009.

CONCEIÇÃO, L. R. et al. Envelhecer em Viçosa: histórias contadas e vividas. In: ENCONTRO MINEIRO SOBRE ENVELHECIMENTO E RISCO SOCIAL, 1., 2016, Viçosa. **Anais [...]**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B-GeQ19LZIF0c3duT2J1VGJoaGM/view>. Acesso em: 13 jul. 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8., 1986, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 1987.

COSTA, S. et al. Habitação e urbanismo. In: ALCÂNTARA, A. O; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (org.). **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. cap. 11, p. 295-322.

COSTA, S. M. M. et al. Relações empáticas com a velhice como fatores de promoção da saúde. In: CONFERÊNCIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE FIOCRUZ, 1., 2019, Rio de Janeiro. **[Pôster]**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019.

COSTA, S. M. M.; SANTOS, N. B. A vida na velhice. In: MARTINS, S.; RIBEIRO, A. Q. (org). **Envelhecimento ativo: das ações à política**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2018.

COSTA, S. M. M.; SANTOS, N. B. Prefácio. In Mafra, S. C. T. et al. **ComunIDADE, identIDADE, plasticIDADE, nada disso interessa-nos...** interessa-nos envelhecer com dignidade. Visconde Rio Branco (MG): Suprema, 2018.

COSTA, S. M. M.; SANTOS, N. B. Grupo Envelhecimento em comunidade para a convivência e a promoção da saúde. In: UNIÃO DE NAÇÕES SUL-AMERICANAS; INSTITUTO SURAMERICANO DE GOBIERNOS EN SALUD. **Desafíos del envejecimiento poblacional para los sistemas de salud em Suramérica: hacia el envejecimiento saludable**. Rio de Janeiro: ISAGS; UNASUR, 2017. Trabalho selecionado em edital do Isags. p.43.

COSTA, S. M. M.; SANTOS, N. B. Internet e saberes populares no trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE, 7., 2016. Cuiabá. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2016. p. 70.

COSTA, S. M. M.; SANTOS, N. B. Mobilização social e princípios de envelhecimento ativo como estratégias de redução de vulnerabilidades das pessoas idosas. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 20, n. 3, p. 33-39, jul./set. 2018.

COSTA, S. M. M.; SANTOS, N. B. Redução de vulnerabilidades, mobilização social e envelhecimento ativo. In: ENCONTRO MINEIRO SOBRE ENVELHECIMENTO E RISCO SOCIAL, 1., 2016, Viçosa. **Anais [...]**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2016.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.

DICIONÁRIO Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Versão online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>.

DURÁN, P. R. F, GERSCHMAN, S. Desafios da participação social nos conselhos de saúde. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 884-896, 2014.

DURÃO, A. V.; MOROSINI, M. V.; CARVALHO, V. Os agentes comunitários de saúde e o conceito de comunidade na configuração de sua qualificação. In: VIEIRA, M.; DURÃO, A. V.; LOPES, M. R. (org). **Para além da comunidade: trabalho e qualificação dos agentes comunitários de saúde.** Rio de Janeiro: EPSJV, 2011. p. 119.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOHN, M. G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação,** Porto, n. 1, 2014. Disponível em: https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. p. 15-53.

Há relação entre design e envelhecimento? **Blog Longeva Idade,** Rio de Janeiro, 27 nov. 2013. Disponível em: <https://longeva-idade.blogspot.com/2013/11/ha-relacao-entre-design-e-envelhecimento.html>.

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010:** população residente, por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação em 2000 e 2010. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios:** síntese de indicadores 2011. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil - 2017:** breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

JOHNSON, S. **Emergência:** a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

KALACHE, A.; KICKBUSCH, I. A global strategy for healthy ageing. **World Health,** v. 50, n. 4, p. 4-5, 1997.

KARNAL, L. **O dilema do porco-espinho**: como encarar a solidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

LENOIR, R. Objeto sociológico e problema social. In: MERLLIÉ, D. et al. **Iniciação à Prática sociológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAFRA, S. Discurso de Abertura. In: ENCONTRO MINEIRO SOBRE ENVELHECIMENTO E RISCO SOCIAL, 1., 2016, Viçosa. **Anais [...]**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2016.

MAFRA, S. **Envelhecimento, vulnerabilidade e risco social**. Brasília, DF, 2017. Apresentação em Power Point realizada na Oficina Políticas de Comunidades e Cidades Amigas do Idoso como caminhos para o Envelhecimento Ativo, promovida pelo Ministério do Desenvolvimento Social, em 7 e 8 de agosto de 2017.

MAFRA, S. (org). **Faces do envelhecimento**: como é envelhecer em Viçosa. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2014.

MARTINS, S. **Fundamentos e ações para o envelhecimento ativo**: o caso de uma comunidade mineira. Brasília, DF, 2017. Apresentação em Power Point realizada na Oficina Políticas de Comunidades e Cidades Amigas do Idoso como caminhos para o Envelhecimento Ativo, promovida pelo Ministério do Desenvolvimento Social, em 7 e 8 de agosto de 2017.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, E. N. **Atenção à saúde do idoso**: aspectos conceituais. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2012. Disponível em: http://subpav.org/download/prot/atencao_a_saude_do_idoso_apectos_conceituais.pdf.

MUNICÍPIO mineiro é o primeiro a aderir à estratégia Brasil amigo da pessoa idosa. **Secretaria Especial do Desenvolvimento Social**, Brasília, DF, 5 abr. 2018. Seção Notícias. Disponível em: <http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2018/abril/municipio-mineiro-e-o-primeiro-a-aderir-a-estrategia-brasil-amigo-da-pessoa-idosa>.

MUSSOI, E. M.; FLORES, M. L. P.; BEHAR, P. A. Comunidades virtuais: um novo espaço de aprendizagem. In: CICLO PALESTRAS SOBRE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 10., 2007. Porto Alegre. [Artigo], 2007. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8aeunice.pdf>.

NAVARRO, F. M.; NARCON, S. S. Convivência familiar e independência para atividades de vida diária entre idosos de um centro dia. **Cogitare Enf.**, v. 11, n. 3, p. 211-217, 2006.

NERI, Anita Liberalesso & Jorge, Mariana Dias. Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. **Estudos de Psicologia I Campinas** I 23(2) I 127-137 I abril - junho 2006

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Carta de Ottawa. In: **CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE**, 1.,1986, Ottawa.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia global**: cidade amiga do idoso. Genebra: OMS, 2008.

_____. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. OMS, 2015. **Sumário Executivo**. OMS, 2015.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. Brasília, DF: OPAS, 2005.

PAIVA, P. T. A.; WAJNMAN, S. Das causas às consequências econômicas da transição demográfica no Brasil. **Rev. Bras. Estud. Popul.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 303-322, jul./dez. 2005.

PAIVA, R. (org). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Prefácio Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PAIVA, R. **O Espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Prefácio do Gianni Vattimo. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003.

PARKER, R. Interseções entre estigma, preconceito e discriminação na saúde pública mundial. In: MONTEIRO, S.; VILLELA, W. (org.). **Estigma e Saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2013.

PINA, F. S. A. **Design, extensão universitária e empreendedorismo sênior**: propostas de novos caminhos para os maiores de 50 na universidade. 2019. 218f. Tese (Doutorado em Design) – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

RIOS-NETO, E. L. G. Questões emergentes na análise demográfica: o caso brasileiro. **Rev. Bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 371-408, jul./dez. 2005.

RO, C. Por que tantas pessoas se distanciam de suas famílias? **BBC News**, 26 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-48157656>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

RODRIGUEZ, J. A. de Francisco.; SANTOS, N. B. Interação cognitiva e inteligência colaborativa em rede. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT, 2010.

RODRIGUEZ, J. A.; SANTOS, N. B. Multibuição: interação e colaboração em pesquisas em rede. **RECIIS, Rev. Eletronica Comun., Inf. Inov. Saúde.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 30-39, Mar. 2011.

ROSA, M. C. S; JORDÃO, S. N.; DAMAZIO, V. M. M. Envelhecimento ativo: novas perspectivas e oportunidades para o campo do design emocional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 11., 2014, Gramado. **Anais [...]**. **Blucher Design Proceedings**, São Paulo, v. 1, n. 4, 2014.

SANTOS, N. B. **A ciência da informação e o paradigma holográfico**: a utopia de Vannevar Bush. 2005. 185f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, N. B. **E também lhes ensinem a ler...** a experiência da Cruzada Nacional de Alfabetização da Nicarágua. 2. ed. atual. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições; 2016.

SANTOS, N. B. Comunidades virtuais e popularização da saúde. In: REUNIÓN DE LA RED DE POPULARIZACIÓN DE LA CIENCIA Y LA TECNOLOGÍA EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, 10.; TALLER “CIENCIA, COMUNICACIÓN Y SOCIEDAD”, 4., 2007, San José, Costa Rica, **Anais** [...]. RedPOP, 2007.

SANTOS, N. B. Novas tecnologias: do partido centralizado às redes da sociedade civil e comunidades virtuais. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 54-62, 2008.

SANTOS, N. B.; COSTA, S. M. M. Educação e trabalho do agente comunitário de saúde diante do envelhecimento populacional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA. 12., 2016, Mato Grosso do Sul. [Resumo]. **Revista Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, 2016. Suplemento.

SANTOS, N. B.; COSTA, S. M. M.; GOMES, L. Envelhecendo em comunidade: promoção da saúde na terceira idade em época da internet. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 7., Brasília, DF. **Anais** [...]. Brasília, DF: ESOCITE.BR, 2017. GT 28 - Tecnologias sociais na saúde, participação e emancipação social.

SOUZA, J.; KANTORSKI, L; LUIS, M. A. V. Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental. **Rev. Baiana de Enferm.**, Salvador, v. 25, n. 2, p. 221-228, maio/ago. 2011.

SOUSA, M. N. A. et al. Lazer e qualidade de vida na terceira idade: percepção dos idosos de um centro de convivência campinense. **Qualit@s**, Campina Grande, PB, v. 9, n. 1, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Programa de Extensão Interdisciplinar. **Relatório**: ações para o envelhecimento ativo. Minas Gerais: UFV, 2015.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 539-548, out./dez. 2012.

VERAS, R. A urgente e imperiosa modificação no cuidado à saúde da pessoa idosa. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 5-6, 2015.

VIEIRA, M.; DURÃO, A. V.; LOPES, M. R. (org). **Para além da comunidade:** trabalho e qualificação dos agentes comunitários de saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2011.

VIGNA, A. Rio, recordista de tuberculose em tempos olímpicos. **Publica**, São Paulo, 12 maio 2016. Disponível em: <http://apublica.org/2016/05/rio-recordista-de-tuberculose-em-tempos-olimpicos>. Acesso em: 7 ago. 2017.

WICHMANN, F. M. A. et al. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 821-832, 2013.

ANEXOS

Anexo I

Mensagens de celebração do aumento de membros da comunidade

Além da fala dos membros da comunidade, os criadores também se manifestaram ao longo da pesquisa, mantendo uma moderação não intervencionista, com o intuito de envolver alguma forma de organização em momentos marcantes como na passagem do número de membros para um patamar mais alto.

Mensagem dos moderadores no marco dos 1.000 membros

Dia 9 de janeiro de 2017

Hoje temos uma razão para celebrar. Este grupo alcançou a marca de 1.000 membros. Agora à noite já ultrapassou.

Quando o Nilton Bahlis dos Santos e eu criamos o grupo, imaginávamos que cresceria. Mas não tanto. Em quatro meses - de 12 de setembro de 2016 até hoje 9 de janeiro de 2017 - mais de mil pessoas se interessaram em fazer parte do grupo para compartilhar tudo o que desejam sobre envelhecimento.

SOMOS UMA COMUNIDADE VIRTUAL!!!!!! Bem vindos todos. Idosos ou não, por que pensar o envelhecimento vem de quando somos pequenos.

Mensagem dos moderadores no marco dos 5.000 membros

Domingo, 29 de janeiro de 2017

Somos 5.000 em nossa comunidade. Somos já, e logo seremos mais...

Quando criamos o grupo não esperávamos que chegasse a esse número. Tínhamos uma ideia do que poderia significar uma comunidade na Internet para um envelhecimento mais sadio. Em outras pesquisas tínhamos verificado que a qualidade de vida na velhice não poderia ser obtida

através de medicamentos e serviços médicos e do governo, nem por “tecnologia” e principalmente por “soluções mágicas”...

Sabíamos que um problema fundamental do envelhecimento é quando o “velho” é afastado primeiro do mercado do trabalho. Depois ele passa a ser um transtorno, uma preocupação para a família e por mais que esteja junto com ela, os seus problemas não são mais os mesmos de seus familiares, os assuntos, os problemas etc., por que ele não participa mais da vida da família. Na melhor das possibilidades, ele ajudará a cuidar da prole, se transformando, pelo menos isso, em um apoio. Mas até as crianças crescerem. E isso faz mal, muito mal para a saúde...

Criamos o grupo pensando em um projeto piloto, talvez 1.000 ou 1.500 membros, para estudar e aprender como usar comunidades virtuais para a promoção da saúde e a felicidade da 3ª Idade.

Em 12 de setembro, criamos o grupo Envelhecimento em Comunidade. Uma ideia, quase uma proposta: “porque não envelhecer em comunidade?”. Pensamos que, criando um espaço de experiências e problemas similares, poderíamos experimentar envelhecer em comunidade.

Inicialmente foi lento, depois mais rápido, o grupo foi crescendo. Em 9 de janeiro, quatro meses depois, comemoramos o 1.000º membro. O crescimento era espantoso para nós. E a média era de 250 pessoas por mês, sem nenhum tipo de promoção ou propaganda.

Por um lado isto nos alegrava, por outro nos soava como um alerta. Com esse crescimento era natural o aumento da diversidade, das diferenças: apareceriam contradições. Será que o grupo conseguiria conviver com elas?

Não havia como parar isso. Tínhamos que apostar que sim.

Apareceram as contradições em inúmeras questões. Chegamos a presenciar alguns conflitos mais abertos. Mas o próprio grupo participou desses conflitos, opinando e contribuindo e pouco a pouco as conversas se transformaram em um processo normal de troca de opiniões e experiências. Sem que os administradores tenham se manifestado.

De lá para cá o grupo se ampliou e aceleraram os pedidos de acesso. Hoje chegamos ao 5.000º membro e tivemos de comemorar rápido antes de chegarmos a 6.000.

Entre 9 e 29 de janeiro entraram 4.000 novos membros para envelhecer conosco. 200 novos membros a cada dia...

Agora já podemos dizer que temos uma comunidade onde envelhecer em Comum+Idade. Com os mesmos problemas que nós, com experiências diversas que podem nos enriquecer e até permitir organizarmos atividades comemorativas.

Temos agora que aprender juntos como transformá-la em algo produtivo e alegre em nossa vida.

Mensagem dos moderadores no marco dos 10.000 membros

19 de fevereiro 2017

VOCÊS TÊM 10 MIL AMIGOS!!!!!!!!!!!!!!

Esta já é uma comunidade de 10 mil membros.

Agora, com 10 mil membros, sabemos que uma característica forte do grupo é querer ver os outros bem, com palavras para consolo da tristeza e incentivos a todos.

Muito tem ocorrido aqui.

Já aconteceu o primeiro encontro presencial deste grupo virtual. Foi no Rio de Janeiro, com uma surpresa positiva: o número de participantes superou as expectativas, foi agradável, todos sentiram como se já se conhecessem faz tempo, a vontade de estar junto trouxe ideias para novos encontros. Um picnic, passeio à beira-mar, viagens curtas no estado. A repercussão no grupo virtual animou o pessoal de São Paulo que já tem data marcada para o encontro e também de outros estados. Estão sendo organizados encontros e viagens em vários locais do país.

Isso é importante, mas isso é apenas uma parte do que está acontecendo.

Apenas há 20 dias (29 de janeiro) celebramos a chegada aos 5.000 membros. Hoje esse número está dobrado, o que mostra que desde então crescemos em média 250 novos membros por dia. Mais importante ainda é a participação intensa de pessoas postando mensagens em que brincam,

se apresentam ou em que compartilham experiências e fatos de suas vidas e comentam e discutem as experiências e reflexões dos outros.

Alguns exemplos: uma amiga foi aprovada no vestibular de psicologia aos 56 anos. Outra acabou de se formar em pedagogia aos 51. Uma moradora de Cabo Verde mostra as belezas do lugar. Surgiram dois desafios de fotografias nesse período. Incluindo o desafio do chapéu com poses de várias pessoas com seus chapéus. E o Desafio do tempo (ou da idade). Temos trocado experiências sobre situações relevantes e que nos emocionam: Uma mãe de um filho especial que cuida dele sozinha; uma amiga com Doença de Crohn; outra que é cadeirante devido a sequelas de um AVC. Experiências que pedem nossa solidariedade e palavras de conforto mas que significam também experiências que se incorporam a nós, nos ajudando no enfrentamento de cada um de nossos problemas.

Além disso, tem se falado muito sobre problemas mais gerais como soluções de moradia na velhice, república e cohousing, alimentação, cuidados, e se continuou a falar sobre solidão e cabelos grisalhos, problemas que exigem enfrentamento de cada um de nós e do aprendizado coletivo ... ao envelhecer em comunidade.

... e aparentemente seremos mais. Muitos mais...

Mensagem dos moderadores no marco dos 20.000 membros

16 de março 2017

Somos 20.000 Envelhecendo em Comunidade com Diversidade e Interação.

Nossa comunidade já tem 20.000 membros e muita diversidade e interação. Natural que se comece a discutir como melhorá-la.

Algumas vezes tem sido colocado por algumas pessoas que o grupo deveria ser apenas de mulheres, que deveriam ser feitas restrições por idade (alguns dizem que seus membros deveriam ser maiores de 50, outros de 60), limitado por nacionalidade, por classe ou posição política; outros acham que o grupo não deveria aceitar pessoas sem camisa, de sunga ou biquíni, alguns acham que deveria ser mais sério, outros que deveria mais alegre, outros que deveria se centrar na organização de encontros ou viagens etc.

Mas como poderíamos definir uma idade limite (porque 50 ou 60 e não 40)? Porque restringirmos a um limite de convivência e restrições que nos dividem quando temos algo em comum: percebemos que podemos envelhecer em comunidade. Na Internet existem centenas ou milhares de grupos que tratam da “terceira idade”, para propor políticas públicas, grupos de “encontros” e namoros, grupos para organizar festas, grupos de apoio; para viajar, para cursos, para saúde, entre outros grupos com os mais variados objetivos.

Este grupo não se propôs a ser mais um desses grupos especializados. O objetivo de nosso grupo é envelhecer em comunidade. Isso porque consideramos que o maior problema do envelhecimento é que, em geral, ele vem junto com o isolamento e a perda de autonomia e de liberdade. E que isto faz mal, inclusive para a saúde. O isolamento acontece quando nossos amigos passam a cuidar de seus problemas particulares, quando nos aposentamos ou reduzimos nosso ritmo de trabalho, ou quando nossos filhos crescem, começam a organizar suas vidas, suas famílias e a pegar seus caminhos e seus problemas deixam de ser os nossos; porque estão tão ocupados em conquistar seu próprio espaço no mundo que vamos ficando “de lado”.

E mesmo quando queremos nos preocupar com os problemas deles, isto é dificultado porque deixamos de estar em seu dia a dia. E vamos nos isolando e num certo sentido até nos transformando em um “estorvo” em função do ritmo, da velocidade e das opções que vão sendo feitas no cotidiano. E o isolamento começa a se refletir em desânimo, perda de confiança, depressão, ansiedade, o que acaba minando nossa saúde.

Por isso optamos por envelhecer em comunidade. Comunidade que tem pessoas com problemas comuns ainda que tenham vivências e histórias diferentes. E percebemos por isso que mais do que diferenças de gênero, sexo, raça, cor, estilo de vida ou modo de vestir, temos um tema em comum: os problemas, as questões, as vivências, os anseios e desejos e as experiências do envelhecer.

Este é o critério que temos de usar para definir os limites de nossa comunidade. Não importa a idade, ou gênero, as particularidades de cada um de nossos membros. O que importa aqui é que queremos interromper nosso processo de isolamento, que podemos refletir com pessoas como nós, sobre nossos problemas, sobre como vivemos nosso envelhecimento e ter contato com outras experiências conversando como nossos amigos, desenvolvendo atividades variadas,

sabendo como nossos amigos vivem, como resolvem seus desejos e anseios, como podemos viver melhor, com mais saúde e com mais alegria.

Alguns esclarecimentos sobre a moderação.

Publicações têm sido denunciadas porque as pessoas estão sem camisa, porque não têm foto em seu perfil e outras razões. Mas os moderadores só podem excluir comentários que fogem às premissas do grupo. Evidentemente em uma comunidade desse tamanho (como em muitas menores), existem pessoas de má fé, que têm interesses que não são os do grupo, aproveitadores etc. Mas jamais saberemos isso em função de idade, sexo, pela maneira de vestir ou pelo perfil... Isso pode nos suscitar suspeitas, mas não podemos embarcar em pré-conceitos. O critério da moderação só pode ser “ações”: o que se expressa nos comportamentos e postagens. Aí é que podemos ver ou não posturas oportunistas, predatórias etc., que atentem contra a moral do grupo, que denunciem posturas de assédio, golpes, interesses comerciais. É nisso que a moderação atua; primeiro retirando posts e em função da gravidade dos atos ou de sua repetição e insistência, banindo os que a fazem no grupo.

Nisso pedimos ajuda aos membros da nossa comunidade. Denunciem as AÇÕES não as possíveis intenções... Além do mais tenham a mesma atenção e cuidado que têm quando andam na rua, quando vão a uma festa ou evento. Contamos com essa comunidade para reduzir esses “riscos” que são os riscos de viver (de todos e dos idosos em particular); e todos nessa comunidade podem também usar sua experiência para isso. Você não sai à rua ou vai a um restaurante ou a uma festa, a um clube, com o número de celular, informações de sua casa, de seu banco em um cartaz no peito, nem sai falando tudo e informando coisas para alguém que encontra por aí, por mais simpático que esse alguém possa parece.

Este grupo tem resolvido seus problemas fazendo comentários e se posicionando. Esperamos seguir assim!

Mensagem dos moderadores no marco dos 30.000 membros

9 de abril 2017

Somos 30.000 Envelhecendo em Comunidade.

Tamanho de um município!

Já somos 30.000 membros Envelhecendo em Comunidade, o que ultrapassa a população de uma cidade como Búzios, por exemplo. É natural que nossa comunidade ganhe complexidade e que surjam e se manifestem atividades, opiniões e experiências muito diversas. Sem problemas. Se forem experiências e reflexões sobre como envelhecermos juntos, quanto mais experiências e reflexões, melhor.

Em alguns momentos, as discussões se acirram e em outros momentos os ânimos se alteram e se manifestam de maneira agressiva. Fato natural também em uma sociedade onde as diferenças não são respeitadas e onde falta o hábito de conviver com diferenças. Mas aos poucos a comunidade vai mostrando que podemos expor suas diferenças e discuti-las, sem nos insultar uns aos outros e sem manifestações de ódio, assim aprendendo com a experiência de todos, cada um com sua especificidade.

Mas como em qualquer cidade do porte de Búzios, começamos a necessitar definir melhor as coisas, deixar mais claras nossas regras, criar espaços diversos que não dividam, mas permitam articular interesses de nossos membros para fazer, não apenas para conversar.

A criação de articulação e grupos para organizar os eventos, passeios e encontros começa a aparecer naturalmente. As pessoas se articulam nas diferentes regiões e já temos o Grupo Rio Envelhecendo em Comunidade para facilitar a incorporação dos que moram no Rio. Esta experiência, por sua vez, estimula e cria experiência para ajudarmos as pessoas de outras regiões a se organizarem.

Este é apenas o momento inicial. Mas porque não articular e organizar, dentro da nossa comunidade, os artesãos, os que fazem atividades artísticas, os que gostam de ler, os que querem promover sua saúde, os que gostam de preparar comidas saudáveis e deliciosas, os que ainda buscam trabalho, para fazermos coisas juntos? Estamos entrando nessa fase e nosso crescimento ganhará qualidade.

Mensagem dos moderadores no marco dos 40.000 membros

30 de abril 2017

SOMOS 40.000. SOMOS DO TAMANHO DE SANTA RITA DE SAPUCAÍ. AGORA TEMOS AMIGOS PARA TROCAR EXPERIÊNCIAS E VIVER EM COMUNIDADE

TEMOS UMA COMUNIDADE SUFICIENTEMENTE GRANDE PARA TROCAR EXPERIÊNCIAS, SELAR NOSSA SOLIDARIEDADE E CONVIVER... AGORA TEMOS DE APRIMORÁ-LA...

Quando foi criado o grupo Envelhecimento em Comunidade de Envelhecimento, em setembro de 2016, não esperávamos que ele crescesse tão rápido (hoje entre 400 e 500 pessoas, por dia, aderem à nossa comunidade). Partimos da hipótese de que o grande problema do envelhecimento era o isolamento e a solidão. Isso porque as estruturas sociais das quais sempre participamos (família, trabalho e círculos de amizade), na dinâmica de um mundo complexo que muda a uma velocidade louca, não respondiam mais às necessidades que o envelhecimento trazia. E poderíamos enfrentar esse problema, com consequências inclusive em nossa saúde, criando uma comunidade para aprender e melhor envelhecer juntos.

Quando o grupo começou a crescer, vimos que tínhamos, os moderadores, de fazer uma opção entre tentar organizá-lo ou permitir que ele crescesse. Percebemos que se interviéssemos mais, terminaríamos por tolher a iniciativa das pessoas e interromperíamos o crescimento. Resolvemos apostar que em seu crescimento, os próprios membros do grupo acabariam por assumir a responsabilidade de mantê-lo e melhorá-lo.

A primeira descoberta que o grupo teve foi a solidariedade, o apoio que encontramos quando expomos nossos problemas, nossas experiências e nossas angústias. Foi isso que fez com que ele crescesse e começasse a compor sua identidade. Nos últimos dois meses os membros de nosso grupo buscaram descobrir sua identidade. Discutimos e pouco a pouco a pouco foi se consolidando a opinião de que o importante é que as discussões e debates tenham relação com a experiência do envelhecimento e que não deveriam haver restrições por idade, nacionalidade, cor, classe social etc. O importante é nossa particularidade: (1) assumimos consciência dos problemas do envelhecimento e queremos vivê-lo da melhor maneira; (2) discutimos e descobrimos que apesar de termos em comum o envelhecimento, somos diferentes e se quisermos viver em comunidades e não em seitas e pequenos grupos, temos de aprender a conviver com essas diferenças sem nos destruirmos e nos ofendemos uns aos outros: que podemos aprender com a experiências e opiniões de quem pensa diferente de nós. Para que isso aconteça temos que combater a intransigência que existe em cada um de nós; (3) mais

recentemente as conversas ganharam mais consistência, com as pessoas colocando suas experiências e inquietudes e pensando em comunidade como melhor conviver com o envelhecimento; (4) que podemos organizar atividades em comum, inclusive presenciais, como acontece com o Rio e se ensaia em vários outros lugares.

Esse processo de conformação da identidade do grupo ainda está em curso, e devemos continuá-lo. Precisamos descobrir e criar formas de organização como aconteceu com a criação do grupo do Rio e começa em outros lugares, mas também criando formas de viver, conviver e desenvolver ações que melhorem nosso envelhecimento.

Mensagem dos moderadores no marco dos 50.000 membros

27/05/2017

Somos 50.000! E agora?

Agora entramos em uma nova fase. Precisamos fazer mais coisas juntos. Os encontros, os passeios, as viagens, as atividades voluntárias para apoiar instituições e ajudar outros idosos em situação de vulnerabilidade a melhorar as suas vidas e assumir maior consciência dos problemas do envelhecimento foram apenas o início.

Somos agora 50.000 envelhecendo em comunidade. Até aqui crescer era o mais importante: criar uma comunidade grande capaz de reunir e trocar experiências de envelhecimento as mais diversificadas. No caminho começamos a desenhar nossa identidade. Definir que o que nos une não é a idade, o sexo, a nacionalidade, a cor, a religião, nossas crenças, visão de mundo ou opções políticas. O que nos une é o fato de envelhecermos e de quisermos envelhecer em comunidade. Descobrir que não estamos sozinhos, que podemos nos divertir coletivamente, desabafar, construir relacionamentos, deixar de sentir solidão e a sensação de abandono ao percebermos que nossos problemas não são apenas nossos, que temos uma comunidade à qual podemos recorrer. Crescer era quase um meio de defesa, para aumentar nossa diversidade e, ao mesmo tempo, criar um lastro para impedir que nossas diferenças nos separassem.

Já somos suficientemente grandes para evitar que isso aconteça. Começamos a aprender a lidar com essas diferenças, aprender que podemos ganhar com elas, em experiência e descobrir novas possibilidades para viver melhor.

Temos agora que organizar nossa comunidade. Nos divertindo, trocando experiências e desenvolvendo nossa solidariedade como até aqui, mas criando também a possibilidade de aprender e fazer coisas juntos; manter e ampliar os encontros e passeios, mas também organizar exposições coletivas de nossos artistas e fotógrafos, reunir os artesãos, trocando serviços entre nós, estudando e aprendendo juntos, conversando e aprendendo a promover nossa saúde.

E faremos isso como fizemos até aqui. Não como resultado da ação de administradores e moderadores, mas através do comprometimento e da ação de cada um de nós.

Mensagem dos moderadores no marco dos 60.000 membros

Junho 2017

Somos 60 mil vivendo o envelhecimento em comunidade; 60.000 olhares e experiências diferentes para aprender: desafios da moderação.

Conviver com diferenças não é fácil. Estamos acostumados a viver em pequenos grupos de iguais, ou pelo menos de muito parecidos. Em geral, são cerca de algumas dezenas de pessoas, da família ao pessoal do trabalho ou escola, a turma do bairro, esporte ou do clube, com problemas, atividades e necessidades muito específicas. Nesses grupos aprendemos a conviver e a enfrentar ou, pelo menos, ficar à margem dos diferentes: a coesão de grupos se dá muito para resguardar sua identidade e rejeitar a diferença.

Quando as pessoas acorreram ao nosso grupo Envelhecimento em Comunidade, foi justamente porque esses agrupamentos se dissolvem com o tempo, e, quando sobrevivem, começam a não ser mais suficientes para responder às necessidades dos *envelhescentes*. Participar desta comunidade de envelhecimento era uma alternativa ao isolamento e à solidão.

Quando o grupo começou a crescer, começaram a ficar claras as diferenças e quando elas apareceram, para não perder a oportunidade de viver em comunidade, surgiu uma tendência a querer “fechar” o grupo por idade ou sexo, rejeitar “estrangeiros”, restringir-se a determinados temas, posturas, condições sociais, grau de escolaridade, educação etc.

A administração do grupo resistiu porque via uma oportunidade ímpar para nosso envelhecimento, o fato de termos uma comunidade com milhares de pessoas diferentes dispostas a envelhecer juntas. Existem centenas de grupos de terceira idade para trocar receitas de saúde e alimentação, de encontros e namoros, para exercícios físicos, emprego, para discutir e trabalhar particularidades de *envelhecidas*. Mas este era o único que reunia todos estes temas e experiências que pudessem ser trocadas, experimentadas, apoiadas, não impondo e obrigando a viver de uma determinada maneira, mas enriquecendo o envelhecimento decidido e vivido de cada um.

Para preservar esta oportunidade, a administração do grupo não entra nas discussões e polêmicas dos membros, para afirmar, excluir e banir opiniões e pessoas. O que a administração procura é apenas garantir que o grupo não exceda os limites de convivência mínimos que temos em sociedade e que garantam os objetivos e a estabilidade do grupo. Regras para exclusão de postagens:

- Comerciais e vendas feitas por pessoas que querem usar o grupo como balcão de negócios;
- Propaganda política ou religiosa, de partidos e igrejas;
- Atitudes preconceituosas contra as chamadas minorias (sexuais, raciais, étnicas etc.) que configuram racismo, chauvinismo etc.
- Assédio moral, agressões e incentivo ao ódio como solução para resolver diferenças;
- Pornografia e promoção de prostituição. Aqui esclarecemos que temos consciência de que erotismo e sexo são questões que dizem respeito à terceira idade e que não proibimos mais do que os veículos de comunicação censuram.

Por último temos a preocupação em manter e defender a “biodiversidade” do grupo e de suas atividades. Quando um tema começa a centralizar demais as atenções do grupo e criar uma espécie de monocultura e não deixar que outras vivências e debates ganhem a luz, intervimos no sentido de reduzi-lo para que isso não aconteça.

Não houve marco dos 70.000 membros

Mensagem dos moderadores no marco dos 80.000 membros

3 de setembro de 2017

Nossa comunidade já tem 80.000 membros e continua crescendo.

Quando criamos esta comunidade, nossa expectativa era chegar aos 2.000 membros como a maior parte dos grandes grupos do Facebook. Com muito sucesso esperávamos chegar a 5.000 membros.

Nossas pesquisas com envelhecimento nos diziam que a questão do isolamento era o problema da terceira idade e a criação da comunidade poderia ser um caminho para reduzir este isolamento e aumentar nossa autonomia e com isto reduzir tensões, melhorar a qualidade vida e desta forma melhorar e promover a saúde (ver descrição da comunidade em: <https://www.facebook.com/groups/1764220020525286/about/>)

Esta ideia foi entendida por um grupo grande de pessoas e o grupo começou a crescer a uma velocidade de cerca de 10.000 pessoas em média por mês.

Mas o crescimento começou a gerar os primeiros problemas. Se todos queriam viver em comunidade, cada um queria a comunidade à sua imagem e semelhança. Estamos muito acostumados a viver em pequenos grupos de iguais. O ser humano é gregário por natureza. Busca companhia e prefere convergência ao invés de divergência. Se aglutina em grupos familiares, do emprego, da escola, o time de futebol, o partido, a igreja, que se fecham em si mesmos e hostilizam os diferentes. Isso era possível quando não tínhamos a informação que temos hoje, com as redes sociais onde tudo se sabe e onde a diferença é uma constante.

Conhecemos a guerra que existe entre partidos, entre raças, entre classes, entre igrejas e até entre grupos de torcedores de futebol. É a maneira de tentar recuperar a identidade e a dúvida que acontece quando vemos diferentes.

Estas diferenças começaram a aparecer em nosso grupo. E de uma forma que muitas vezes se desdobrou em insulto, ódio e ofensa. Como acontece em todo o lado nesta sociedade em que vivemos hoje.

Alguns começaram a pedir que os administradores expulsassem aqueles com quem não concordavam, de todos os lados. Mas os administradores se negaram a fazer isso. Como poderíamos fazer isso? Expulsar aqueles que tinham opiniões com as quais não concordávamos? Manter só os que pensam igual a nós?

Isso seria abrir mão da ideia de criar uma comunidade de *envelhecetes* e criarmos mais uma espécie de “seita”. Julgamos que não, julgamos que deveríamos apostar na possibilidade de viver, colaborar e aprender entre diferentes, de forma respeitosa.

E apostamos que no grupo podemos juntos aprender, colaborar e conviver com diferentes. Existem várias formas de conviver entre diferentes.

Se formos respeitosos uns com os outros, podemos entender as diferentes opiniões e descobriremos que todos têm suas razões e algo para nos ensinar. Ainda que divergindo. Se uma discussão não nos interessa ou achamos que não leva a nada, podemos passar por ela e ir em frente, como já disseram alguns. Se achamos que alguém diz coisas que não nos interessa ou que nos afetam, podemos simplesmente bloqueá-lo e o que ele fala desaparecerá para nós e podemos nos concentrar e viver na comunidade aquilo que nos interessa.

Temos colocado a visão dos moderadores sobre esse problema. Mas nosso grupo é muito grande. São mais do que 10.000 posts e comentários diários. Ninguém vê tudo, nem os administradores vêem tudo o que acontece no grupo. Só é possível ver o que é denunciado (clicando do lado direito do post no “V” em cima e depois em denunciar aos moderadores). No mais podem ver ou não ver o que acontece.

Um dos problemas que ocorrem é que é muito difícil as pessoas acompanharem tudo que acontece no grupo. O facebook administra as postagens enviando para cada um determinados posts que ele acha que nos interessam, por exemplo, para aquelas pessoas com quem conversamos ou que curtimos e desprezam aqueles posts que acha que não nos interessam.

O resultado é que se participamos de uma discussão/briga por não concordarmos com o post, o Facebook entenderá isso como sendo de nosso interesse e nos apresentará só estes assuntos e pessoas com quem discutimos/brigamos. Além disso, o crescimento do grupo faz com que as pessoas novas não conheçam as regras e a história do grupo. E temos cerca de 10.000 pessoas novas a cada mês.

Dito tudo isso, podemos dizer que sim, os administradores vêem o que acontece no grupo. Mas acham que isso não se resolve com punição e expulsão. Isso se resolve nos educando uns aos outros e deixando mais acessíveis as informações.

Nisto estamos. Tentando esclarecer e conversar com o grupo e trabalhando em como podemos aumentar a informação do grupo. Em breve apresentaremos aqui para discutirmos.

ANEXO II

Reprodução do relatório sobre o desenvolvimento da roda de conversa sobre longevidade realizada na 1ª Conferência de Promoção da Saúde da Fiocruz, em 2 de julho de 2019, pela Assessoria de Promoção da Saúde da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde, da Fiocruz.

RELATORIA – Roda de Conversa sobre Longevidade 1ª Conferência de Promoção da Saúde da Fiocruz

Data: 15/07/2019

PARTICIPANTES DA ATIVIDADE:

Mediação

Silvia M. M. Costa

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS) do IOC; pesquisadora do Núcleo de Experimentação de Tecnologia Interativa (Next)/Fiocruz; ex-diretora executiva do Centro Internacional de Longevidade Brasil (2012-2016) e ex-diretora do Departamento de Atenção ao Idoso do Ministério do Desenvolvimento Social (2017-2018) [atual Ministério da Cidadania]

Convidados

Prof. Dr. Nilton Bahlis dos Santos, grupo “Envelhecimento em Comunidade”

Coordenador do Núcleo de Experimentação de Tecnologia Interativa (Next)/Fiocruz e do Grupo de Pesquisa "Tecnologias, Culturas e Práticas Interativas e Inovação em Saúde" da ENSP/Fiocruz e CNPq; pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública - ENSP/Fiocruz; professor permanente do PPGICS/ICICT e professor colaborador do PPGEBS/IOC”. Criador e moderador da comunidade virtual de idosos “Envelhecimento em Comunidade”, uma experimentação de pesquisa sobre a promoção da saúde na velhice.

Prof. Dr. Jorge Ricardo S. L. Costa, espaços de vida dos idosos

Arquiteto e Urbanista, doutor em Psicologia Social, professor da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI)/UERJ, mestre em Memória Social e Documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, ex-coordenador do Núcleo de Cinema Irmãos Segreto, especializado em Arquitetura e Cidades. Coordenador do projeto ‘A moradia e a cidade na vida do idoso’, na UnATI, onde promove cursos, oficinas, visitas guiadas e palestras.

Prof. Dra. Vera Damazio, ação universitária para a longevidade

Professora do programa de pós-graduação em Design da PUC-Rio e coordenadora do programa PUC-RIO mais de 50. Pioneira na produção de espaços para ação e reflexão sobre longevidade. Desde 2012 à frente de iniciativas voltadas às pessoas acima de 50 anos, Vera associa design

emocional e longevidade a pesquisas, cursos, programas de extensão e eventos, inclusive com universidades parceiras internacionais, e inclui a longevidade nas disciplinas de seus cursos.

Prof. Dra. Carlota Esteves, ativismo pela longevidade

Diretora da ONG Movimento Longevidade Brasil, engenheira aposentada da CBTU. Como empreendedora social, Carlota vem realizando ações com a participação de pessoas idosas em vários temas da longevidade, com o apoio de organizações e da iniciativa privada.

Dra. Maria José Ponciano, defesa de direitos dos idosos

Psicóloga, especialista em Gerontologia titulada pela SBGG; presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa; coordenadora do Fórum Estadual de Políticas para Pessoas Idosas (ForumpneiRJ); Secretária Geral do Fórum Nacional da Sociedade Civil pelos Direitos da Pessoa Idosa. Envolvida em movimentos sociais nacionais, Maria atua na defesa dos direitos das pessoas idosas em diversas áreas do envelhecimento.

Prof. Dra. Fernanda Pina, acesso de idosos à vida acadêmica

Idealizadora do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior (PICT-Sênior) da PUC-Rio, uma iniciativa de sucesso para idosos em busca de continuidade da vida ativa. Doutora em Design e Sociedade (PUC-Rio), coordenadora técnica do Programa PUC-Rio mais de 50. A pesquisa de Fernanda se baseia em métodos de design participativo e design *thinking* de serviços de extensão universitária voltados aos maiores de 50 anos. O Programa PICT-Sênior está estruturado nos moldes do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) e pressupõe o recebimento de bolsa de igual valor àquela dos bolsistas PIBIC e PIBITI ou, a critério do professor orientador, a participação voluntária.

RELATO

No dia 2 de julho de 2019, de 13 às 15h, foi realizada a Roda de Conversa sobre Longevidade, intitulada “Pessoas idosas, vida ativa e qualidade do processo de envelhecimento: experiências e práticas”, na Sala de Audiovisual da Estação do Trenzinho da Ciência/Fiocruz - Av. Brasil, 4365 – Manguinhos.

Os organizadores - Silvia M. M. Costa (mestranda); Fernanda Campello Nogueira Ramos (mestranda); e Prof. Dr. Nilton Bahlis dos Santos (orientador) - integram o Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas em Saúde (Next)/Fiocruz e o Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (EBS)/IOC/Fiocruz.

A atividade fez parte da 1ª Conferência de Promoção da Saúde da Fiocruz, realizada em 2 e 3 de julho, com o objetivo de promover conversas sobre iniciativas de promoção da saúde de idosos, que contribuem para a vida saudável, desenvolvimento de habilidades, preservação da capacidade funcional, manutenção da vida ativa e prevenção de perdas em geral.

As pessoas convidadas atuam profissionalmente “com” idosos e não apenas “para” idosos, em uma abordagem de ação coletiva, colaborativa, centrada no sujeito idoso, a partir de suas demandas e das estratégias de encaminhamento por ele definidas.

Esses profissionais criaram e coordenam projetos, programas e ações originadas de preocupações com a qualidade de vida dos idosos em um mundo onde é crescente o número de pessoas idosas e decorrentes desafios.

A realidade brasileira, e global, é de aumento da expectativa de vida e de queda da fecundidade, formando uma transição demográfica constituída por um número cada vez maior de idosos e menor de jovens - em uma sociedade pouco preparada para esse contexto novo, em vista de uma velhice inédita na história da humanidade – até onde nosso conhecimento alcança.

Os convidados da Roda de Conversa contribuem sistematicamente para a preparação da sociedade para o mundo longo, pela oferta de oportunidades para a promoção da saúde dos idosos em atividades baseadas na concepção ampliada de saúde, comprometida com a linha de cuidados que vai da prevenção à reabilitação. No caso das pessoas idosas, as atividades criam situações de preservação de autonomia e independência, de adiamento de fragilidades e de controle de doenças crônicas não-transmissíveis.

Para os organizadores da Roda de Conversa, manutenção ou recuperação da saúde provém do resgate do contato do idoso com o mundo, em muitos casos, reduzido ou perdido. A conexão com a vida como anteriormente vivenciada se mostra elemento de promoção da saúde, conforme indicado por estudos de nosso grupo de pesquisa, o Next/Fiocruz.

PRINCIPAIS ASPECTOS

Os conceitos norteadores da Roda de Conversa foram apresentados, como base do debate a ser estabelecido.

O conceito de Longevidade é associado à duração da vida e conquista da humanidade. A convivência de idosos, vista como provável fator de prevenção do isolamento social e de promoção da saúde – inclusive se realizada na internet – com prioridade para a iniciativa de fala dos idosos. O vínculo entre as pessoas é possibilitado pelas comunidades - tanto como “espaço” físico ou virtual. E os fatores de influência na vida dos idosos ficam expressos no binômio “prevenção-promoção”, para o fortalecimento da convivência dos idosos.

Cada convidado apresentou o trabalho que realiza, na perspectiva da Roda de Conversa e na forma como se realiza em contato com as pessoas idosas.

Carlota Esteves, da ONG Longevidade Brasil, descreveu seu ativismo pela longevidade na mobilização que produz em torno do tema, aglutinando interesses e apoios. Vem realizando dois eventos por ano, um deles no mês do idoso – em outubro. A cada evento, recebe mais adesões e prepara pessoas para a convivência mais consciente com seus familiares idosos.

Maria José Ponciano, psicóloga, atuante no ForumpneiRJ e em iniciativas de defesa de direitos dos idosos. Maria citou Jung sobre a segunda metade da vida ser voltada à relativização do Ego e à experiência com o Self. E a primeira metade da vida dedicada ao desenvolvimento e fortalecimento do Ego. Assim, Maria considera que nossa tarefa na estrada do envelhecimento

é “encontrar, no Self, a totalidade, que ultrapassa a visão do Ego. Aí podemos aprender com a experiência indígena, que na velhice se ocupa das questões da comunidade. Nossa tarefa, então, vem a ser o trabalho com o coletivo, com as causas sociais, com os fóruns, conselhos. A defesa dos direitos da pessoas idosas!”

Vera Damazio, pesquisadora e professora de pós-graduação da PUC-Rio, falou da ação universitária para a qualidade na vida longa, propiciada pelo programa “PUC-Rio mais de 50”, com oferta de cursos, workshops e palestras, e disciplinas curriculares, geradoras de produtos baseados em escuta de idosos pelos alunos, inclusive de seus próprios familiares.

Fernanda Pina, coordenadora do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior (PICT-Sênior)/PUC-Rio, descreveu o acesso de idosos à pesquisa acadêmica proporcionado pelo PICT-Sênior. Ao participarem do Programa, os idosos atuam em colaboração, tornando-se “empreendedores da própria vida”, com um novo caminho pela frente.

Jorge Ricardo S. L. Costa, coordenador do projeto ‘A moradia e a cidade na vida do idoso’, na UnATI/Uerj, falou do interesse dos frequentadores da UnATI em discutir os espaços de vida dos idosos, aprendendo sobre infraestrutura urbana, arredores das residências, características das edificações, acessibilidade e mobilidade. Os idosos desenvolvem sensibilidade para terem um novo olhar sobre seu entorno, por meio de cursos, oficinas, visitas guiadas e palestras.

Nilton Bahlis dos Santos, pesquisador, professor e coordenador do Next/Fiocruz, descreveu a experiência da comunidade virtual de idosos realizada no grupo público do Facebook intitulado “Envelhecimento em Comunidade”. Criado em setembro de 2016, a comunidade cresceu exponencialmente nos dois anos seguintes, ultrapassando a marca dos 120 mil membros e revelando o interesse no tema. Como um “microcosmo” da vida em sociedade, a comunidade cria oportunidades para a promoção da saúde de idosos pela convivência cotidiana e também envolve os conflitos inerentes aos relacionamentos humanos.

CONSIDERAÇÕES DA PLENÁRIA

Além dos convidados, outros participantes da Roda de Conversa se manifestaram sobre suas iniciativas.

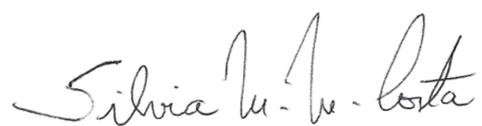
Representante do Laboratório Internet Saúde e Sociedade (LAISS)/Fiocruz ressaltou o alinhamento do trabalho da comunidade virtual de idosos com as atividades do LAISS.

Anna Lucia Alves Dos Santos destacou sua atuação com idosos no Centro de Promoção Social Abrigo Cristo Redentor e participação na criação e consolidação da Associação de Cuidadores de Idosos do Rio de Janeiro, além da militância pelo reconhecimento e regulamentação da ocupação como profissão.

Boris Garay relatou seu trabalho conhecido como Livro Criativo, oferecido para idosos se expressarem por meio de imagens colecionadas em forma de “diário”, assim contribuindo para a promoção da saúde de idosos.

Houve demanda de continuidade da interação começada na Roda de Conversa, levando à criação de um grupo no Facebook intitulado “Gente que pesquisa e trabalha com idoso”, em <https://www.facebook.com/groups/700066140448332/>

Relator: _____
Silvia M. M. Costa

A handwritten signature in cursive script that reads "Silvia M. M. Costa".